



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Taimara Pereira Brito do Couto

**A “Mulher V”: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina  
na Igreja Universal do Reino de Deus**

Rio de Janeiro

2020

Taimara Pereira Brito do Couto

**A “Mulher V”: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja  
Universal do Reino de Deus**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Contins

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C871 Couto, Taimara Pereira Brito do.  
A “Mulher V”: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja Universal do Reino de Deus / Taimara Pereira Brito do Couto. – 2020. 121 f.

Orientador: Marcia Contins.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais

1. Ciências Sociais– Teses. 2. Antropologia da Religião – Teses. 3. Igreja Universal do Reino de Deus – Teses. 4. Mulheres – Teses. I. Contins, Marcia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

es

CDU 3::2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Taimara Pereira Brito do Couto

**A “Mulher V”: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja  
Universal do Reino de Deus**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 03 de junho de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves (Orientadora)  
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cecília Loreto Mariz  
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria das Dores Campos Machado  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da existência e pela Sua presença em minha vida, que me concedeu forças para nunca desistir.

À minha mãe, Cláudia Pereira, meu alicerce, pelo companheirismo e grande incentivo em todos os dias dessa jornada.

Aos meus familiares e amigos pela compreensão e estímulo no período do mestrado.

Ao meu esposo, Cassius Ben Hur Couto, e à sua família pelas demonstrações de apoio e carinho durante a realização deste estudo.

Às minhas interlocutoras que colaboraram significativamente com as informações contidas nesta dissertação.

À professora Marcia Contins, orientadora deste estudo e grande responsável pela minha formação acadêmica. Agradeço pelos anos de convivência e aprendizagem, pelo incentivo, colaboração e profissionalismo.

Às professoras Cecília Mariz e Maria das Dores Machado por terem aceitado compor a Banca Examinadora desta dissertação, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este estudo.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro por todas as oportunidades de aperfeiçoamento acadêmico que me foram proporcionadas.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

COUTO, Taimara. *A “Mulher V”*: uma análise sobre a construção da “virtuosidade” feminina na Igreja Universal do Reino de Deus. 2020. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O objetivo deste trabalho consiste na análise das relações entre religião e gênero a partir dos modos de construção da chamada “virtuosidade feminina” na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa com ênfase qualitativa, baseada na produção de etnografias e na técnica da observação participante, com realização de entrevistas semiestruturadas, levantamentos bibliográficos e pesquisas virtuais. A “virtuosidade” proposta pela IURD é fundamentada no discurso da “Mulher V”, produzido por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo (fundador e atual líder da igreja). Esse discurso é constituído por interpretações de Cristiane Cardoso sobre o livro bíblico *Provérbios 31* que descreve a “mulher virtuosa”. Por meio desta pesquisa, foi constatada a reprodução do discurso da “Mulher V” através das orientações e das atividades propostas pelo projeto Godllywood e pelo Curso de Autoconhecimento da IURD. Também foi analisada a materialidade do discurso a partir da performance de Cristiane Cardoso e das performances das interlocutoras da pesquisa. Baseada na representação da “mulher virtuosa”, a “Mulher V” é descrita como uma mulher de fé, polivalente, dócil, vaidosa, discreta e delicada e é considerada o “perfil de mulher cristã” criado por Deus. Em suma, Cristiane Cardoso materializa a identidade da “Mulher V” e as orientações e atividades propostas por ela, pelo Godllywood e pelo Curso de Autoconhecimento constituem um programa instrutivo e disciplinador que visa desenvolver esse modelo de gênero. Dessa forma, o discurso da “Mulher V” tende a ser corporificado pelas fiéis, permeando suas identidades e experiências sociais e reafirmando representações específicas do feminino. Em síntese, o Godllywood e o Curso de Autoconhecimento são espaços singulares onde as mulheres recebem orientações de Cristiane Cardoso sobre o que é ser mulher, compartilham suas experiências e apresentam seus testemunhos, enfatizando os ensinamentos da IURD e difundindo o modelo de gênero proposto pela igreja.

Palavras chave: Antropologia da Religião. Relações de Gênero. Mulher Virtuosa. Performance e Religião. Igreja Universal. Neopentecostalismo.

## ABSTRACT

COUTO, Taimara. *The “V Woman”*: an analysis of the construction of feminine “virtuosity” in the Universal Church of the Kingdom of God. 2020. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The aim of this work is to analyze the relation between religion and gender based on the construction of “female virtuosity” in the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG). For the development of this study, a research with qualitative emphasis was made, based on the production of ethnographies and the technique of participant observation, with semi-structured interviews, bibliographical and virtual researches. The “virtuosity” proposed by UCKG is based on the speech of “V Woman”, produced by Cristiane Cardoso, Edir Macedo’s daughter (founder and current leader of the church). This speech consists of Cristiane Cardoso’s interpretations about the biblical book *Proverbs 31* that describes the “virtuous woman”. Through this research, the reproduction of the speech of “V Woman” was verified in the orientations and activities proposed by the Godllywood project and the UCKG’s Self-Knowledge Course. Furthermore, the materiality of the discourse was also analyzed through the performance of Cristiane Cardoso and the performances of the research’s interlocutors. Based on the representation of the “virtuous woman”, the “Woman V” is described as a woman of faith, versatile, docile, vain, discreet and delicate and is considered the profile of a woman created by God. In short, Cristiane Cardoso materializes the identity of “V Woman” and the orientations and activities proposed by her, by the Godllywood and by the Self-Knowledge Course constitute a pedagogical and disciplinary program that aims to develop this gender model. Thus, the “Woman V” speech tends to be embodied by the church's faithful, permeating their identities and social experiences and reaffirming specific female representations. In summary, the Godllywood and the Self-Knowledge Course are unique spaces where women receive orientations from Cristiane Cardoso about what it means to be a woman, share their experiences and present their testimonies, emphasizing the teachings of the UCKG and spreading the gender model proposed by the church.

Keywords: Anthropology of Religion. Gender relations. Virtuous woman. Performance and Religion. Universal Church. Neopentecostalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto de Cristiane Cardoso .....	113
Figura 2 - Foto de Cristiane e Renato Cardoso .....	113
Figura 3 - Foto da Godllywood <i>Pledge Night</i> 2015.....	114
Figura 4 - Foto da vestimenta das voluntárias do Raabe .....	114
Figura 5 - Foto da sala do Curso de Autoconhecimento .....	115
Figura 6 - Foto do certificado de conclusão do Curso de Autoconhecimento .....	116



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>A “MULHER VIRTUOSA”: REPRESENTAÇÕES FEMININAS E RELIGIÃO</b> .....	13
1.1	<b>Interlocuções entre religião e gênero</b> .....	14
1.1.1	<u>Gênero</u> .....	15
1.1.2	<u>Religião</u> .....	19
1.1.3	<u>Religião e gênero</u> .....	22
1.2	<b>Tendências de estudo de gênero no contexto pentecostal e neopentecostal</b> ....	29
1.3	<b>A representação da “mulher virtuosa”</b> .....	31
2	<b>A “MULHER V”</b> .....	37
2.1	<b>A performance da “Mulher V”</b> .....	43
2.1.1	<u>A performance de Cristiane Cardoso</u> .....	45
2.2	<b>O Godllywood</b> .....	51
2.2.1	<u>As performances das integrantes do Godllywood</u> .....	55
3	<b>O CURSO DE AUTOCONHECIMENTO: COMO SE TORNAR UMA “MULHER VIRTUOSA”</b> .....	67
3.1	<b>Aulas</b> .....	70
3.1.1	<u>Primeira aula</u> .....	70
3.1.2	<u>Segunda aula</u> .....	70
3.1.3	<u>Terceira aula</u> .....	72
3.1.4	<u>Quarta aula</u> .....	73
3.1.5	<u>Quinta aula</u> .....	74
3.1.6	<u>Sexta aula</u> .....	75
3.1.7	<u>Sétima aula</u> .....	77
3.1.8	<u>Oitava aula</u> .....	77
3.2	<b>O discurso sobre o “mal” e sobre a prosperidade</b> .....	80
3.3	<b>Da perseguição à vitória</b> .....	83
3.3.1	<u>A agência feminina</u> .....	86
3.4	<b>O ideal de conjugalidade</b> .....	88
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	104
	<b>ANEXO A – Figuras</b> .....	113
	<b>ANEXO B – Lista de tarefas/desafios do Godllywood 2019-2020</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

A pesquisa da minha dissertação de mestrado possui como proposta fundamental a análise das relações entre religião e gênero a partir dos modos de construção da chamada “virtuosidade feminina” na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Esta pesquisa é constituída por um recorte analítico no vasto universo das relações entre religião e gênero. O objetivo geral proposto para o estudo consiste em analisar os discursos, as práticas e as performances que configuram a construção da “virtuosidade” proposta pela IURD nos corpos das fiéis da igreja.

A primeira Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 por Edir Macedo, Romildo Soares e Roberto Lopes onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, Rio de Janeiro (GOMES, 2011, p. 52). Com o passar do tempo, a associação entre os pastores se desfez e a igreja passou a ser liderada exclusivamente por Edir Macedo. É interessante mencionar que, antes de começar a pregar o Evangelho, Edir Macedo foi adepto do catolicismo, da umbanda e de outras igrejas evangélicas (ORO, 2006, p. 320). Quando iniciou o seu trabalho de evangelização, Macedo pregava em locais públicos e, posteriormente, alugou antigos cinemas e galpões para seus cultos.

Devido ao rápido crescimento, a IURD começou a realizar as chamadas “concentrações”, onde reunia seus seguidores em amplos espaços. Uma das maiores e mais conhecidas concentrações foi realizada em 1987, no Maracanã, RJ, reunindo cerca de 230 mil pessoas (GOMES, 2011, p. 54). Após esse momento, a Igreja Universal passou a investir intensamente na construção de seus templos e catedrais. O Templo da Glória do Novo Israel, no Rio de Janeiro, e o Templo de Salomão, em São Paulo, por exemplo, destacam-se na paisagem urbana pela grande extensão e suntuosidade. Ademais, através da sua própria arquitetura, tais templos buscam proporcionar o contato com “a terra santa de Israel” para os/as fiéis. Para Contins (2011, p. 13), “a IURD busca, na construção de catedrais, a expressão espacial e arquitetônica de sua ideia de permanência, continuidade, vínculo com uma memória e uma história”.

Ao analisar as relações entre religião e espaço urbano e os processos de apropriação do espaço da cidade, Contins (2015) evidenciou em sua pesquisa que a visibilidade e o crescimento alcançados pelas igrejas pentecostais e neopentecostais têm modificado o espaço religioso nas grandes cidades. De acordo com a autora (p. 75), as igrejas neopentecostais se voltam para o grande público e “além de disporem de um público fixo, investem em uma clientela difusa e móvel”. Ademais, segundo Contins, a arquitetura dessas igrejas se distingue das construções

das pequenas igrejas de bairro e, normalmente, estão localizadas em grandes avenidas, com fácil acesso e grande fluxo de pessoas.

A Igreja Universal do Reino de Deus é identificada como uma das principais representantes do segmento neopentecostal (NUNES, 2006, p. 128), caracterizado pela “forte ênfase na trilogia: cura, prosperidade e libertação (ou exorcismo)” (BITTENCOURT, 1991 apud MARIZ, 1995, p. 41). Apesar de ter perdido mais de 10% de seus fiéis, em comparação com o Censo Demográfico de 2000, a igreja ainda apresenta um número expressivo de adeptos. Segundo o Censo de 2010 feito pelo IBGE, a IURD possui 1.873.243 fiéis, sendo 756.203 homens e 1.117.040 mulheres; porém a própria instituição contesta esses números alegando que a pesquisa do IBGE não verifica locais onde a igreja mais atua, como em áreas carentes, favelas e morros.

Para Ari Pedro Oro (2006, p. 320) a IURD possui, atualmente, uma grande visibilidade por ser detentora de uma das maiores redes de televisão do país, pela diversidade administrativo-econômica, pela presença na política, pelos métodos de evangelização e pelo vínculo com o dinheiro. De acordo com Diana Lima (2007), a caracterização sociológica e demográfica dos fiéis da IURD evidencia a predominância de “pessoas oriundas dos estratos mais pobres da sociedade brasileira, que se concentram nas zonas urbanas e, muitas vezes, não têm acesso ao mercado formal de trabalho ou aos serviços de saúde e educação”.

Meu primeiro contato com a Igreja Universal do Reino de Deus ocorreu no ano de 2013, a convite de minha sogra, que é obreira da IURD e integrante do Godllywood<sup>1</sup>. Assim, iniciei minha participação em alguns cultos e atividades da igreja, apesar de seguir o catolicismo como religião. No ano de 2014, comecei a considerar a IURD como possível objeto de pesquisa. Decerto, as minhas inquietações teóricas surgiram por efeito das leituras e discussões proporcionadas pela participação no projeto de pesquisa, junto ao CNPq, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marcia Contins, intitulado *Religião e Etnicidade na Contemporaneidade*.

Como bolsista de iniciação científica desenvolvi uma pesquisa, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marcia Contins, sobre a Festa dos Tabernáculos na Igreja Universal do Reino de Deus. Tal festa era organizada pelo grupo Godllywood e era direcionada primordialmente ao público feminino da igreja. Segundo a IURD, essa comemoração celebrava a proteção divina que sustentou o povo de Israel no deserto a caminho da “Terra Prometida”. Através da festa, compreendia-se como esse episódio, do caminho à Terra Santa, poderia ser apreendido na atualidade. A partir

---

<sup>1</sup> O Godllywood é um projeto idealizado por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo (líder da IURD), que promove eventos e atividades para as mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus. O seu principal objetivo é transformar as integrantes em “mulheres exemplares”, “mulheres de Deus”, “mulheres virtuosas”.

desse estudo, obtive contato com alguns discursos e práticas do Godllywood e decidi analisar esses elementos em minha monografia de final de curso.

Na monografia, intitulada *O resgate da “essência feminina”*: um estudo sobre o grupo *Godllywood da Igreja Universal do Reino de Deus* (2018), analisei a dinâmica do Godllywood e apresentei uma interpretação sobre o grupo, considerando as implicações de seus discursos e práticas na vida das integrantes. Através desse estudo, observei de forma preliminar a circulação do discurso da “Mulher V” dentro da igreja e refleti brevemente sobre as relações entre religião e gênero. Por perceber a centralidade do discurso da “mulher virtuosa” entre as fiéis, decidi pesquisar de forma mais profunda a representação desse ideal de mulher cristã para a IURD. Dessa forma, surgiu a temática e o objeto de minha pesquisa de mestrado.

Assim, adentrei em um universo religioso que não me era familiar. Nos primeiros meses da pesquisa, frequentei diversos cultos, eventos e palestras da igreja e do projeto Godllywood. Concomitantemente, iniciei leituras de livros oficiais da igreja e de seus representantes, além de acompanhar seus canais de comunicação digital. No início da pesquisa, minha sogra foi minha interlocutora chave e, a partir dela, conheci diversas mulheres fiéis da igreja. Após esse primeiro momento, estabeleci minha própria rede de contato com fiéis que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Torna-se importante mencionar que alguns dos meus familiares são obreiros da IURD e são extremamente atuantes nas atividades da igreja. Acredito que consegui uma maior abertura para conversas com os/as fiéis da igreja por ser identificada como parte de uma família “serva do Altar” - apesar de meu esposo e eu não sermos fiéis da igreja. Assim, mesmo expondo para os fiéis que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre a IURD, obtive a abertura necessária para poder conhecer e descrever o universo de sentidos que se estabelecia naquele contexto.

Com o decorrer do trabalho de campo, conheci as narrativas, as práticas rituais e a lógica das relações sociais que se estabeleciam dentro e fora da igreja. Houve a necessidade de um exercício contínuo de relativização nos momentos de observação e na análise posterior, onde busquei não atribuir juízos de valor às práticas rituais e aos discursos observados. Dessa forma, pude perceber como a realidade interna da instituição e de seus fiéis era bem mais ampla e complexa.

O estudo sobre a Igreja Universal foi iniciado no ano de 2014, todavia a temática da construção da “virtuosidade” feminina começou a ser trabalhada em profundidade a partir de março de 2018. Esse estudo foi posto em diálogo com a bibliografia acadêmica sobre o tema, além de ser discutido e analisado com a orientadora desta pesquisa, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Marcia Contins. Uma parte das etnografias sobre o campo foi realizada no Templo da Glória do Novo Israel

(sede da igreja no RJ) e no Templo de Salomão, em São Paulo (sede da igreja no Brasil). Porém, o foco etnográfico encontra-se em duas unidades da Igreja Universal do Reino de Deus em São Gonçalo, RJ.

Durante todo o período da pesquisa, observei que a Igreja Universal utiliza de maneira intensiva as mídias digitais, de forma que estas já são instrumentos constituintes de suas dinâmicas. Através da pesquisa via internet, percebi que as mídias digitais vinculadas à igreja, aos seus projetos e aos seus representantes são utilizadas não somente como ferramentas de difusão de informações, de moralidades e de ofertas de serviços, mas também como importantes dispositivos educacionais e espaços de interações e de performances de gênero. Assim, a pesquisa virtual foi extremamente enriquecedora para este estudo.

Baseando-me na perspectiva de Machado e Mariz (1997), busco não limitar a análise da religião como um mero instrumento de dominação, repressão e alienação dos oprimidos, de modo a trabalhar outros elementos que o engajamento religioso pode evidenciar. À vista disso, explorarei a trajetória das interlocutoras, investigando as possíveis relações entre a religião e suas experiências sociais. A contribuição deste estudo visa a produção de uma análise sobre a IURD e seus projetos que, além de mobilizar o referencial teórico das Ciências Sociais, considere as opiniões dos próprios participantes.

Uma parte da análise sobre os modos de construção da “virtuosidade” feminina será constituída pelo estudo do discurso da “Mulher V”, produzido por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo. Tal discurso é fundamentado em uma interpretação do livro bíblico *Provérbios 31* que discorre sobre a “mulher virtuosa”. Ademais, analisarei a materialidade desse discurso a partir da performance de Cristiane Cardoso e das performances de minhas interlocutoras. Dessa forma, buscarei perceber as possíveis negociações e estratégias de acomodação dessas disposições de pensamento e ação, de modo a não estereotipar as fiéis como simples receptoras passivas das orientações da igreja.

Buscando alcançar os objetivos pretendidos, optei por realizar uma pesquisa com ênfase qualitativa, baseada na produção de etnografias e na técnica da observação participante. Para a coleta de informações “nativas” utilizei livros, *sites*, redes sociais e programas televisivos oficiais da igreja e de seus principais representantes e realizei entrevistas semiestruturadas e conversas informais com os/as fiéis. Também utilizei material etnográfico produzido sobre cultos, reuniões, palestras e eventos relacionados à igreja que participei. O foco da etnografia encontra-se nas reuniões de dois projetos da IURD: o Godllywood e o Curso de Autoconhecimento, que serão apresentados e analisados nos capítulos posteriores.

Para apresentar os resultados do estudo, organizei esta dissertação em 3 capítulos, seguidos das considerações finais e anexos. O texto está estruturado da seguinte maneira:

O Capítulo I, intitulado *A “mulher virtuosa”: representações femininas e religião*, é um capítulo essencialmente teórico que visa apresentar sinteticamente as categorias analíticas “gênero” e “religião” e suas interlocuções presentes em pesquisas acadêmicas das Ciências Humanas. Além disso, apresento estudos sobre a representação da “mulher virtuosa” em diferentes religiões e destaco as tendências de estudo de gênero no contexto pentecostal e neopentecostal.

No Capítulo II, intitulado *A Mulher V*, apresento o discurso da “mulher virtuosa” produzido por Cristiane Cardoso e exponho as características e papéis desse modelo ideal de mulher cristã da IURD. Apresento o Godllywood e analiso as atividades e os discursos propostos pelo projeto. Também reflito sobre como as orientações de Cristiane Cardoso acerca do desenvolvimento da “virtuosidade” podem se materializar a partir de sua própria performance e das performances das integrantes do Godllywood. Exponho, portanto, a potencialidade dos discursos e práticas da IURD em permearem as identidades, subjetividades e experiências sociais das fiéis da igreja.

No Capítulo III, intitulado *O curso de Autoconhecimento: como se tornar uma “mulher virtuosa”*, apresento um curso realizado pelo Godllywood onde há a apresentação e a (re)produção da “virtuosidade” feminina proposta pela IURD. Analiso a dinâmica do curso e sua vinculação com os discursos sobre o “mal” e sobre a prosperidade produzidos pela igreja. Reflito também sobre a importância dos testemunhos apresentados para a constituição dos sujeitos e para a reprodução e comprovação da eficácia dos ensinamentos da IURD. Analiso a centralidade da noção de agência e como o curso pode ser um possível espaço de promoção agenciamentos diversos. Ademais, exponho o ideal de conjugalidade apresentado nas aulas, considerando o curso como um espaço de apresentação, reprodução e incentivo dos modelos de gênero descritos por Cristiane Cardoso.

Nas considerações finais, apresento de forma sintética os resultados das observações e análises desenvolvidas no decorrer da pesquisa.

Algumas produções acadêmicas sobre a IURD evidenciam perspectivas externas e fragmentadas, que ignoram os símbolos e a lógica interna dessa igreja (GOMES, 2011, p. 29). Acredito que, quando não consideramos a perspectiva interna do grupo, torna-se difícil a observação da sua organização, das interações entre os atores sociais e da produção e materialização de seu *ethos*. Portanto, me propus a investigar o campo de forma a considerar os modos de construção da “virtuosidade” feminina propostos pelos representantes da igreja, dialogando também com relatos das interlocutoras da pesquisa. Assim, procurei descrever as orientações, as atividades e as performances propostas considerando a complexidade e os elementos simbólicos que as constituem.

## 1 A “MULHER VIRTUOSA”: REPRESENTAÇÕES FEMININAS E RELIGIÃO

O estudo sobre as representações da “mulher ideal” tem sido desenvolvido por diversos pesquisadores das Ciências Humanas em diferentes contextos e grupos sociais. Grande parte desses estudos evidencia a influência dos discursos religiosos na configuração dos imaginários sociais sobre o que é ser mulher e como sê-la. Ao trabalhar essa temática, Saffioti (1992) ressaltou o relevante papel das instituições de poder na legitimação dos modelos sexuais; para a autora “O papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder” (SAFFIOTI, 1992, p. 188).

Seguindo essa perspectiva, podemos citar o livro *História das mulheres e as representações do feminino* (2008), de Losandro Tedeschi, que aborda a influência dos discursos religiosos na produção das representações do feminino. Nessa obra, o autor analisa alguns discursos filosóficos- religiosos buscando compreender como a sociedade, em diferentes momentos históricos, idealizava o comportamento feminino e produzia representações ideais para as mulheres. No segundo capítulo do livro intitulado *Representações do feminino*, Tedeschi (2008, p. 12) analisa a construção histórico-filosófica de discursos que conferiram caráter científico e/ou natural aos papéis da mulher e sobre o que significa ser mulher.

Segundo o autor, dois discursos se mostram fundamentais para compreender as primeiras representações produzidas sobre o feminino: o discurso de matriz filosófica grega e o discurso da moral cristã no mundo medieval. Para Tedeschi, o primeiro discurso concebia a mulher como um objeto e um ser sem pensar autônomo, que deveria viver sob a tutela do homem. Assim, de acordo com o autor, essas representações fundamentavam a “inferioridade” e “fragilidade” femininas, podendo ser percebidas no pensamento filosófico de Platão, Aristóteles e Hipócrates.

Em relação à representação feminina presente no discurso da moral cristã, Tedeschi afirma que a ênfase dada ao papel da mulher como mãe e esposa contribuiu para a definição da posição social, das funções e das normas de conduta femininas na igreja e na sociedade. Com isso, o autor ressalta que a desigualdade de gênero é construída e reconstruída “[...] numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, a educação, o direito etc, perpetuando-se através da história e legitimando-se sob seu tempo” (TEDESCHI, 2008, p. 123).

Inspirando-me na proposta de estudo de Tedeschi, pretendo com esta pesquisa analisar a representação feminina da “mulher virtuosa” proposta pelo discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Trata-se de uma “virtuosidade” específica, fundamentada no texto

bíblico *Provérbios 31*<sup>2</sup> e constituída por interpretações dos líderes da IURD. Dessa forma, a partir das interpretações realizadas, a “virtuosidade” adquire significados e sentidos específicos que são produzidos, enfatizados e incentivados no contexto do campo estudado. Tais interpretações, sentidos e significados relacionados à “mulher virtuosa” na IURD e os modos de produção dessa “virtuosidade” específica serão trabalhados no decorrer dos capítulos.

### 1.1 Interlocuções entre religião e gênero

Neste subcapítulo, pretendo discorrer sinteticamente sobre as interlocuções entre as categorias analíticas “religião” e “gênero” presentes em pesquisas acadêmicas das Ciências Humanas, buscando apresentar algumas abordagens possíveis. Tendo em vista a pluralidade de conceituação e de uso das categorias mencionadas, gostaria de enfatizar que não pretendo expor o complexo debate conceitual sobre as categorias em questão e nem determinar os usos e conceituações corretos ou incorretos. Portanto, não se trata de um trabalho exaustivo de exposição de teorias e métodos de pesquisa, busco somente apresentar perspectivas analíticas que foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos de religião e gênero e que norteiam esta pesquisa. Dessa forma, refletirei sobre como a interlocução entre religião e gênero aparece nas práticas e nos discursos propostos pela IURD através de seus projetos, eventos, *sites*, redes sociais e produções bibliográficas.

Apesar de apresentar os aportes feministas de pesquisa, não é meu objetivo principal elaborar uma crítica feminista das relações de gênero que são propostas e estabelecidas no contexto da Igreja Universal. Conforme exposto anteriormente, pretendo evidenciar os mecanismos discursivos e práticos utilizados pela igreja que configuram propostas de

---

<sup>2</sup> Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis. O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo. Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão. Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos. Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca. Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado. Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata. Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura. Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra. Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores. A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro. Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua. Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva. Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente! Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa sim será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas (PROVÉRBIOS 31: 10-31).



gendramento<sup>3</sup> de corpos, identidades, subjetividades e experiências sociais. Antes de apresentar a literatura sobre o tema, torna-se importante enfatizar também que o movimento feminista e as teorias de gênero e da religião não são campos unívocos, mas sim dinâmicos e diversos, constituídos por diferentes vertentes. Baseando-me em produções bibliográficas das Ciências Humanas e Sociais, buscarei evidenciar os princípios, temas, argumentos e metodologias mais comuns e gerais que abordarei na pesquisa.

### 1.1.1 Gênero

Na literatura acadêmica encontramos diferentes informações sobre a origem do termo “gênero”<sup>4</sup> dependendo do campo de saber abordado; porém limitarei esta apresentação aos estudos ligados às Ciências Humanas e Sociais. Segundo Freire (2018, p. 127), o gênero é compreendido como uma categoria analítica criada a partir das abordagens feministas<sup>5</sup>. Seguindo este mesmo raciocínio, Joana Maria Pedro (2005) afirma que a categoria “gênero” foi utilizada a partir da segunda onda<sup>6</sup> do movimento feminista, o que evidenciaria uma clara articulação entre este movimento e a emergência dos estudos de gênero (CORRÊA, 2001, p. 24). Segundo Maciel (2015, p. 35), a base da produção teórica sobre gênero está ligada à história das lutas feministas que expuseram e criticaram as assimetrias entre os gêneros nos diferentes campos sociais.

Ao analisar a “história das mulheres”, Joan Scott (1992) também vincula a emergência dos estudos sobre gênero ao feminismo. Para ela, o movimento feminista reivindicava a visibilidade da participação feminina na história e evidenciava a opressão patriarcal na sociedade. Dessa forma, Scott afirma que o gênero, como categoria útil de análise, auxiliaria na exposição e na crítica da invisibilidade feminina na sociedade e no processo de produção do conhecimento. O gênero, então, transforma “[...] seres biologicamente machos e fêmeas em

---

<sup>3</sup> O termo gendramento pode ser entendido aqui como o processo por meio do qual os sujeitos são marcados social, cultural e politicamente pela sua especificidade de gênero.

<sup>4</sup> Ver OKA; LAURENTI (2018).

<sup>5</sup> Apesar de ser um movimento político dinâmico e diverso, o movimento feminista, em geral, criticava a desigualdade entre homens e mulheres e propunha uma transformação das relações de gênero. Segundo Munhoz (2008, p. 24-25), o feminismo é expressão da “[...] tomada de consciência coletiva pelas mulheres de sua condição histórica de opressão sim, mas muito mais ainda da sua resistência ativa e organizada para modificar essa situação e se tornarem sujeitos políticos de transformação”. Assim, o movimento feminista incentivou esforços para entender como se produzem, se mantêm e se transformam os padrões e as desigualdades de gênero em nossas sociedades (GIDDENS, 2005, p. 102).

<sup>6</sup> O feminismo tem sido classificado em três fases que não são fixas nem lineares: a fase universalista, humanista ou das lutas igualitárias pela aquisição de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista e/ou essencialista, das lutas pela afirmação das diferenças e da identidade; e a terceira fase, denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que deu apoio às teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades (SCAVONE, 2008a, p. 177).

homens e mulheres, seres sociais” (FILHO, 2005, p. 138), atribuindo significado às distinções entre os sexos.

Os estudos de gênero produzidos por Joan Scott incorporaram também a análise das relações de poder na sociedade. Assim, o gênero além de ser um elemento constitutivo de relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos é também uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86). Portanto, segundo a autora, o gênero pode ser percebido como um campo no qual ou por meio do qual o poder se organiza, estruturando a percepção e a organização da vida social. Dessa forma, o gênero como categoria analítica se apresenta como um meio de compreensão dos sentidos e das relações entre as variadas formas de interação social, podendo

[...] lançar luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais (FILHO, 2005, p. 129).

Podemos perceber, então, que a construção da masculinidade também é analisada pelos estudos de gênero, focalizando o aspecto relacional da categoria gênero. Assim, tais estudos analisam os mecanismos que atribuem características essenciais à identidade feminina e masculina e que (re)produzem as assimetrias nas relações de gênero (FILHO, 2005, p. 139-140), dando visibilidade às relações de dominação e poder e questionando a ordem sexual tida como natural (SCAVONE, 2008a, p. 178). Os estudos de gênero ainda evidenciam a historicidade presente nas distinções entre os sexos e gêneros (FILHO, 2005, p. 149), deslocando as explicações para as condições históricas e culturais em que as desigualdades de gênero se manifestam (OKA; LAURENTI, 2018, p. 243).

É importante mencionar que diversos campos de pensamento introduziram a perspectiva feminista/de gênero em suas análises, o que resultou no acréscimo de novos olhares, temas, categorias e problematizações e na avaliação das proposições e metodologias do trabalho científico, colocando em dúvida a suposta neutralidade e objetividade da ciência<sup>7</sup> (FREIRE, 2018; MACIEL, 2015). As epistemologias feministas acrescentaram as mulheres como sujeito e objeto de conhecimento científico, evidenciando as desigualdades de gênero que foram incorporadas no fazer científico e reconstruindo “[...] o referencial de análise da realidade pela incorporação do gênero como categoria analítica” (FREIRE, 2015, p. 388). Assim, as práticas

<sup>7</sup> De acordo com Scavone (2008a, p. 174), muitas das questões colocadas pela teoria feminista devem ser contextualizadas no processo de transição de paradigmas decorrente das transformações políticas, econômicas e sociais, como as guerras e os movimentos de descolonização, que colocaram em cena novas vozes, contribuindo para a desconstrução do sujeito único e universal. Outros fatores importantes foram: o desenvolvimento da sociedade urbano-industrial moderna, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e o advento da contracepção medicalizada (SCAVONE, 2008a, p. 176).

científicas feministas fundamentam-se em uma práxis política que possui como projeto a transformação das relações de gênero (SARDENBERG, 2002).

Com a crítica ao universalismo científico, a proposta feminista também abriu caminhos para o desenvolvimento de uma ciência que empodera o sujeito a partir de sua realidade e particularidade, valorizando a diversidade e a diferença (FREIRE, 2018). Podemos perceber, portanto, que os questionamentos feministas, juntamente com os estudos de gênero, enfatizam a desnaturalização e desessencialização das definições e classificações humanas (CORRÊA, 2001, p.27). Marta Lamas (2000, p. 13) também chama atenção para esse aspecto ao afirmar que

Um grande êxito do feminismo foi ter conseguido modificar não somente a perspectiva política com que se abordava o conflito nas relações mulher-homem, mas também transformar o paradigma utilizado para explicá-lo. O novo conceito gênero permitiu a compreensão de que não é a anatomia que posiciona mulheres e homens em âmbitos e hierarquias distintos, e sim a simbolização que as sociedades fazem dela.

Scavone (2008a) ao refletir sobre as implicações políticas e científicas dos estudos de gênero enfatiza a não neutralidade e o comprometimento político de tal produção. De acordo com a autora (SCAVONE, 2008a, p.174-175), os estudos de gênero emergiram de um diálogo com o movimento feminista, especialmente na Europa pós-68 e nos Estados Unidos, e introduziram novas abordagens e questões científicas à Sociologia. Assim, as lutas feministas propiciaram visibilidade às questões de gênero, oferecendo condições para o desenvolvimento de uma teoria crítica feminista que forneceu o alicerce para a produção teórica sobre as relações sociais de sexo/gênero (SCAVONE, 2008a, p. 176). Portanto, para a autora (p. 176), os estudos de gênero e feministas

Marcados pelas ressonâncias das lutas por redistribuição, justiça e direitos políticos e sociais e/ou por lutas pelo reconhecimento e/ou identitárias [...] mostraram-se historicamente comprometidos com a transformação das relações de dominação e poder masculinos associando-as a contextos mais abrangentes. Buscaram compreender os problemas que constituem as relações de gênero na sociedade, trazendo-os para o debate e a reflexão política e social mais amplos, associando-os, em determinadas análises, à classe e à raça, especialmente no Brasil e no restante da América Latina.

Scavone (2008a, p. 174) afirma que no campo de estudos de gênero existem, de um lado, pesquisadores que negam a ligação com o movimento feminista, utilizando o gênero como se fosse apenas uma categoria nomeadora, neutra; e de outro, pesquisadores que minimizam o caráter científico das pesquisas, limitando o diálogo com as teorias sociais por não ultrapassar o enfoque da denúncia. A autora então propõe uma *Sociologia Feminista* que, engajada crítica e politicamente, considere as relações de dominação, mas não dispense o diálogo com as teorias acadêmicas, relacionando assim teoria e ação política.

Segundo Scavone (2008a, p. 175), a partir da fase contemporânea do feminismo houve uma ampliação do campo de investigação científica sobre o gênero. Assim, os problemas relacionados ao trabalho, à saúde, à política, à educação, à família, à religião, à violência, às ciências, à cultura, à identidade, ao corpo, às tecnologias produtivas e reprodutivas, e à sexualidade passaram a ser tratados na perspectiva de gênero (SCAVONE, 2008a, p. 178). A autora também menciona obras importantes que abriram caminho para a construção do campo de estudos de gênero antes da fase contemporânea do feminismo, como as pesquisas de Madeleine Guilbert (1946), Margareth Mead (1948) e Simone de Beauvoir (1949).

O livro *O Segundo Sexo* (1949) de Beauvoir, por exemplo, introduziu um debate político mais radical e apresentou as matrizes teóricas de uma nova etapa do feminismo, através de sua crítica à função da maternidade feminina e da discussão sobre liberdade sexual e liberação das práticas de contracepção e do aborto (SCAVONE, 2008a, p. 175-176). Segundo Scavone (2008a, p. 176), a obra foi um “[...] marco da passagem do feminismo igualitarista, no molde sufragista, para a fase do feminismo centrado na mulher sujeito, criando os elementos necessários para a politização das questões privadas”. Nessa obra, Beauvoir contestou o determinismo biológico e religioso ao afirmar que não se nasce mulher, mas se torna mulher. Assim, ao distinguir o componente social do aspecto biológico do sexo feminino, a autora lançou os alicerces para os estudos de gênero (SCAVONE, 2008a, p. 175).

Butler (2003 apud SCAVONE, 2008a, p. 180) apresenta um outro desdobramento do conceito de gênero ao questionar a normatividade heterossexual e enfatizar o aspecto socialmente contingente e transformável dos corpos e da sexualidade. Dessa forma, os estudos de gênero do final do século XX começaram a questionar a fixidez da representação binária dos gêneros, desessencializando-os. Butler procurou romper com a distinção dicotômica sexo (biológico)/gênero (social) subentendida na obra de Simone de Beauvoir, indicando que os corpos sexuados podem experimentar diversos gêneros que vão além dos dois usuais (masculino e feminino) (SCAVONE, 2008a, p. 176). A filósofa feminista também critica a ordem compulsória que alinha sexo/gênero/sexualidade e demonstra como a própria formulação da categoria do sexo - tida como uma categoria real, fixa e objetiva – é generificada, afirmando que “as pressuposições culturais sobre o status relativo de homens e mulheres e sobre a relação binária do gênero estruturam e orientam as pesquisas sobre a determinação sexual” (BUTLER, 2003, p. 160).

Linda Nicholson (2000) sintetiza de modo interessante as formas de utilização do conceito gênero apresentadas em Beauvoir e Butler. De acordo com a autora (2000, p. 9), a palavra “gênero” é utilizada pela teoria feminista de duas maneiras diferentes e até opostas em alguns aspectos. De um lado encontramos uma vertente que compreende o gênero em oposição

ao sexo, estando o primeiro relacionado ao que é socialmente construído (personalidade, comportamento) e o segundo ao que é biologicamente dado (corpo). Assim, o sexo estaria relacionado às características bioquímicas e fisiológicas do humano, enquanto o gênero seria uma marca cultural sobre a realidade biológica, “[...] a interpretação dessa materialidade de maneira contingente a cada sociedade e momento histórico” (OKA; LAURENTI, 2018, p. 244).

Na outra vertente, a categoria gênero encontra-se relacionada a qualquer construção social que diferencie o masculino do feminino, englobando as construções sociais que produzem e distinguem os corpos femininos dos masculinos. Pesquisadores dessa corrente analisam como o próprio sexo, percebido como uma realidade fixa, da “natureza”, é também contingente ao agenciamento humano e ao contexto cultural (OKA; LAURENTI, 2018, p. 245). Dessa forma, podemos observar que diversas teorias constituem os estudos de gênero, indicando a multiplicidade das análises feministas e a existência de influências teóricas distintas e até conflitantes (SCAVONE, 2008a, p. 179).

Em síntese, o campo de estudos de gênero encontra-se em um contínuo movimento de reflexão, construção e reconstrução de suas vertentes. De acordo com Scavone (2008a, p. 179), atualmente, o aprofundamento e a diversificação do conceito de gênero possibilitam falar em teorias de gênero, no plural. Dentro desse campo de estudo também se desenvolve um debate sobre as fronteiras da vinculação entre militância e pesquisa na produção do conhecimento científico, que não apresentarei neste texto por não ser o foco do estudo.

Em suma, o gênero enquanto categoria de análise propôs transformações nos paradigmas do conhecimento científico, acrescentando não somente novas temáticas de pesquisa, mas também analisando criticamente os pressupostos e critérios do trabalho científico (FILHO, 2005, p. 129-130). Segundo Filho (2005), o gênero juntamente com os conceitos de classe e “raça” demonstraram o interesse em incluir os discursos dos “oprimidos” no conhecimento científico, analisando o sentido e a natureza dessa opressão. Cabe, portanto, reconhecer a importante contribuição dos estudos de gênero em evidenciar aspectos da assimetria social e das relações de poder entre homens e mulheres nos diversos campos sociais.

### 1.1.2 Religião

Grande parte do pensamento evolucionário do século XIX considerava a religião uma condição humana primeira a partir da qual o direito, a ciência e a política atuais emergiram e se separaram (ASAD, 2010, p. 263). A partir do século XX, muitos antropólogos abandonaram as perspectivas evolucionárias, questionando a ideia de que a religião seria uma forma arcaica do pensamento científico ou um modo primitivo das instituições modernas (ASAD, 2010).

Em relação à dimensão simbólica da religião, podemos citar as contribuições bibliográficas de Clifford Geertz. De acordo com o autor (1989, p. 67), a religião é

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Segundo Geertz (1989, p. 91), a partir dessa definição o estudo antropológico da religião deveria ser realizado em dois estágios: pela análise do sistema de significados incorporado nos símbolos que formam a religião e pelo relacionamento desses sistemas aos processos sócio estruturais e psicológicos. No que tange à essa perspectiva do autor, o antropólogo cultural Talal Asad (2010, p. 277) afirma que os dois estágios propostos por Geertz deveriam ser apenas um. Para Asad (2010),

Os símbolos religiosos – sejam eles pensados em termos de comunicação ou cognição, como guias para a ação ou para expressar emoção – não podem ser compreendidos independentemente de suas relações históricas com os símbolos não religiosos ou de suas articulações no interior e sobre a vida social, na qual trabalho e poder são sempre cruciais.

Dessa forma, ao analisar o processo de produção do conceito antropológico de religião a partir da definição proposta por Geertz, Asad problematiza a essência trans-histórica do conceito. Segundo o autor (2010, p. 264), o seu argumento é que “[...] não pode haver uma definição universal de religião, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque esta definição é ela mesma o produto histórico de processos discursivos”.

Para exemplificar tal argumento, Asad demonstra como as crenças, as práticas e os efeitos que eram considerados religiosos na época cristã medieval são muito diferentes dos que são considerados atualmente. Dessa forma, diversos tipos de práticas e discursos podem constituir o campo onde as representações religiosas adquirem sua autenticidade (ASAD, 2010, p. 278). Assim, segundo Asad (2010), a possibilidade e o status autoritativo dos significados das práticas e das enunciações religiosas devem ser explicados enquanto produtos de forças e disciplinas historicamente específicas.

Já para Peter Berger (1985), a religião é uma projeção humana, um sistema de representação simbólica pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ela fornece significado para o mundo, ordenação da realidade e orientação para a experiência e a identidade dos indivíduos. A religião também é um instrumento de legitimação da ordem social, na medida em que relaciona as construções sociais com a realidade suprema, mascarando o caráter

humano da criação da sociedade (BERGER, 1985). Tal legitimação só é válida se houver uma estrutura de plausibilidade, ou seja, de aceitação social para aquela concepção de mundo.

Em relação à sociedade brasileira, Duarte (2006 apud BUSIN, 2011, p. 113) afirma que a cultura do país possui como característica fundante uma “sensibilidade ao religioso”, estando permeada até os dias de hoje por intensa religiosidade (BUSIN, 2011, p. 113). Nesse contexto, é interessante mencionar a especificidade do caso brasileiro no debate sobre secularização e dessecularização. Segundo Mariz (2006), o pensamento moderno, que privilegia o conhecimento científico e racional, questionou o conhecimento e o poder dos grupos religiosos. Com isso, se construiu um projeto de secularização que visava eliminar a religião dos outros diversos âmbitos sociais. De acordo com Berger (1985, p. 137), a secularização proporcionou uma situação nova para o homem moderno, onde as legitimações religiosas perderam sua plausibilidade, o que gerou uma “crise de credibilidade” da religião.

Nesse debate, Mariz (2006) evidencia a parcialidade da secularização, visto que há diferentes graus de secularização pelo mundo. A autora afirma que pesquisadores desenvolveram a hipótese de que “[...] haveria um esgotamento da secularização e estaria ocorrendo a dessecularização, ou seja, uma volta da religião e seu fortalecimento” (MARIZ, 2006, p. 20). Ao analisar o contexto brasileiro, a autora afirma que, no país, a saída da religião das demais esferas sociais - como a política, a família, a educação - e o desenvolvimento de sua autonomia nunca foram realizados completamente. Ou seja, não houve o processo de secularização ou dessecularização no Brasil, visto que a religião sempre esteve fortemente presente na sociedade e na cultura brasileiras.

Assim, através de constatações empíricas, Berger (2017) expôs a fragilidade da teoria da secularização. Segundo o autor, apesar de haver algumas exceções, “[...] o nosso mundo não é nada secular; ele é tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda” (BERGER, 2017, p. 11). Berger então observou a presença de importantes movimentos de revitalização espiritual, como o pentecostalismo e, a partir dessas novas constatações, o autor propôs um outro paradigma baseado principalmente na ideia de pluralismo. De acordo com autor, na sociedade atual existem diversos grupos e religiões distintas que coexistem e fornecem diferentes interpretações da realidade. Tal situação amplia as possibilidades de escolha do indivíduo e isso pode ocasionar crises de sentido e acirramentos identitários. Assim, o desafio dos indivíduos na sociedade plural seria o de não dissolver suas convicções no relativismo absoluto e não se entregar aos discursos fundamentalistas fanáticos.

Desse modo, o pluralismo torna-se um grande desafio para as comunidades religiosas, visto que as “verdades” oferecidas pela religião já não são consideradas tão evidentes como antes. Berger (1985, p. 162) esclarece essa argumentação afirmando que

A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social.

Ainda sobre este debate, Mariz (2006, p. 22) afirma que a modernidade não estaria necessariamente ligada à secularização, e mesmo onde ocorre a dessecularização, a religião continua exercendo influência, porém já não é mais capaz de realizar a mesma função que possuía na pré-modernidade devido à pluralidade global atual. Para a autora (p.22)

[...] é importante ressaltar que apesar de toda alegada crise da modernidade e da ciência, e do surgimento de movimentos fundamentalistas, o que se nota no sistema mundial é uma ampliação da sociedade capitalista, de sua tecnologia criada a partir do método científico, além da intensificação da convivência entre religiões diversas, convivência essa que requer limites no poder de uma única religião impedindo que assuma o tradicional papel encompassador.

Em se tratando de “sociedades modernas” o religioso deve ser compreendido no sentido abrangente de uma “visão de mundo”, uma cosmologia estruturante, a qual admite que o espaço da “religiosidade” abarca atualmente muitos valores e comportamentos considerados “laicos” ou “não confessionais” (DUARTE, 2006 apud BUSIN, 2011, p. 113). No decorrer dos capítulos, exporei fatos e/ou situações que exemplificarão a incorporação de aspectos considerados laicos no âmbito religioso da Igreja Universal, demonstrando como tais aspectos adquirem atributos “sagrados”. Em síntese, podemos afirmar que a análise dos fenômenos religiosos requer a inserção “[...] num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesses, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades” (SOUZA, S., 2004, p. 122-123).

### 1.1.3 Religião e gênero

Segundo Woodhead (2001 apud ROSADO, 2001, p. 91), a falta de atenção à categoria gênero foi “Uma das razões pelas quais o largo ressurgimento das religiões no final do século XX pegou tantos sociólogos e comentaristas de surpresa, e abalou tantas teorias da secularização”. De acordo com Rosado (2001, p. 79), o desenvolvimento de um estudo



feminista da religião que analisasse as representações, relações e discursos de gênero nas Ciências Humanas foi lento e gradual. No entanto, é perceptível o crescente desenvolvimento dos estudos que vinculam gênero e religião nas últimas décadas (MACIEL, 2015, p. 34), principalmente a partir dos anos 60 com a segunda onda do feminismo (WOODHEAD, 2001 apud ROSADO, 2001, p. 80). Tais produções foram acompanhadas por renovações dos marcos teóricos e metodológicos, com a incorporação de novos enfoques, fontes e modos de análise que questionam os paradigmas convencionais e contribuem para redefinir e ampliar noções tradicionais do conhecimento (MACIEL, 2015, p. 34-35).

De acordo com Scavone (2008b), os vínculos entre religião e gênero foram analisados nas grandes religiões ocidentais - principalmente no contexto do catolicismo - a partir do final da década de 1960 por integrantes do movimento feminista contemporâneo. Segundo a autora, o desenvolvimento do movimento feminista possibilitou que as questões de gênero fossem discutidas em diversos campos sociais e “[...] o campo religioso, em seu aspecto institucional, tradicionalmente antifeminista, não ficou imune aos efeitos sociais e culturais das ideias feministas contemporâneas” (SCAVONE, 2008b, p.7). Neste contexto, Woodhead (2002, p. 1) afirma que as teorias feministas acabaram sendo muito utilizadas nos estudos sobre mulheres e religião por visibilizarem a categoria gênero - categoria que não era discutida nas clássicas teorias da sociologia da religião.

A questão do gênero é de suma importância na análise das religiões tendo em vista as assimetrias entre homens e mulheres presentes nos espaços religiosos. Para Maria Rosado-Nunes (2005, p. 363) “[...] as religiões são um campo de investimento masculino por excelência”, visto que, historicamente, os homens controlam a produção do que é sagrado, estabelecendo normas, regras e doutrinas em praticamente todas as religiões conhecidas. Assim, no decorrer da história, as mulheres ficaram ausentes dos espaços produtores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas, investindo mais no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso (ROSADO-NUNES, 2005). Dessa forma, afirma a autora (2005, p. 363), os discursos e as práticas religiosas levam a marca dessa dominação.

No tocante à relação com o movimento feminista, Maria José Rosado-Nunes (2006, p. 294) afirma que as religiões e os estudos sobre as religiões foram impactados pelo feminismo - como movimento ou como pensamento - de forma significativa. No campo religioso observamos reivindicações das fiéis por acesso ao pastorado ou sacerdócio, desenvolvimento de um discurso teológico elaborado por mulheres, revisões das interpretações dos textos

sagrados, críticas à doutrina e à organização institucional, abandono da fé religiosa ou a criação de novas formas e espaços de relacionamento com o sagrado (ROSADO-NUNES, 2005).

Já no campo dos estudos das religiões, verifica-se o crescimento de produções que incorporam os pressupostos teórico-metodológicos feministas e analisam a realidade religiosa abordando as assimetrias de gênero. Assim, muitos estudos começaram a sugerir que o gênero é um mediador da experiência religiosa e, por isso, homens e mulheres realizariam diferentes interpretações dos símbolos religiosos e possuiriam distintas práticas religiosas (DROGUS, 1997 apud ROSADO, 2001, p. 91).

Para Woodhead (2013, p. 94), apesar da crescente produção de estudos sociológicos sobre a relação entre gênero e religião, a literatura sociológica reconheceu mais tardiamente a importância da vinculação entre essas categorias em comparação com a literatura da psicologia e da antropologia. Segundo a autora, a introdução da perspectiva de gênero proporcionou diversos efeitos nos estudos sobre religião, como o questionamento do próprio conceito de religião, das formas de religiosidade valorizadas e das teorias e temas dominantes e a adaptação dos métodos de pesquisa. A partir dessas inovações, aspectos mais ordinários do fenômeno religioso começaram a ser trabalhados como o corpo, as emoções, o espaço e os lugares (WOODHEAD, 2013, p. 95).

Assim, além da influência nos espaços religiosos, os princípios, teorias e metodologias feministas foram incorporados nos estudos sobre religião. Como mencionado anteriormente, a crítica feminista desestabiliza as noções de sujeito e de objeto, os pressupostos teóricos e metodológicos da ciência. A tradição da crítica feminista nos estudos sobre religião analisava o papel desta na consolidação da diferença e da desigualdade de gênero (WOODHEAD, 2013, p. 83). Além disso, o referencial teórico feminista proporcionou a visibilidade das mulheres e a interpretação destas a partir do concreto de sua existência (FREIRE, 2018, p. 128), questionando também as reais possibilidades de mudanças favoráveis às mulheres no contexto religioso (ROSADO, 2001, p. 96).

Não podemos negar, inclusive, o impacto do movimento feminista na teologia cristã e não cristã. De acordo com Nason-Clark (1998, p. 186 apud ROSADO, 2001, p. 82), com a segunda onda do feminismo, nos anos 60 a 70, as mulheres teólogas passaram a incorporar sua crescente consciência feminista nas práticas religiosas e nos trabalhos acadêmicos. A Teologia Feminista foi produzida inicialmente em alguns países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, se desenvolvendo posteriormente na América Latina, Ásia e África a partir da década de 1980 (MACIEL, 2015, p. 47).

*The Woman's Bible*, publicado por Elisabeth Cady Stanton entre 1895 e 1898, iniciou o extenso e segmentado processo que culminou na constituição de uma Teologia Feminista no final de 1960 (ROSADO, 2001, p. 81). Ao apresentar uma interpretação feminista de textos bíblicos, a obra abriu caminho para revisões e reinterpretações da Bíblia. Assim, produziram-se livros, periódicos e encontros acadêmicos destinados a desenvolver a teologia a partir de uma ótica feminista.

Torna-se importante mencionar que existe uma variedade de teologias feministas que se diferem em relação às concepções políticas e/ou teóricas (ROSADO, 2001, p. 84). Dentro das elaborações teológicas feministas são apontadas, por exemplo, críticas ao monoteísmo, à imagem masculina da divindade, à figura submissa e virginal de Maria, à ideia de uma “natureza feminina”, às interpretações sexistas dos textos sagrados, à existência de uma única religião verdadeira, ao monopólio masculino da produção do saber religioso, à hierarquização de gênero, aos limites da atuação feminina no espaço religioso, entre outros (ROSADO, 2001). Segundo Rosado (2001, p. 84), algumas teólogas partem desses questionamentos para propor uma transformação em seu próprio credo ou a criação de novos grupos espirituais.

A produção teológica feminista é razoavelmente recente, mas se mostra em contínua expansão. No Brasil, a elaboração teológica mais difundida tem origem no cristianismo, em especial no protestantismo e catolicismo (ROSADO, 2001, p. 85). Por fim, assim como afirma Maciel (2015, p. 51), acredito que o encontro entre feminismo e cristianismo não é unívoco, mas sim complexo, diversificado e se desenvolve através de múltiplas experiências.

Em geral, os estudos feministas pós anos 60 que entrelaçavam gênero e religião buscavam compreender sociologicamente a relação entre as mulheres e os fenômenos religiosos, produzindo críticas às determinações da igreja na vida dessas mulheres e à hierarquia de gênero (SCAVONE, 2008b, p. 1). Segundo Scavone (2008b), perguntava-se “por que as mulheres buscavam a religião, se a religião ratificava-lhes um lugar de subalternidade na sociedade?”. Seguindo esta perspectiva, os sociólogos que estudaram as religiões conservadoras também se perguntavam o porquê das mulheres se associarem voluntariamente a grupos que sacralizam as diferenças e desigualdades de gênero (WOODHEAD, 2013, p. 84). Nessa conjuntura, também foi analisado o papel da religião na construção da masculinidade e da feminilidade através de uma perspectiva relacional.

Segundo Rosado-Nunes (2005, p. 363), os estudos feministas e de gênero encontraram nas religiões suas principais antagonistas, visto que as religiões “[...] definem ‘a natureza humana’ como resultado de uma determinação divina intocável”, enquanto que os estudos feministas possuem como premissa básica a contraposição às determinações biológicas ou

naturais do feminino e masculino. De acordo com Rosado (2001, p. 86), a influência dos elementos teórico-metodológicos feministas no estudo das religiões resultou, em um primeiro momento, na crítica política e militante contra a religião. As religiões foram vistas como instrumentos de controle das mulheres e de manutenção da subordinação feminina (ROSADO, 2001).

Woodhead (2002) também afirma que a abordagem feminista mais simples, sugere que a religião é patriarcal, planejada e executada por homens, legitimando interesses masculinos e subjugando as mulheres material e ideologicamente. Para a autora, tal abordagem acabou restringindo o estudo da mulher e da religião em termos de uma única questão: analisar se a religião liberta ou aprisiona a mulher.

Após esse primeiro momento de desenvolvimento da crítica política e militante contra a religião, foram desenvolvidas pesquisas acadêmicas com bases empíricas e caráter analítico que demonstraram a complexidade e a ambiguidade das relações sociais existentes no campo religioso. Através desses estudos, evidenciou-se o espaço religioso como complexo, contraditório e nem sempre conservador. De acordo com Carol Drogus (1997, p. 6 apud ROSADO, 2011, p. 87), as pesquisadoras feministas

[...] começaram a rever sua conclusão de que a religião contribuía inevitavelmente para a subordinação das mulheres. O movimento de espiritualidade das mulheres e as teologias da libertação feministas sugeriram que as ideias religiosas retrabalhadas podiam ser mais uma fonte de empoderamento das mulheres do que de sua subordinação. Entretanto, o consenso sobre a mutabilidade das religiões e seu papel potencialmente liberador é consideravelmente menos desenvolvido entre feministas do que entre estudantes de religião e política. Grande parte da teoria feminista ainda duvida da capacidade de um movimento iniciado em uma igreja dominada por homens emancipar as mulheres.

Na linha interpretativa que enfatiza a atuação feminina nos espaços religiosos podemos citar a pesquisa da historiadora Eliane Moura da Silva (2006 apud FONSECA; FARIAS, 2010, p. 8). Para a autora, os ministérios femininos e as atividades congregacionais, apesar de segregarem as mulheres, suscitam formas alternativas de poder institucional, além de fornecerem apoio emocional e material. Segundo Silva, as mensagens e conversões religiosas exercem funções pragmáticas podendo reformar os papéis de gênero e auxiliar no convívio familiar.

Woodhead (2013, p. 2), ao propor sua teoria de religião e gênero, afirma que a análise da participação religiosa feminina não deve ser explicada em termos de uma manipulação opressora masculina. Para ela, tal participação deve ser compreendida com referência à possibilidade das religiões em prover um espaço social que antes não estava disponível para as mulheres. Em suma, a autora afirma que busca tratar as mulheres como agentes racionais, ao

invés de tratá-las como marionetes do patriarcado. Além disso, Woodhead expõe que a participação das mulheres na religião é influenciada pelos espaços sociais disponíveis para elas na sociedade e que tais espaços são definidos de acordo com a natureza e o grau de diferenciação estrutural da sociedade.

Seguindo essa linha de estudo, Sandra Souza (2006) analisou a crescente participação feminina nos espaços de poder institucional religioso. A possibilidade de participação em seminários religiosos, em faculdades de teologia, em cargos de bispa e pastora, por exemplo, demonstra mudanças graduais na concentração do poder religioso. O estudo de Saba Mahmood (2006) sobre um movimento petista no Egito também é um exemplo de pesquisa que busca apresentar a agência feminina a partir do engajamento religioso. A autora analisa um contexto social onde as concepções de liberdade e emancipação não são valores centrais, portanto a agência não se manifesta como sinônimo de resistência às relações de dominação e tradição, mas como a capacidade de ação dentro dessas relações específicas (MAHMOOD, 2006).

Seguindo essa vertente que busca evidenciar os agenciamentos femininos em diálogo com a religião, podemos citar a pesquisa de Jaci Candiotto (2015). A autora apresenta uma diferente hermenêutica teológica que parte da análise das experiências das mulheres presentes nos textos bíblicos. A partir desse novo olhar, Candiotto procura enfatizar a experiência feminina e desconstruir algumas interpretações androcêntricas e patriarcais dos textos bíblicos (CANDIOTTO, 2015, p. 204). O estudo da autora demonstra como um mesmo trecho bíblico pode ser apropriado por diferentes grupos que o interpretam de forma específica, podendo enfatizar a agência feminina ou a dominação masculina. Cada interpretação promove sentidos e significados particulares que podem ser utilizados para fundamentar outras formações discursivas. A exemplo dessa apropriação, a autora demonstra como as interpretações androcêntricas e patriarcais dos textos bíblicos são utilizadas na formação discursiva machista.

Podemos perceber, portanto, a diversidade e complexidade das relações entre gênero e religião. Woodhead (2013) nos fornece uma interessante perspectiva analítica sobre a pluralidade e ambivalência dessas relações. Ao apresentar uma revisão dos estudos de gênero e religião, a autora identifica quatro formas gerais de religião baseadas na análise do fator gênero, são elas: as religiões consolidantes, as religiões de função tática, as religiões de busca e as religiões contra culturais.

Em resumo, as primeiras consolidam a diferença e a desigualdade de gênero, influenciando a construção da masculinidade e feminilidade. Já as formas táticas de religião, ainda que se inscrevam na ordem sexuada dominante, não se limitam a ela; elas podem negociar com o patriarcado “[...] aceitando os esquemas tradicionais de significação e de divisão do

poder permitindo, entretanto, que aqueles que se sintam lesados possam maximizar os seus interesses” (WOODHEAD, 2013, p. 86). Assim, segundo a autora, as práticas religiosas táticas progridem nos espaços reservados às mulheres que se desprendem de um controle direto masculino, porém se beneficiam de uma religião que é dominada por homens.

Já nas religiões de busca, as pessoas usufruem do poder sagrado para alcançar uma transformação pessoal, melhorando sua vida interior e bem-estar social na ordem sexuada dominante (WOODHEAD, 2013, p. 89). Em contrapartida, nas religiões contra culturais encontramos uma oposição ativa à ordem sexuada existente e um empenho para transformá-la (WOODHEAD, 2013, p. 91). Nessas religiões o poder sagrado é visto como um meio de redistribuição do poder entre os sexos de forma mais igualitária.

Em relação ao cristianismo, Woodhead (2013, p. 93) apresenta a sua dupla classificação ao afirmar que

[...] o cristianismo teve êxito em tornar-se uma religião ao mesmo tempo consolidadora e tática. Consolida a ordem existente santificando o trabalho doméstico das mulheres, afirmando uma identidade feminina que eleva seu prestígio espiritual e moral, erigindo distinções de classe fundadas na virtude cristã e reforçando a ideologia da separação das esferas sagrada e secular. Além disto, o cristianismo oferece também a algumas mulheres os meios de negociar mais poder e proteção e de ter acesso à vida cívica e pública.

Dessa forma, para a autora (2013, p. 80), a religião através de suas práticas simbólicas e materiais é capaz de reforçar as relações de dominação de gênero ou de ajudar a transformá-las. Assim como Woodhead, Michelle Perrot (2007) analisou as complexas relações entre as mulheres e as religiões. De acordo com a autora (2007, p. 83), tais relações são paradoxais e ambivalentes, na medida em que as religiões são ao mesmo tempo “poder sobre as mulheres” e “poder das mulheres”. A religião como “poder sobre as mulheres” se exerce através do fundamento da diferença sexual e da desigualdade de valor entre os gêneros. Em contrapartida, a religião como “poder das mulheres” ocorre quando estas transformam a submissão e a exclusão que a religião as concede na base de um contra poder e de uma sociabilidade.

Podemos perceber, portanto, que para abordar as ligações teóricas entre gênero e religião é necessário reconhecer que ambos são usados para representar, encarnar e distribuir o poder na sociedade e que a religião está não somente inscrita na ordem sexuada da sociedade, mas é parte integrante dela (WOODHEAD, 2013, p. 79). Assim, a religião é um dos lugares chave onde se defende e/ou se afronta a desigual distribuição de poder (WOODHEAD, 2013, p. 96).

Como toda proposta de pesquisa, o estudo que apresentarei nesta dissertação é constituído por um recorte no vasto campo onde estão presentes as relações entre religião e

gênero. Assim, esta pesquisa se fundamenta teoricamente nos estudos de gênero, buscando enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo, apresentando a religião como um dos espaços dessa construção social. Ademais, buscarei analisar os mecanismos discursivos e práticos apresentados pela IURD que possam configurar propostas de gendramento de corpos, identidades, subjetividades e experiências sociais, explorando também a relação do gênero com a experiência religiosa e com as relações sociais mais amplas.

Dos estudos sobre religião mencionados pretendo me basear na análise dos aspectos simbólicos e sociais da construção das representações religiosas, levando em consideração a vinculação destas com o contexto social e histórico atual. Analisarei o fenômeno religioso a partir dos elementos particulares da IURD e abordarei a forma de construção da religião através dos discursos e das práticas propostos. Ademais, refletirei sinteticamente sobre as tensões decorrentes da relação das representações religiosas com o pluralismo atual.

## **1.2 Tendências de estudo de gênero no contexto pentecostal e neopentecostal**

De acordo com os dados do Censo de 2010, realizado pelo IBGE, a população evangélica no Brasil passou de aproximadamente 15,5% para 22,2%, somando mais de 42 milhões de pessoas. Segundo Faustino Teixeira (2014), o aumento do número de evangélicos acompanha o crescente declínio da religião católica - apesar do catolicismo continuar predominante no cenário brasileiro. De acordo com o pesquisador, o pentecostalismo é o principal segmento responsável pelo aumento da população evangélica, e essa conjuntura tem chamado a atenção de pesquisadores da área da religião.

A partir da década de 1990, houve um crescimento das produções acadêmicas sobre o pentecostalismo, o que expandiu os debates sobre os movimentos religiosos no Brasil (BANDINI, 2008). Muitas dessas produções estabeleceram um novo sistema de classificação que dividia os pentecostais entre tradicionais e neopentecostais ou pentecostais autônomos. O pentecostalismo tradicional chegou ao Brasil em 1910/1911 (CONTINS, 2004, p. 162) dando continuidade aos movimentos de reavivamento espiritual. Tal vertente é caracterizada basicamente pela ênfase no Batismo com o Espírito Santo e pelas manifestações de transe e glossolalia - falar em línguas (CAMPOS, 2005). Já o neopentecostalismo seria a ramificação pentecostal mais dinâmica e sincrética formada por igrejas protestantes pentecostais de origem nacional e fundadas pós anos 50 (MARIZ, 1995).

As igrejas pentecostais e neopentecostais compartilham a dificuldade em estabelecer diálogo com outras igrejas e outras religiões. Para Cecília Mariz (1995, p. 39-40), essa

dificuldade decorre do posicionamento antiecumênico e de isolamento que essas igrejas adotam, mas também provém parcialmente de concepções e atitudes preconceituosas relacionadas à origem popular dos membros e de algumas lideranças dessas igrejas. Ainda segundo a mesma autora (p. 48), a literatura relacionada ao pentecostalismo apresenta visões estereotipadas sobre seus discursos e práticas. Para Mariz, a bibliografia geralmente identifica os pentecostais tradicionais como um grupo que enfatiza mais a Bíblia, a moral e a ética, compartilhando uma doutrina mais rígida. Os neopentecostais, por outro lado, são caracterizados como “empresas” que vendem bens religiosos, apresentando uma doutrina e moralidade mais flexível.

Em suma, as igrejas neopentecostais “[...] têm forte ênfase na trilogia: cura, prosperidade e libertação (ou exorcismo)” (BITTENCOURT, 1991 apud MARIZ, 1995, p. 41) e essa trilogia é evidenciada nos discursos e práticas da IURD, como veremos posteriormente. A Igreja Universal do Reino de Deus é identificada como uma das principais representantes do segmento neopentecostal (NUNES, 2006, p. 128) e possui um grande público feminino, conforme exposto na introdução desta dissertação. Para Scavone (2008b, p. 5), “[...] as mulheres continuam mais numerosas que os homens nas religiões evangélicas pentecostais, as quais oferecem aos fiéis soluções mais imediatas a seus problemas materiais, ao estilo do pragmatismo protestante, que como uma ética, alimentaria a prosperidade capitalista”. De acordo com Machado e Mariz (1997, p. 12), um dos fatores que influenciam essa receptividade feminina em relação ao pentecostalismo são

[...] os espaços alternativos criados pelas Igrejas pentecostais para a discussão dos problemas familiares e femininos, o que possibilita a construção de redes sociais que ajudam as mulheres a recuperarem a auto-estima, a diferenciarem-se de seus familiares e a entrarem no mercado de trabalho.

Veremos adiante como o pragmatismo da IURD juntamente com a oferta de espaços alternativos femininos contribuem para o expressivo número de mulheres na igreja.

Em relação aos estudos sobre gênero e pentecostalismo, Couto (2002) afirma que existem duas linhas interpretativas. A primeira linha, menos expressiva, acredita que a magia e o emocionalismo presentes no pentecostalismo reforçam a posição subalterna da mulher na igreja e na sociedade. Nessa perspectiva, o pentecostalismo é caracterizado como instrumento de alienação e mantenedor da opressão feminina. A segunda linha, mais expressiva, relativiza a categoria “mulher” conforme as diferentes culturas e posições de classe, buscando analisar as trajetórias religiosas das mulheres e as possíveis transformações realizadas em suas vidas. Essa perspectiva, apesar de considerar a religião como um instrumento de luta de pequeno alcance,



busca enfatizar as vantagens obtidas por meio de uma possível diminuição da opressão feminina (COUTO, 2002, p. 359).

Clara Mafra (1998) também apresentou duas tendências dos estudos sobre gênero entre os evangélicos. A primeira seria caracterizada pela afirmação de que a hierarquia entre os sexos significa, no contexto social local, o retorno à submissão e/ou à perda de poder das mulheres. Já a segunda tendência evidenciaria a possibilidade de as mulheres alcançarem benefícios para si através da participação nos grupos evangélicos. Nessa perspectiva, os grupos religiosos ofereceriam instrumentos para a autoafirmação feminina, além de incentivarem a maior participação masculina na família e na igreja – porém sem eliminar a hierarquia entre os gêneros.

Machado e Mariz (1997), em seu estudo sobre as práticas religiosas femininas nas igrejas pentecostais, Comunidades Eclesiais de Base e grupos carismáticos, expuseram a importância de não limitar a análise da religião como um mero instrumento de dominação, repressão e alienação dos oprimidos. De acordo com as autoras, o engajamento religioso pode trazer mudanças de comportamento nas fiéis, como por exemplo, o reforço da autoestima feminina e o questionamento à visão fatalista do mundo e de si mesma.

Atualmente, podemos encontrar diversas produções acadêmicas que utilizam a perspectiva de gênero no contexto pentecostal/neopentecostal a partir de diferentes abordagens e ênfases. Em síntese, é comum a análise dos efeitos sociais e políticos do engajamento religioso feminino, das relações de poder, dos papéis de gênero, da atuação feminina na igreja e na sociedade, da influência da religião no âmbito da sexualidade, no processo de socialização de homens e mulheres e na reprodução das assimetrias sociais, entre outros.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, me inspirei nas vertentes de estudo sobre religião e gênero que buscam não limitar a análise da religião como um mero instrumento de dominação, repressão e alienação, de modo a trabalhar outras questões que o engajamento religioso pode evidenciar. Para tal, busco não somente analisar os discursos e as práticas propostos pela Igreja Universal do Reino de Deus, mas também explorar a trajetória das interlocutoras, investigando os possíveis agenciamentos e negociações realizados e as prováveis relações entre religião e experiências sociais.

### **1.3 A representação da “mulher virtuosa”**

A ideia de representação social foi trabalhada nas Ciências Sociais desde o início da constituição do pensamento científico sociológico. Durkheim e Mauss demonstraram como as

representações sociais podem expressar conhecimentos, crenças e sentimentos de um certo grupo, possibilitando o acesso e a análise da realidade coletiva (HOROCHOVSKI, 2004, p. 92). Durkheim (1987, p. 26) afirma que as representações coletivas “[...] traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam”.

No campo científico, as representações sociais são utilizadas como categorias e instrumentos de análise social, que permitem vislumbrar as concepções e comportamentos dos grupos no contexto social em questão e se mostram como uma das maneiras de compreender as mudanças e permanências promovidas socialmente (HOROCHOVSKI, 2004, p. 93-97). Segundo Woodward (2000, p. 18), “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos.”, ou seja, as representações simbolizam algo e são potenciais significantes da construção de identidades, subjetividades e experiências sociais.

Segundo Oliveira (1999, p. 191 apud HOROCHOVSKI, 2004, p. 102) a importância do estudo das representações sociais consiste em duas razões principais: pela capacidade de revelar o modo pelo qual os sujeitos assimilam, produzem e difundem conhecimentos sobre o real e qual o sentido imaginário destes; e pelo fato desses conhecimentos permitirem à sociedade se situar perante o mundo, expondo como está significando-o. Podemos perceber, portanto, que as representações sociais são fenômenos complexos, “uma forma de conhecimento socialmente partilhado e elaborado”, sendo a investigação científica responsável por apresentar, analisar, esclarecer suas dimensões, configurações, processos e funcionamento (HOROCHOVSKI, 2004, p. 101).

A relação entre representação e sua materialidade através dos indivíduos se dá de forma comunicacional, dinâmica e diversa. Tal relação será trabalhada mais profundamente no próximo capítulo através da utilização do conceito de “performance” aplicado na análise das atuações femininas na Igreja Universal do Reino de Deus. Em resumo, podemos afirmar que existe um duplo movimento das representações sociais, na medida em que elas influenciam a construção da realidade social ao mesmo tempo em que são por ela influenciadas (HOROCHOVSKI, 2004, p. 105).

De acordo com a pesquisadora Rita Lourdes de Lima (2011, p. 170), o pensamento religioso no Ocidente possui origem na sociedade judaica que se combina, a partir do cristianismo, com os valores greco-romanos, formando os alicerces do imaginário judaico-ocidental-cristão. Através da concepção judaica, difunde-se a ideia de que há um Deus-Criador que fez homens e mulheres com o objetivo de se reproduzirem e administrarem a terra. Tal

concepção, além modelar os papéis femininos e masculinos, fundamenta a associação da sexualidade com a procriação.

Uma das principais representações bíblicas acionadas para fundamentar o modelo de mulher cristã encontra-se no livro bíblico *Provérbios 31: 10-31* que discorre sobre as características da “mulher virtuosa”. De acordo com a pesquisadora Zilda Santos (2012, p. 2385), grande parte da autoria do texto de *Provérbios 31* é atribuída ao rei Salomão. Segundo a autora, há um certo consenso entre pesquisadores de que o livro de *Provérbios* é “[...] resultado de uma compilação de textos proverbiais organizados, sendo uma parte acrescentada aos arquivos já existentes na época do exílio babilônico” (SANTOS, 2012, p. 2385). Para Santos (2012, p. 2387), o ethos da “mulher virtuosa”, exposto em *Provérbios 31*, dialoga com as referências culturais da comunidade hebraica da época em que foi escrito.

Em relação aos estudos sobre a representação da “mulher virtuosa” no pentecostalismo, podemos citar a pesquisa de Maciel (2016) sobre a construção da “mulher virtuosa” e a dinâmica das relações de gênero nas igrejas Assembleia de Deus e Bola de Neve Church em Campina Grande, Paraíba. De acordo com a autora (2016, p. 10), nos modos de conversão e pertencimento a uma comunidade pentecostal o corpo é visto como o principal elemento a ser educado. Há, portanto, um processo contínuo de transformação do corpo feminino em um corpo “virtuoso”, buscando corporificar o conceito de “mulher virtuosa”. Assim, a autora afirma que, nas igrejas estudadas, a docilidade do corpo é a forma para aprender a ser uma “mulher de Deus” e alcançar a prosperidade.

De acordo com Maciel (2016, p. 10), a representação da “mulher cristã virtuosa” está sempre presente nos cultos, nos eventos e nos *sites* dessas igrejas. Em resumo, são atribuídas à “mulher virtuosa” características como paciência, força para enfrentar os problemas, dedicação ao lar, à família e à Deus e incentiva-se que a mulher seja auxiliadora do marido e submissa a ele. Ao homem confere-se o papel de líder, cabeça da família e condutor da vida eclesial.

De acordo com a autora (2016, p. 13), apesar de algumas distinções entre as igrejas, ambas apresentam relações de gênero desiguais. Segundo Maciel, as comunidades de fé pesquisadas utilizam a mesma base bíblica para justificar a definição dos papéis, funções e lugares institucionais dos gêneros masculino e feminino. Para a autora, a característica de submissão atribuída à “mulher virtuosa” configura “[...] uma forma de violência de gênero perpetrada ora por meio da linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos e dos corpos” (MACIEL, 2016, p. 1).

Seguindo a linha de estudos sobre a representação da “mulher virtuosa” na Igreja Universal do Reino de Deus, podemos citar as produções acadêmicas de Teixeira (2014), Bárbara Silva (2017), Alana Souza (2017) e Bronsztein e Rodrigues (2016). Teixeira (2014) analisa a produção da “mulher virtuosa” e a dinâmica de “desafios” do grupo Godllywood na IURD, abordando o papel das mídias e das tecnologias de internet nessa construção de gênero. Bárbara Silva (2017), analisa a construção argumentativa do livro *A Mulher V*, de Cristiane Cardoso, sob a luz da análise do discurso, buscando “demonstrar como se deu a construção discursiva da inferioridade feminina” (SILVA, B., 2017, p.1). Alana Souza (2017) pesquisa o grupo Godllywood e a representação da “mulher virtuosa” na IURD, abordando as noções de agência e liberdade. Bronsztein e Rodrigues (2016) analisam o *ethos* da “Mulher V” na IURD, apresentando a influência da oferta e do consumo de produtos e serviços ligados à igreja na construção da identidade feminina.

Já nos estudos sobre o catolicismo, podemos citar a pesquisa do historiador Marcus Bencostta (2001) sobre a influência do texto de *Provérbios 31* e a representação da “mulher virtuosa”. O artigo reflete sobre a educação feminina católica no século XX a partir da análise do discurso presente nos documentos pontifícios e nas teses debatidas no IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951). Através da análise de tais documentos, o autor constatou que o ideal de mulher a ser buscado pela educação católica da época era baseado no modelo descrito em *Provérbios 31*, ou seja, na “mulher virtuosa”. Segundo Bencostta (2001, p.126), os defensores de tal perspectiva educacional acreditavam que o “feminismo” era um dos grandes problemas do mundo moderno. Para eles, o “feminismo moderno” seria responsável pela desvirtuação da “missão específica da mulher” - vinculada ao espaço doméstico e à família - causando dentre outras coisas a deserção do lar e o desprezo ao trabalho doméstico (BENCOSTTA, 2001, p. 127).

Tendo em vista o “perigo” das “desvirtuações” modernas, caberia às escolas católicas proporcionarem as orientações para a mulher do mundo moderno, buscando uma aproximação com o modelo de “mulher virtuosa” bíblica descrita nos *Provérbios* de Salomão. De acordo com Bencostta (2001, p. 127),

Nessa passagem bíblica a mulher virtuosa é uma primorosa dona de casa que governa seu pequeno império com autoridade e diligência. Seria ela possuidora de virtudes como a ordem, economia, delicadeza, simplicidade, dedicação e respeito. Como dona de casa seria ela a guardiã das coisas do lar; como mãe, a guardiã da vida; e como educadora, a guardiã do futuro dos filhos.

Defendia-se a escola como sendo um espaço onde as mulheres pudessem desenvolver suas aptidões e tendências “naturais” femininas. Assim, de acordo com o autor (2001, p. 128),

as escolas católicas apresentavam uma educação orientada para o desenvolvimento da “feminilidade” baseada na amorosidade, abnegação, sacrifício, nobreza, piedade e pureza. Tal educação também destacava a capacidade “natural” da mulher para o governo do lar e da família. Havia a possibilidade de trabalho extra doméstico feminino, porém a mulher era aconselhada a exercê-lo somente quando fosse necessário. Segundo Bencostta (2001, p. 128), os educadores católicos da época apresentavam a perspectiva de que a mulher era igual ao homem em dignidade, porém com atribuições e capacidades diferentes. Assim, “[...] a mulher seria antes de tudo filha, esposa e mãe, sendo prejudicial a ela e à harmonia familiar o desvio de suas funções femininas” (BENCOSTTA, 2001, p. 128).

Strang e Santos (2017) também produziram uma interessante pesquisa sobre a influência da representação da “mulher virtuosa” na formação das normalistas do colégio católico Mãe de Deus, entre as décadas de 1940 e 1950, no Paraná. A partir da análise de alguns materiais didáticos recomendados pela instituição e de um caderno de uma ex-aluna, as autoras refletiram sobre o aspecto moral e o controle comportamental contidos nos ensinamentos de disciplinas relacionadas a atividades domésticas e boas maneiras.

De acordo com as autoras (2017, p. 21), havia um modelo de educação feminina e um determinado comportamento considerado adequado para a vida em sociedade; ambos fundamentados no ideal específico da “mulher virtuosa” descrito em *Provérbios 31*. Tal modelo enfatizava a imagem da mulher recatada, bem-comportada, submissa ao esposo, que sabe vestir-se de maneira adequada, sem chamar muita atenção e sabe se relacionar com polidez em sociedade (STRANG; SANTOS, 2017, p. 19). Já em relação ao homem, esperava-se que ele fosse o provedor e administrador da casa (STRANG; SANTOS, 2017, p. 21).

Segundo Strang e Santos (2017, p. 21), o objetivo educacional do colégio naquela época parecia basear-se mais na preparação da mulher para desempenhar de forma satisfatória suas funções de esposa, mãe e dona de casa do que para desenvolver uma carreira profissional. Além disso, para as autoras, a docência era muitas vezes vista como uma extensão da maternidade, sendo a mulher inclinada naturalmente para o cuidado e a educação das crianças. Apesar da grande presença feminina no magistério, no interior das escolas normais as mulheres eram aconselhadas a exercerem atividades profissionais apenas quando necessário (STRANG; SANTOS, 2017 p.22). Em suma, as autoras enfatizam a utilização da representação da “mulher virtuosa” na fundamentação da desigualdade de gênero e da naturalização do papel feminino como esposa, mãe e dona de casa.

Além dos estudos mencionados, que evidenciaram a influência da representação bíblica da “mulher virtuosa” na formação do modelo ideal feminino em instituições ligadas ao

pentecostalismo e ao catolicismo, encontramos a pesquisa do historiador Sérgio Feldman (2007) acerca do status feminino entre os hebreus/judeus no período do Primeiro e do Segundo Templos. De acordo com o autor (2007, p. 266), o trecho de *Provérbios 31* sobre a “mulher virtuosa” se tornou um símbolo do modelo feminino no Judaísmo talmúdico e medieval, permanecendo, com algumas alterações, até o século atual.

Segundo Feldman (2007, p. 263-266), o modelo judaico, baseado em *Provérbios 31*, caracterizava a mulher como “rainha do lar” e enfatizava o ativismo, a produtividade e o empreendedorismo da mulher. Porém, o autor afirma que, em sua concepção, trata-se de uma mulher subordinada ao homem, que o libera de diversas questões do cotidiano para que ele possa se dedicar aos afazeres “sagrados” do estudo e da oração (FELDMAN, 2007, p. 263).

Em síntese, podemos perceber que os estudos mencionados analisam a representação da “mulher virtuosa” enfatizando a influência desta na definição dos papéis femininos - ligados primordialmente ao âmbito privado da vida. Tais pesquisas destacam também a questão da subordinação feminina perante o homem e a naturalização da “vocação” feminina para o cuidado da família e do lar. Em suma, notamos que os autores buscam demonstrar como a representação presente em *Provérbios 31* pode ser utilizada para fundamentar as assimetrias de gênero.

Partindo da premissa fundamental dos estudos feministas e de gênero de que “feminino” e “masculino” são menos fatos biológicos do que construções sociais e culturais (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363), pretendo investigar nos próximos capítulos as atividades e discursos que se mostram como produtores da “feminilidade” e da “virtuosidade” da mulher no contexto da Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, buscarei analisar a construção da representação da “mulher da virtuosa” na IURD e sua relação com o processo de gendramento de identidades, subjetividades, relações e experiências sociais.

## 2 A “MULHER V”

No ano de 2011, Cristiane Cardoso, filha mais velha do bispo Edir Macedo, lançou um livro de sua autoria intitulado *A Mulher V: moderna, à moda antiga*<sup>8</sup>. A obra possui 22 capítulos e é baseada no livro bíblico *Provérbios 31*, que discorre sobre a “mulher virtuosa” (a Mulher V do título). Em cada capítulo de *A Mulher V*, Cristiane Cardoso apresenta um versículo de *Provérbios 31*, o interpreta e explica como desenvolver as características da “mulher virtuosa” nos dias atuais.

Ao final dos capítulos, há exemplos de situações bíblicas ou exemplos pessoais da autora que demonstram como foram desenvolvidas as características da “Mulher V”. Em suma, o livro é visto como um “guia” para ação das fiéis da igreja, que auxilia no desenvolvimento das características do “perfil ideal de mulher cristã”, a “mulher virtuosa”. Na última página de cada capítulo, existe uma folha com o título de “minhas anotações”. A folha apresenta um espaço para que as leitoras anotem comentários e escrevam os progressos obtidos por meio das orientações expostas no capítulo.

No livro, Cristiane Cardoso (2014, p. 9) afirma que as “mulheres antigas” eram mais valorizadas em comparação com as “mulheres modernas”. Para ela (2014, p. 10), estas últimas perderam todo o pudor e respeito próprio e estão sempre julgando umas às outras, abandonando assim a “essência feminina”. A mídia e o “feminismo” são apontados como responsáveis por essa “desvirtuação” feminina, devido à propagação de valores contrários aos pregados pela Igreja Universal. Cristiane Cardoso afirma que o movimento feminista, apesar de ter beneficiado as mulheres de algumas formas, tem se radicalizado e isso vem ocasionando a perda da “singularidade” e da “essência” feminina. Tal “essência” é descrita no decorrer dos capítulos do livro e tornar-se uma “Mulher V” é a forma de resgatá-la.

No decorrer do livro, são apresentadas diversas características da “mulher virtuosa”. Segundo a obra, a “Mulher V” é sábia; responsável; madura; confiável; trabalhadora; disciplinada; organizada; dinâmica; eficiente; positiva; forte; prestativa; criativa; honesta; corajosa; respeitada; honrada; humilde; discreta na maneira de agir, falar e se vestir; gentil; bondosa; ocupada; dá o seu melhor sempre; se relaciona com Deus, O teme, O louva e crê nEle; coloca sua fé acima de tudo; economiza dinheiro; prioriza a família; cuida da sua saúde, da vida espiritual, da aparência e da sua casa; faz o bem; não deixa a emoção controlá-la; encontra

---

<sup>8</sup> CARDOSO, Cristiane. *A Mulher V: moderna, à moda antiga*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

solução para os problemas; busca oportunidades; acredita em si mesma; age de acordo com os preceitos de Deus; planeja e tem dignidade.

De acordo com Cristiane Cardoso (2014, p. 153), a “Mulher V” reconhece seu “talento doméstico”: um talento nato exclusivo da mulher que, apesar da sua importância, tornou-se depreciado e desvalorizado atualmente. Para ela, o cuidado com a casa e com a família demonstra o quanto a mulher aprecia o que possui e, apreciando o que tem, ela conseguirá apreciar a Deus. Encontramos também no livro a afirmação de que o homem depende da mulher para ser feliz e que ela determina o ambiente e a união no lar (CARDOSO, 2014, p. 208). Essa dependência viria desde Adão que mesmo com as regalias do “Paraíso” sentia falta de uma “auxiliadora”.

A caracterização da mulher como “auxiliadora” do homem encaminha a outro atributo da “mulher virtuosa”: ela é submissa ao seu esposo. Dessa forma, a “mulher virtuosa” deve ser submissa aos desígnios divinos e ao seu esposo e deve ser cuidada por este último. Campos e Souza (2017) já evidenciaram em seu artigo que o cuidado, considerado pelo senso comum como uma característica do universo feminino, é interpretado pela IURD como parte do universo masculino também.

Pude observar a recomendação de que a mulher seja submissa ao seu cônjuge em algumas reuniões na IURD e em publicações oficiais da igreja e de seus representantes. Para minha interlocutora<sup>9</sup> dona Elisa<sup>10</sup>, a palavra submissão é utilizada atualmente de forma pejorativa e, por isso, a afirmação de que a mulher deve ser submissa ao seu companheiro gera diversas polêmicas. Na cosmologia da IURD, ser submissa não é ser oprimida, inferiorizada ou escravizada; é deixar voluntariamente que o homem lidere em certas situações “em prol do bem do casal”. A submissão não é absoluta, visto que a mulher é aconselhada a não se submeter a maus tratos ou abusos.

Segundo dona Elisa, quando o homem e a mulher se unem pelo matrimônio, eles devem seguir, além das leis civis, as leis divinas para terem um casamento feliz e saudável. Nessa perspectiva, o marido tem o dever de amar e defender a esposa, e a esposa deve ser submissa, dedicar-se a ele e respeitá-lo, dado que ele possui a autoridade instituída por Deus para liderar a família. Caso não concorde com o esposo, a mulher deve expor suas ideias de forma delicada, não desejando estar à frente das decisões do homem, para que dessa maneira possa influenciá-

---

<sup>9</sup> Os nomes das interlocutoras foram alterados para preservar suas identidades.

<sup>10</sup> Dona Elisa tem 55 anos, mora em São Gonçalo, é obreira da IURD, integrante do Godllywood e atua no projeto *Mães em Oração* da IURD. Ela também é casada com um obreiro da igreja com quem tem dois filhos.



lo. A habilidade feminina para a persuasão é fundamentada bíblicamente na história de Adão e Eva, sendo Eva a responsável por influenciar Adão a comer o “fruto proibido”. As mulheres, então, são caracterizadas como influentes e devem utilizar essa capacidade de acordo com os princípios religiosos da igreja.

Na IURD, a submissão não significa inferiorização feminina em relação ao homem; ela seria apenas uma forma da mulher exercer o seu papel de auxiliadora do esposo. De acordo com a interlocutora Rebeca<sup>11</sup>, filha de dona Elisa, uma esposa sábia entende que deve ser uma auxiliadora do seu marido e deve apoiá-lo diariamente. Segundo dona Elisa e Rebeca, ser submissa ao esposo não rebaixa a mulher. Através da submissão e da habilidade de persuasão, acredita-se que as mulheres podem conseguir mudanças positivas na atitude de seus cônjuges; tornando-os mais carinhosos, companheiros e flexíveis às suas vontades.

Em síntese, o livro *A Mulher V* é um exemplo de como os textos bíblicos podem ser utilizados para naturalizar lugares sociais e personalidades. Os textos bíblicos, principalmente os do Antigo Testamento, são frequentemente utilizados nos cultos e reuniões da IURD como argumentos para legitimação da diferença de papéis sociais entre homens e mulheres. Em alguns cultos, eventos e publicações virtuais da igreja e de seus representantes, observei referências aos livros de *Gênesis*, *I Coríntios* e *Efésios* para argumentar sobre os papéis e lugares destinados aos homens e mulheres.

No livro *Gênesis*, podemos notar que Adão assume a função dominante sobre a terra e a família, enquanto Eva ocupa o espaço interno e privado, tendo sido ela criada para ser “auxiliadora” de Adão. Em *I Coríntios 11:3*, se diz: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo”. Outra passagem bíblica frequentemente utilizada encontra-se em *Efésios 5: 24, 25*: “Mas, como a Igreja é submissa a Cristo, sejam as mulheres submissas em tudo aos seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”.

A utilização recorrente das passagens bíblicas mencionadas corrobora o padrão cultural tradicional das relações de gênero e reforça a ideia de uma ordem eterna, divina e “natural”. Tais cosmovisões são utilizadas como leis e exemplos sagrados a serem seguidos, incentivando as mulheres a permanecerem como as principais responsáveis pelo domínio do privado/do lar e dos papéis sociais relacionados a ele, além de contribuir para uma visão da mulher submissa ao homem e o homem como provedor e protetor da família. Portanto, podemos perceber que

---

<sup>11</sup> Rebeca tem 33 anos, é obreira da IURD, integrante do grupo Godllywood e atua no projeto *Escola Bíblica Infantil* da IURD. Ela é casada com um obreiro da igreja com quem tem um filho.

As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina (ROSADO-NUNES, 2005, p. 364).

Pude observar também nos discursos da igreja a possibilidade de a mulher atuar profissionalmente, desde que ela não abandone suas responsabilidades “essenciais”. Cristiane Cardoso (2014, p. 156) afirma em seu livro que a mulher poder ser uma excelente dona de casa e, ao mesmo tempo, uma excelente mãe, esposa, amiga e profissional. Assim, podemos perceber que há a possibilidade de uma agregação da atividade profissional nas atividades consideradas “especificamente femininas”.

Nesse contexto, podemos citar os estudos de Machado e Mariz (1997) que demonstraram a influência da Teologia da Prosperidade em motivar a mulher na busca pela prosperidade no mundo terreno, sendo impulsionada a adotar atividades extra domésticas para aumentar a renda familiar. Com a participação no mercado de trabalho, há a possibilidade de a mulher atuar também nas questões financeiras do lar. De acordo com Maria das Dores Machado (2010, p. 23), “Distante dos movimentos sociais e, em especial do feminista, estas mulheres encontram, na doutrina pentecostal, os elementos discursivos para justificar iniciativas individuais em direção à esfera econômica e ao mercado de trabalho”.

Uma outra questão interessante e ambígua diz respeito ao compartilhamento de atividades consideradas “especificamente femininas”. Apesar de dizer que certas atividades são responsabilidades exclusivas da mulher, Cristiane Cardoso afirmou em seu blog que “para fazer tudo que queremos fazer, precisamos da ajuda de outras pessoas [...], temos que aprender a compartilhar nossos afazeres [...], faz parte do perfil de uma mulher sábia ensinar e fazer discípulos”<sup>12</sup>. Assim, a depender do contexto, alguns modelos de pensamento e de ação femininos são enfatizados em detrimento de outros (que em outras situações recebem a maior ênfase).

O papel da mulher como mediadora na relação com o sagrado (BIRMAN, 1996; CAMPOS; SOUZA, 2017) dentro de suas famílias também é enfatizado por Cristiane Cardoso e pela IURD. De acordo com Birman (1996, p. 217), “Os benefícios da igreja não pertencem exclusivamente aos que já se converteram, se espalham sobre a família através do controle, sobretudo materno, da circulação do mal”. Há, portanto, uma tentativa de se valorizar a capacidade específica feminina de mediação com o sagrado, onde a mulher é identificada como

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.godllywood.com/pt/diario-jj-como-dar-conta-de-tudo/>

o centro da vida familiar e a sua proximidade com Deus garante segurança e poder. Assim, através do engajamento e da atividade religiosa, a mulher pode ser responsável pela resolução de variados problemas e pela conversão de seus familiares.

Além da diferenciação dos papéis sociais entre homens e mulheres apresentada por Cristiane Cardoso em seu livro, a autora também distingue as personalidades de cada gênero. Cristiane Cardoso transmite a ideia de que a mulher é naturalmente mais emotiva, sensível e detalhista, enquanto o homem é naturalmente mais racional e objetivo. A relação entre a naturalização da condição humana e a generalização de personalidades e lugares sociais pode ser compreendida através da seguinte passagem:

[...] o pressuposto de que a natureza é algo dado e comum a todas as culturas é sempre usado para dar credibilidade à generalidade da proposição específica [...] possibilitando generalizações adicionais sobre o caráter, certos pressupostos sobre o corpo e sobre sua relação com o caráter (NICHOLSON, 2000, p. 29).

Nessa perspectiva, é fundamental mencionar as contribuições de Margaret Mead no debate sobre os papéis da biologia e da cultura na definição do comportamento dos indivíduos. Em seu livro, intitulado *Sexo e Temperamento* (1935), a autora demonstrou que as características de homens e mulheres não são fundamentadas em diferenças sexuais e biológicas, mas variam conforme o tempo e a cultura. Dessa forma, Mead afirmou que os aspectos comportamentais não estão ligados ao sexo biológico, mas são condicionados pela cultura. Por esse ponto de vista, para analisarmos a constituição e as performances das “mulheres virtuosas” na IURD devemos considerar seus corpos em relação à cultura, aos discursos e às construções de significados em que estão inseridos.

Torna-se importante mencionar que a imagem da “mulher ideal”, a “mulher virtuosa”, foi apresentada e proposta inicialmente por Edir Macedo, pai de Cristiane Cardoso, fundador e atual líder da Igreja Universal. Em 2001, Edir Macedo publicou dois livros de sua autoria intitulados *O perfil da mulher de Deus* e *O perfil do homem de Deus*, seguidos, em 2003, pela publicação do livro *O perfil da família de Deus*. Através desses livros podemos perceber o projeto de gênero e de família proposto pelo líder da IURD que, baseado em interpretações de textos bíblicos, incentiva o desenvolvimento de assimetrias entre os gêneros.

Conforme exposto pelo título, o livro *O perfil da mulher de Deus* apresenta uma descrição sobre o modelo ideal de mulher cristã proposto pelo líder da IURD. Na obra, encontramos referências à “mulher virtuosa” e o incentivo ao desenvolvimento de tal “virtuosidade”. Segundo o bispo (2001, p. 39), quando uma mulher é de Deus ela “[...] é transformada em uma mulher virtuosa, a mulher que todos os homens de Deus estão buscando

para com ela formarem um só corpo”. É interessante mencionar que Edir Macedo também interpreta ações de personagens bíblicas femininas para demonstrar como foram desenvolvidas as características da “mulher de Deus”; algo muito semelhante ao que Cristiane Cardoso realiza no livro *A Mulher V*.

Há, portanto, uma grande similitude entre as caracterizações e as orientações apresentadas por Edir Macedo e por Cristiane Cardoso em seus livros. A “mulher de Deus” descrita por Macedo é temente a Deus, vaidosa, discreta, submissa a Deus e ao seu esposo, trabalhadora, responsável pelo cuidado do lar e da família, forte, compromissada com a palavra de Deus, sábia, virtuosa, fiel, tem fé e cuida do seu interior e exterior. No livro, encontramos também a ênfase na importância da mulher para sustentação da estrutura familiar, da sua atuação como “auxiliadora” do esposo para que este tenha êxito em seus projetos, da sua participação na “obra de Deus”, da sua capacidade de persuasão e de conversão de seus familiares. Em suma, de acordo com Edir Macedo, através do desenvolvimento das características descritas no livro, a “mulher de Deus” pode combater o “mal” e evitar que este interfira nos lares e nas famílias.

Assim como evidenciado por Bárbara Silva (2015, p. 96), podemos notar que, apesar de se auto intitular moderno e de apresentar novos espaços para atuação das mulheres, o livro de Cristiane Cardoso transmite características essencialistas de feminilidade e de masculinidade e incentiva condutas específicas ao gênero feminino, contribuindo para reprodução das assimetrias entre os gêneros. Concordo com a afirmação de Jacqueline Teixeira (2014) de que o livro sugere um processo no qual ser mulher é algo que se aprende e esse aprendizado ocorre por meio do corpo. Dessa forma, a “[...] docilidade do corpo é o caminho para se aprender a ser mulher, e assim garantir que a família prospere” (TEIXEIRA, 2014, p. 239).

A imagem da “mulher virtuosa” é corporificada por Cristiane Cardoso e ela, ao interpretar e atualizar o texto de *Provérbios 31*, fornece as diretrizes para o desenvolvimento da performance da “Mulher V”. Segundo Bronsztein e Rodrigues (2016, p. 16), a identidade feminina da IURD se vincula ao *ethos* que Cristiane expõe, enquanto “reproduz”, “interpreta” e “atualiza” a fala de Deus na apresentação da “mulher virtuosa”. A interpretação e a atualização do texto bíblico feitas por Cristiane Cardoso constituem “[...] um dos modos pelos quais a representação é socializada, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 2002, p. 40). A construção da “virtuosidade” proposta por Cristiane Cardoso é tão fundamental no conjunto de crenças e valores da IURD que diversos programas, atividades, produções textuais e projetos são

desenvolvidos buscando fornecer orientações para tal construção, como o Godllywood e o Curso de Autoconhecimento que serão abordados posteriormente no texto.

## 2.1 A performance da “Mulher V”

Meu intuito neste subcapítulo consiste em apresentar uma análise das atuações das “mulheres virtuosas” da Igreja Universal a partir dos estudos sobre performance. Tendo em vista a existência de algumas pesquisas<sup>13</sup> sobre a “mulher virtuosa” na IURD, optei por esta via analítica a fim de apresentar uma abordagem distinta, fundamentada em outras teorias e autores. Assim, utilizo o conceito de “performance da Mulher V”/“performance da mulher virtuosa” para me referir a situações e atuações em que as representantes e fiéis da IURD expõem sua aproximação comportamental, estética e/ou subjetiva com a representação da “mulher virtuosa” de *Provérbios 31* (interpretada por Cristiane Cardoso).

De acordo com Rezende (2015), os estudos sobre performance caracterizam-se como zonas transversais, interdisciplinares e híbridas. Esses estudos surgiram a partir da convergência de interesses de pesquisas teatrais e das Ciências Humanas e Sociais em meados do século XX, especialmente nos Estados Unidos e na França (CARLSON, 2011, p. 165). O conceito de performance surge em um momento de grandes acontecimentos históricos, movimentos intelectuais e culturais e de transformações de paradigmas. Segundo Langdon (2006, p. 176), foi “[...] uma época marcada por uma reviravolta na antropologia influenciada pela condição crítica da teoria contemporânea, pela condição pós-moderna e pelo questionamento do status da cultura como conceito chave na antropologia”.

Em 1955 foi realizado o primeiro grande encontro de teóricos interessados na sociologia do teatro, em Royaumont, França (CARLSON, 2011, p. 165). Ultrapassando uma análise sociológica do teatro, a publicação do artigo *Sociologia do Teatro* (1956), de George Gurvitch, sugeriu a possibilidade do uso de conhecimentos teatrais na Sociologia. O primeiro departamento especializado em *Performance Studies* foi criado por Richard Schechner, professor da Universidade de Nova York, em 1980 (VELOSO, 2014, p. 195). Para além das artes do espetáculo e da dicotomia entre arte e vida, os estudos da performance englobavam a experiência vivida e os aspectos informais da vida cotidiana e do comportamento humano (VELOSO, 2014).

---

<sup>13</sup> Ver Teixeira (2014), Bárbara Silva (2015), Alana Souza (2017), Rodrigues e Bronshtein (2016).

Nos Estados Unidos, autores como Erving Goffman, na matriz sociológica, e Victor Turner, na matriz antropológica, desenvolveram análises utilizando modelos teatrais e dramáticos como ferramentas para compreensão de relações não teatrais (VELOSO, 2014, p. 166). Na matriz teatral, podemos citar as produções de Richard Schechner que também contribuíram significativamente para o desenvolvimento dos estudos da performance (VELOSO, 2014). Em suma, os estudos da performance são constituídos pelo diálogo entre as matrizes do conhecimento citadas (e tantas outras mais), não havendo fronteiras fixas entre os domínios do saber.

Goffman (2002) define o conceito de “performance social” em termos teatrais, como uma espécie de dramatização. O autor analisa a vida social como um “palco”, onde os indivíduos se apresentam como atores que desempenham variados papéis no cotidiano. Esses papéis são preestabelecidos, socialmente orientados e estão de acordo com os interesses em jogo (VELOSO, 2014, p. 197). A noção de “apresentação pública do eu”, proposta por Goffman, contribuiu para a análise das performances sociais em diálogo com os “[...] padrões culturais, exercitados por meio de sinais, expressões, comportamentos e atos simbólicos, historicamente construídos, e transmitidos por meio das convenções” (VELOSO, 2014, p. 197).

Neste estudo, utilizo o termo “performance” para designar “[...] toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2002, p. 29). Ademais, a performance é influenciada pela forma como cada indivíduo concebe sua imagem e pretende mantê-la (VELOSO, 2014, p. 195). Assim, analisarei neste capítulo a maneira pela qual o indivíduo apresenta si mesmo e suas atividades para outras pessoas, além dos meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito (GOFFMAN, 2002).

Segundo Schechner (2006, p. 3), toda e qualquer atividade da vida humana pode ser estudada enquanto performance, à medida que reconheçamos que nossas vidas “[...] estão estruturadas de acordo com modos de comportamento repetidos e socialmente sancionados” (CARLSON, 1996, p. 4-5 apud SCHECHNER, 2006, p. 5). A performance também pode ser analisada por meio da interação entre recursos e competência individual em um contexto específico, de modo a apresentar “[...] uma qualidade emergente, estruturada pelo exercício situado e criativo da competência” (BAUMAN; SHERZER, 1989, p. 7 apud BAUMAN, 2014, p.731).

As performances que serão apresentadas neste estudo marcam identidades, reorganizam os corpos e contam histórias; são “[...] comportamentos restaurados”/“duas vezes experienciados”, ou seja, são ações realizadas para as quais as pessoas treinam e que diferem de

cultura para cultura (SCHECHNER, 2006). Para Schechner (2006), cada ação, desde a mais secundária até a mais complicada é feita de comportamentos duas vezes vivenciados e, na maior parte do tempo, as pessoas não estão cientes de que agem assim. Segundo o autor (2006, p. 10), “Tomar consciência do comportamento restaurado é reconhecer o processo pelo qual processos sociais, em todas suas múltiplas formas, são transformados em teatro”.

De acordo com Schechner (2006, p. 4-9), a performance acontece enquanto ação, interação e relação e nós realizamos mais performances do que imaginamos, visto que até os hábitos, os rituais e as rotinas da vida são compostos por (re)combinações de comportamentos restaurados. Segundo o autor, mesmo que a pessoa se sinta completamente autêntica, atuando independentemente, suas unidades de comportamento não seriam por ela inventadas. Schechner (2006, p. 10-11) também enfatiza que as performances podem ser generalizadas até o nível teórico da restauração do comportamento, porém, como são práticas concretas, cada e toda performance é específica e diferente da anterior.

Em síntese, o conceito de performance “[...] adquire formas variadas, cambiantes e híbridas. Há algo de não resolvido neste conceito que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares” (DAWSEY et al, 2013, p. 20). Assim, os estudos sobre performance demonstram a complexidade, o dinamismo e a tendência à permanência das formas performáticas, na medida em que a própria vida cotidiana nos impele a aprender porções de comportamentos culturais e a desempenhar determinados papéis sociais (SCHECHNER, 2006, p. 2). Dessa forma, creio que os estudos da performance, a partir de suas propostas metodológicas e do entrelaçamento de diferentes abordagens e campos do conhecimento, me fornecerão interessantes possibilidades de análise sobre o modelo de gênero proposto no contexto da Igreja Universal do Reino de Deus.

### 2.1.1 A performance de Cristiane Cardoso

Cristiane Cardoso<sup>14</sup> é a filha mais velha de Edir Macedo. Nasceu em 31 de outubro de 1973 e com 17 anos casou-se com Renato Cardoso, seu primeiro namorado e, na época, um jovem bispo da Igreja Universal. Cristiane e Renato Cardoso decidiram adotar um menino de quatro anos de idade, chamado Felipe. Segundo o casal, eles optaram pela adoção de uma criança mais velha por não possuírem tempo para se dedicarem completamente a um recém-nascido (BRONSZTEIN; RODRIGUES, 2016). Em vários depoimentos apresentados em seu

---

<sup>14</sup> Foto no Anexo A, figura 1.

blog, Cristiane Cardoso conta que a partir de seu casamento começou a aprender a ser dona de casa e a conviver com os problemas conjugais e familiares.

Após se casar, Cristiane Cardoso atuou mais intensamente na IURD e, junto com seu esposo, desenvolveu trabalhos missionários e inaugurou igrejas em diferentes países. Em sua trajetória, Cristiane escreveu diversas colunas semanais voltadas para o público feminino; em 2006 produziu seu primeiro livro intitulado *Melhor do que comprar sapatos*, publicado primeiramente em inglês e depois traduzido para o português; conduziu o programa *Free Woman* na emissora de rádio *Liberty*; atuou na TV com o programa *Coisas de Mulher* em um canal internacional de Portugal; em 2009 fundou o grupo feminino Godllywood da Igreja Universal; em 2011 gravou a música *Ah que dia!* e publicou o livro *A Mulher V: moderna à moda antiga* (BRONSZTEIN; RODRIGUES, 2016). Atualmente, Cristiane Cardoso desenvolve atividades e projetos voltados para o público feminino (não restrito às fiéis da igreja) que difundem o modelo de gênero proposto pela IURD.

Além de produzir programas e atividades para o público feminino, Cristiane desenvolve diversos projetos em conjunto com seu esposo, Renato Cardoso<sup>15</sup>. O casal publicou os livros *Casamento Blindado* em 2012, *120 Minutos para Blindar seu Casamento* em 2013, *Namoro Blindado* em 2015, *Diário do Amor Inteligente* em 2017 e *Casamento Blindado 2.0* em 2017. Além dos livros mencionados, Cristiane e Renato Cardoso produzem cursos, palestras, eventos e apresentam o programa *The Love School* na TV Record onde debatem questões sobre relacionamento conjugal e oferecem orientações para um relacionamento a dois “feliz e próspero”.

Apesar de não abandonar a representação tradicional da mulher (delicada, vaidosa, com o principal papel de auxiliadora do marido e cuidadora do lar), Cristiane Cardoso é uma figura pública e uma liderança religiosa feminina de grande destaque. Segundo Campos e Souza (2017), a liderança de Cristiane Cardoso é fundamentada no carisma institucional (vindo de sua posição como filha de Edir Macedo e esposa do bispo<sup>16</sup> Renato Cardoso) e pessoal (decorrente de suas características e trajetória particulares). Assim, Cristiane Cardoso possui um amplo capital religioso que, em certa medida, legitima o seu poder de influência na visão de mundo das fiéis.

<sup>15</sup> Foto no Anexo A, figura 2.

<sup>16</sup> Na cosmologia iurdiana, ser esposa de pastor/bispo consiste em assumir uma espécie de cargo dentro da estrutura religiosa da igreja com uma importante função social. A esposa é “usada pelo Espírito Santo” para auxiliar o “homem de Deus” e ela também possui responsabilidade sobre o público feminino da unidade da IURD administrada pelo esposo.



Embora a IURD não permita que mulheres assumam funções pastorais atualmente, Cristiane Cardoso pode ser considerada uma das maiores líderes da Igreja Universal. Além de fundar e liderar um dos projetos mais expressivos da IURD, o Godllywood, Cristiane Cardoso é uma mulher empreendedora. De acordo com Campos e Souza (2017), ela administra o seu carisma de forma empreendedora através de seus programas televisivos, livros, cursos, canais no *Youtube*, *sites*, etc.

Segundo as autoras (2017, p. 493), tais empreendimentos promovem uma notoriedade para Cristiane Cardoso que ultrapassa o público da IURD; assim, ela rompe barreiras geográficas e institucionais, transformando-se em uma “celebridade da fé”, reforçando sua exemplaridade e fornecendo as diretrizes para o desenvolvimento da “mulher virtuosa”. Dessa forma, Cristiane Cardoso pode ser vista como um exemplo de mulher que assume papéis inovadores de liderança e de empreendedorismo dentro e fora da igreja; exercendo funções que vão além das atribuições “essenciais” da “mulher virtuosa”.

Através de entrevistas e conversas informais com algumas fiéis da igreja, percebi que Cristiane Cardoso materializa o ideal de mulher cristã proposto pela IURD, ou seja, a “mulher virtuosa”. Assim, a performance apresentada por ela nos eventos, palestras, cursos, programas televisivos, livros e redes sociais fundamenta-se na apresentação dela própria de forma vinculada à representação da “mulher virtuosa” de *Provérbios 31*. No contexto da IURD, a representação da “mulher virtuosa” é legitimada pela autoridade inquestionável da Bíblia e a performance de Cristiane Cardoso (juntamente com a sua capacidade para fornecer orientação) é validada por três fatores principais: a sua posição institucional na igreja, a sua trajetória e a sua vida atual.

Conforme já mencionado, Cristiane Cardoso é filha do fundador e líder da IURD e é casada com um bispo da igreja. Tais fatos a colocam em uma posição institucional valorizada e legítima dentro estrutura religiosa da Igreja Universal. Alguns aspectos do passado de Cristiane também contribuem para a legitimidade de sua performance de “mulher virtuosa”. O fato de ter se casado com o primeiro namorado e a afirmação de Edir Macedo de que Cristiane Cardoso casou virgem, por exemplo, contribuem para a criação do *ethos* prévio de uma mulher pura e com uma imagem positiva (SILVA, B., 2015, p. 87). A importante atuação de Cristiane Cardoso na criação de unidades da IURD no Brasil e no exterior e a sua participação nas atividades e projetos atuais da igreja também contribuem para uma imagem de mulher empenhada, competente, disciplinada, criativa e atuante na “obra de Deus”.

Além disso, os relatos de Cristiane Cardoso sobre suas experiências também constituem a sua performance de “Mulher V”, na medida em que exemplos de sua própria conduta são

relacionados à representação da “mulher virtuosa”. Podemos observar tal vinculação no capítulo 3 do livro *A Mulher V*, intitulado *Ela é boa*. Nesse capítulo, Cristiane Cardoso discorre sobre a capacidade da “mulher virtuosa” de não ser egoísta e de fazer o bem para todos a sua volta, independentemente do como a tratam. Para ilustrar essa característica da “Mulher V” em sua pessoa, a autora conta como ela deixou de querer suprir somente as suas necessidades e passou a considerar os desejos de seu esposo.

Segundo Cristiane Cardoso, ela passava a maior parte da semana em casa e Renato Cardoso, trabalhando na igreja. Quando o final de semana chegava, ela queria passear e ele queria descansar. Cristiane Cardoso afirma que ela se concentrava em suprir as suas necessidades e, quando isso não acontecia, ela reclamava, criticava e seu esposo se fechava cada vez mais. Então, a autora decidiu mudar de atitude: parou de reclamar e começou a considerar as necessidades de seu marido. A partir dessa mudança, Cristiane Cardoso afirma que seu esposo passou a pensar mais nas necessidades dela também. Assim, para a autora (p. 53-63) “[...] devemos ser para as outras pessoas aquilo que queremos que elas sejam para nós [...] eu mudei e, então, ele mudou”.

No capítulo 7, intitulado *Ela vai em busca das oportunidades*, Cristiane Cardoso menciona outro fato de sua vida. Ela exemplifica como “buscou a oportunidade” e “tomou iniciativa” ao criar um grupo jovem na Igreja Universal. Segundo a autora, ela e seu esposo foram transferidos para a unidade da IURD no Texas e perceberam que não havia nenhum grupo jovem ativo na igreja. Assim, eles oraram e decidiram pedir permissão à liderança da unidade para instituir e coordenar o grupo.

Segundo Cristiane Cardoso, a igreja não era muito frequentada por jovens e ela e seu esposo tiveram que ser pacientes. De acordo com a autora, as reuniões com o grupo causavam um intenso cansaço mental, porque mal dava para ver o resultado de seu trabalho. Mas ela conta que eles não desistiram e usaram a criatividade para produzir ideias inovadoras e atraentes para o público. Assim, a situação começou a mudar e o grupo passou a ser difundido para outras unidades da IURD na América. A partir desse exemplo, subentende-se que foi necessário muito esforço e dedicação para a criação e sucesso do grupo jovem. Portanto, esse relato contribui para a imagem de Cristiane Cardoso, perante os fiéis da IURD, como uma mulher que vai em busca de oportunidades, criativa e batalhadora - características que qualificam a “Mulher V”.

No capítulo 8 do livro, intitulado *Ela é forte*, observamos outro exemplo de vinculação entre a trajetória de Cristiane Cardoso e as características da “Mulher V”. Nesse capítulo, a autora afirma que a “mulher virtuosa” é forte e que essa força deriva da sua proximidade com Deus. Ela, então, discorre sobre o dia em que se encontrou verdadeiramente com Deus aos 16

anos de idade. Cristiane Cardoso relata que estava na igreja e em frente ao Altar, chorando, entregou toda a sua vida a Deus e, em troca, Ele a deu “o novo nascimento”, transformando-a “verdadeiramente em Sua filha”. A autora afirma que, nesse dia, recebeu de Deus a força necessária para se tornar uma “mulher virtuosa” e, a partir disso, ela e toda a sua vida mudaram para melhor.

À vista desses exemplos, podemos perceber que, ao fornecer as diretrizes para o desenvolvimento do perfil da “Mulher V”, Cristiane Cardoso recorre a exemplos de seu comportamento afirmando a existência de características da “mulher virtuosa” em sua própria pessoa. Essa estratégia argumentativa (de comparar suas experiências/características com as da “Mulher V”) atua como forma de autolegitimação (SILVA, B., 2015, p. 89) - de si e de seu discurso - e de persuasão do público. Assim, apesar de não afirmar explicitamente que é uma “mulher virtuosa”, Cristiane Cardoso apresenta imagens de si e de sua trajetória que fundamentam sua vinculação com a representação da “mulher virtuosa”. Dessa forma, ao desempenhar sua performance, Cristiane Cardoso espera que o público acredite que ela possui os atributos que aparenta possuir e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 2002, p. 25).

Cristiane Cardoso também desenvolve uma representação de si de modo a afirmar que a “mulher virtuosa” deve se cuidar tanto interna quanto externamente, podendo se maquiar, vestir roupas elegantes, andar de salto alto, fazer unhas e cabelos de acordo com os valores da igreja. Assim, ao mesmo tempo em que cuida da parte espiritual, estando “próxima de Deus” e fazendo parte de “Sua obra”, ela também cuida da sua estética. Tal fato está em consonância com o que diz o bispo Macedo no livro *O perfil da mulher de Deus*, onde ele afirma que “É dever de toda mulher, especialmente se ela for de Deus, procurar ter a melhor aparência possível, para se apresentar na igreja ou em qualquer outro lugar. Isto, entretanto, não deve exceder os limites[...]” (MACEDO, 2001, p. 52).

Normalmente em seus eventos Cristiane Cardoso aparece vestida e maquiada de forma discreta e elegante, com unhas e cabelos feitos. Dessa forma, “Vestir-se do modo considerado elegante e seguindo alguns padrões da moda, mas com ‘discrição e modéstia’ é percebido como um modo de externalizar a ‘beleza’ de seu relacionamento ‘íntimo e interior’ com Deus” (SOUZA, A., 2017, p. 13). Além da questão estética, Cristiane Cardoso sempre apresenta uma voz suave e calma ao falar, demonstrando a potencialidade do corpo em assumir formas de expressão e de comunicação performativa.

É importante mencionar também que, além das performances presenciais, Cristiane Cardoso desenvolve muitas performances mediatizadas pelas tecnologias da informação através

videoconferências e *lives* no *Instagram*, por exemplo. Assim, o “[...] sentimento de que a performance está em todos os lugares aumenta por causa de um ambiente mediado, onde as pessoas se comunicam por fax, por telefone e pela internet, onde uma quantidade ilimitada de informação chega pelo ar” (SCHECHNER, 2006, p. 23). Tanto os eventos presenciais quando os mediatizados são eventos de plataforma/palco, nos quais as atividades e os discursos de Cristiane Cardoso são postos diante de um público espectador e são foco de atenção visual e cognitiva (GOFFMAN, 1983 apud BAUMAN, 2014, p. 738).

Em suma, Cristiane Cardoso demonstra, através de sua performance, que se esforça para ser uma mulher polivalente, dedicada à família, à casa, aos seus empreendimentos, à obra de Deus e a si mesma. Assim, a apresentação de si baseada no desempenho da performance da “mulher virtuosa” visa “[...] dar credibilidade à imagem que se quer sustentar e que se acredita necessária em uma situação, um contexto” (VELOSO, 2014, p. 196). Podemos perceber que Cristiane Cardoso desempenha papéis específicos e demonstra certas habilidades em público; tais elementos apresentados durante a performance são elementos expressivos do comportamento social que comunicam aspectos simbólicos codificados para o grupo religioso em questão.

Segundo Goffman (2002, p. 221), “Se um indivíduo tenta dirigir a atividade de outros por meio do exemplo, esclarecimento, persuasão [...] será necessário, qualquer que seja sua posição de poder, transmitir eficazmente o que deseja que se faça”. Assim, Cristiane Cardoso, visando a difusão do modelo de gênero proposto pela IURD, apresenta orientações, atividades e experiências claras e detalhadas sobre como tornar-se uma “mulher virtuosa” nos dias de hoje. As experiências e características de Cristiane Cardoso são interpretadas e exibidas por ela própria, buscando demonstrar a felicidade e a prosperidade que a constante disciplinarização (baseada na palavra de Deus) pode proporcionar. Tal discurso reitera a importância da busca por tornar-se uma “Mulher V” para cumprir a “vontade de Deus” e para alcançar e manter a prosperidade, sendo, portanto, um importante elemento de atração de novos seguidores.

Ademais, ao oferecer as diretrizes para que a identidade da “Mulher V” possa se desenvolver, Cristiane Cardoso se apresenta como alguém experiente, que conhece o caminho “correto” a seguir. Por sua posição institucional, trajetória e atuação ela adquire o direito de fala legítimo e seu discurso tende a ser visto como autêntico e verdadeiro pelos fiéis da igreja. Em síntese, a performance de Cristiane Cardoso emerge a partir de uma “[...] dupla vinculação: com a enunciação em si e com as representações que o público constrói sobre ela” (BRONSTEIN; RODRIGUES, 2016, p. 11).

Em alguns de seus discursos, Cristiane Cardoso afirma que não é perfeita, que é humana e também comete falhas, mas que está sempre buscando ser uma mulher melhor para Deus, para si e para sua família. Quando ela expõe alguma atitude “falha” que tenha realizado, logo em seguida relata como contornou a situação e retornou ao seu “equilíbrio”. Dessa forma, apesar de admitir que comete erros, ela mostra competência e capacidade de domínio das situações difíceis e demonstra a importância da disciplina e do empenho para conseguir reverter as situações. O destaque de Cristiane Cardoso também deriva de sua capacidade para direção e organização de seus discursos, práticas e projetos; além de apresentar performances consistentes perante a câmera e o público, se mostrando digna de confiança.

Em síntese, a exemplaridade de Cristiane Cardoso é constituída a partir de performances nas quais ela assume diferentes papéis em diferentes campos, como: representante da IURD, apresentadora, colunista, mãe, esposa, escritora, filha etc (BRONSZTEIN; RODRIGUES, 2016, p. 13). Observei que, nessas diferentes performances, Cristiane Cardoso busca passar a ideia de que a vinculação entre as mulheres e a representação da “mulher virtuosa” necessita atravessar o contexto ritual (dos eventos religiosos) e penetrar na vida cotidiana. Dessa forma, as orientações de Cristiane Cardoso e da IURD devem ser seguidas em todos os âmbitos da vida social, não somente no âmbito religioso explícito, assegurando a projeção da imagem da “mulher virtuosa” de forma contínua.

Perante o público, Cristiane Cardoso assume a responsabilidade pela maneira que a comunicação de sua performance ocorre, para além do seu conteúdo referencial, e o seu ato de expressar-se é sujeito à avaliação pela forma como é realizado, pela habilidade relativa e efetividade da exposição de sua competência (BAUMAN, 1975, p. 293 apud BAUMAN, 2014, p. 733). Por ser uma referência atual de “Mulher V”, as orientações e a performance de Cristiane Cardoso tendem a influenciar a construção dos significados e sentidos das identidades, subjetividades e experiências sociais das mulheres que aderem ao seu discurso, sejam fiéis da igreja ou consumidoras de seus produtos e serviços não relacionados explicitamente à IURD. Dessa forma, ocorre a difusão do modelo de gênero proposto pela igreja.

## 2.2 O Godllywood

O Godllywood é um projeto idealizado por Cristiane Cardoso que promove eventos e atividades para as mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus. O projeto foi elaborado a partir de uma indignação relacionada aos “valores errôneos” transmitidos pelas mídias, principalmente as provenientes de Hollywood. O Godllywood foi criado em 2009 no Texas,

Estados Unidos, e em pouco tempo foi difundido pelas unidades da IURD em diferentes locais, estando hoje presente em mais de 82 países (TEIXEIRA, 2014). O Godllywood é formado principalmente por mulheres da IURD e o seu principal objetivo é transformar as integrantes em “mulheres exemplares”, “mulheres de Deus”, “mulheres virtuosas”, avessas às influências Hollywoodianas, através de orientações e de códigos de conduta. O nome do projeto pressupõe, através da junção das palavras *God* (Deus em inglês) e *llywood*, a criação de uma “Hollywood de Deus”.

A intenção do projeto é alcançar mulheres de diferentes idades a fim de moldá-las de acordo com a “palavra de Deus” para que tenham uma vida feliz e próspera. De acordo com a minha interlocutora dona Elisa, o projeto promove atividades e tarefas que auxiliam no crescimento espiritual e no desenvolvimento do autoconhecimento e das potencialidades das participantes. Segundo o *site* oficial do grupo, o Godllywood

[...] tem o propósito de resgatar valores esquecidos na sociedade feminina, formando mulheres melhores em todos os aspectos, alinhando o cuidado pessoal com o apoio social. Em outras palavras, a mulher que deseja tornar-se diferente em casa, com a família, pais, marido, filhos, no emprego, e na aparência, pode encontrar orientação, à luz da Palavra de Deus, dentro do grupo, ao lado de outras mulheres que miram o mesmo objetivo<sup>17</sup>.

Desde a sua criação em 2009 até maio de 2019, o Godllywood foi um grupo fechado, composto por três subgrupos: *Godllywood Girls*, *Sisterhood* e *Mulher V*. O *Godllywood Girls* era formado por meninas de 6 a 14 anos de idade; o *Sisterhood* por jovens dos 15 aos 25 anos; e a *Mulher V* por mulheres a partir dos 26 anos. O grupo dispunha de “*personal trainers* espirituais”<sup>18</sup>, as *sisters*, que eram membros do Godllywood, geralmente esposas de pastores, e acompanhavam o desenvolvimento das participantes, orientando-as, indicando tarefas e verificando a execução destas.

Existia um conjunto de procedimentos, atividades e tarefas que as mulheres precisavam cumprir para conseguirem entrar no Godllywood. A aprovação das candidatas dependia da execução das tarefas e do comportamento das mesmas e, se aprovadas, elas continuavam seguindo um código de conduta com regras estritas, que uma vez quebradas, desqualificavam a participante a continuar na comunidade. As tarefas, também chamadas de desafios, normalmente trabalhavam as dimensões espiritual, familiar, conjugal, comportamental e de cuidado pessoal. Eram propostas atividades cotidianas, tais como: ser carinhosa com alguém; ler um texto bíblico; não falar palavrão; fazer exercícios físicos; ir ao médico; cuidar bem do

<sup>17</sup> Informação disponível em <http://www.godllywood.com/br/missao/>

<sup>18</sup> Categoria êmica.

lar e da aparência; ser ativa na igreja, nos projetos de evangelização e nas atividades beneficentes; fazer algo por outra pessoa; se comportar, se maquiar e se vestir de forma discreta; trajar vestidos femininos e discretos; vencer um receio etc.

Ao final do processo seletivo, havia uma formatura para as aprovadas, chamada Godllywood *Pledge Night*<sup>19</sup>. A partir da formatura, as integrantes eram enquadradas nos subgrupos do Godllywood de acordo com o seu perfil e começavam a contar com o acompanhamento de uma *sister* que era sua orientadora no grupo. Obtive a oportunidade de participar da Godllywood *Pledge Night* de dona Elisa e sua filha, Rebeca, em 31 de outubro de 2015 no Templo da Glória do Novo Israel, RJ. A *Pledge Night* oficializava a entrada das participantes no Godllywood e também apresentava o grupo para mulheres que gostariam de conhecê-lo. As formandas compareciam ao evento muito produzidas, maquiadas, trajando vestidos longos, similares aos utilizados por madrinhas de casamento.

Nesse evento, Cristiane Cardoso contou um pouco sobre a história do Godllywood, destacando como a participação no grupo pode ajudar as mulheres a se desenvolverem espiritualmente e a serem melhores esposas, mães, filhas, amigas e profissionais. Além disso, foi enfatizada a relevância da participação da mulher na organização do lar e a importância de seu papel no casamento, no auxílio ao esposo e na igreja. Também foi ressaltada a importância de ser uma “mulher virtuosa” e “sábia” e de confiar nos “planos de Deus”.

Ao final do evento, as formandas foram convidadas a se dirigirem à frente do altar para fazerem o juramento do Código de Conduta do Godllywood, caracterizado basicamente pela sintetização do que se espera de uma integrante do grupo. Reunidas em frente ao altar, as formandas disseram em voz alta:

Eu prometo ser discreta no meu falar, no meu comportamento e na minha aparência. Eu prometo ser um exemplo positivo em minha casa, igreja e onde estiver. Eu prometo olhar o lado bom das pessoas. Eu prometo ser corajosa e humilde para aceitar a correção e fazer as mudanças necessárias para construir uma fé sólida em Deus.

Após a entrada no grupo, as mulheres continuavam recebendo tarefas e orientações e deveriam participar das reuniões, dos eventos e das obras sociais do grupo. Alguns desses eventos eram abertos e outros exclusivos para participantes do grupo. A integrante que não cumprisse devidamente as tarefas em até três meses, se comportasse de maneira avessa aos códigos do Godllywood ou não participasse dos eventos do grupo recebia um *strike*<sup>20</sup>. Cada

---

<sup>19</sup> Foto no Anexo A, figura 3.

<sup>20</sup> *Strike* era um termo utilizado pelo Godllywood para indicar uma advertência, uma repreensão nas participantes.

*strike* tinha a duração de um ano - sendo retirado após esse período – e se a participante recebesse três *strikes*, ela era eliminada do Godllywood.

A partir de 2016, o Godllywood começou a realizar mais frequentemente eventos e atividades abertos para mulheres que não eram integrantes oficiais do grupo. Nesse ano, surgiu o Godllywood Autoajuda. Diferentemente do Godllywood original, o Godllywood Autoajuda era aberto para todas as mulheres independente da religião, da idade e da região. As tarefas desse novo grupo, chamadas de “tarefas como ofertas”, eram postadas mensalmente no *site* do Godllywood e no blog da Cristiane Cardoso. No Godllywood Autoajuda não havia o mesmo acompanhamento personalizado das *sisters*, mas a participante era incentivada a escolher uma “amiga como irmã”, que seria uma companheira para compartilhar e refletir sobre as tarefas propostas. As reuniões mensais do grupo passaram a ser abertas para que as participantes do Godllywood Autoajuda pudessem acompanhar.

Através de uma *live* realizada no *Instagram* no dia 18 de maio de 2019, Cristiane Cardoso anunciou mudanças na estrutura e na dinâmica do Godllywood. De acordo com ela, devido ao aumento das mulheres interessadas em participar do grupo e à impossibilidade do acompanhamento personalizado a todas, o Godllywood deixaria de ser um grupo fechado para se tornar um “movimento”, aberto às mulheres que desejassem estar mais próximas de Deus. Nessa nova conjuntura, não há mais seleção das candidatas, necessidade de comprovar a realização das tarefas e acompanhamento personalizado das *sisters*. Apesar de não haver mais a fiscalização no cumprimento das orientações e tarefas, ainda são indicadas regras, tarefas e atividades que as mulheres devem realizar para participarem do “movimento”.

Existem 15 regras principais que as participantes do “movimento” devem cumprir. São elas: não criar nem se envolver em fofocas; não ser rebelde; não se exaltar; não mentir, não ser relaxada; não ser mesquinha; não fazer cara emburrada; não ser mandona; não ter maus olhos; não ser sensual; evitar amizades que não cumpram essas regras; não flertar; não se atrasar para reuniões da igreja; não ouvir músicas ofensivas aos seus valores e princípios; e ser discreta. Além de cumprirem as regras mencionadas, as participantes devem realizar as tarefas<sup>21</sup> propostas pelo Godllywood que são postadas no *Instagram* oficial do “movimento”. As tarefas continuaram com a mesma proposta de trabalhar as dimensões espiritual, familiar, conjugal, comportamental e de cuidado pessoal das participantes.

De acordo com Cristiane Cardoso, essa mudança na estrutura do Godllywood oferece mais autonomia e independência para as participantes. Segundo ela, as regras, as orientações e

---

<sup>21</sup> As tarefas propostas nos anos de 2019 e 2020 encontram-se no Anexo B desta dissertação.



as tarefas propostas servem como um guia para ação e as mulheres seguem esse guia somente se desejarem, não havendo mais a cobrança da *sister*. Exige-se agora uma atividade de reflexividade e de auto avaliação das participantes para identificarem as mudanças necessárias a fim de seguirem o caminho da “santidade”. Portanto, segundo Cristiane Cardoso, não há mais uma dependência das participantes em relação às orientações e fiscalizações personalizadas das *sisters*.

Em suma, o livro *A Mulher V*, as regras, as tarefas e as orientações propostas pelo Godllywood funcionam como um roteiro para a ação que auxilia a mulher no desenvolvimento da virtuosidade da “Mulher V”. Campos e Souza (2017) afirmam que as orientações e as tarefas propostas pelo Godllywood estão no limite entre o religioso e o secular; entre o sagrado e o profano. Nesse contexto, as autoras utilizam o conceito de “transreligiosidade” para expor a liminaridade entre esses âmbitos, que passam a se interligar e se complementar. As práticas são da vida cotidiana, porém são justificadas por uma ordem transcendental, pelos desígnios divinos, sendo assim colocadas dentro do âmbito do sagrado.

O Godllywood realiza reuniões presenciais mensais em algumas das sedes da IURD, encontros virtuais pelo *Youtube* e utiliza de forma intensiva as mídias sociais, principalmente o *Instagram*, através de postagens e *lives*. Dessa forma, para fazer parte do Movimento Godllywood é necessário seguir as regras e as orientações propostas, cumprindo assim a “vontade de Deus”, visto que as propostas do Godllywood são baseadas na “Sua palavra”. Além disso, a participação no projeto colabora para o desenvolvimento da performance da “mulher virtuosa”, na medida em que as orientações de Cristiane Cardoso são constantemente reproduzidas e as tarefas propostas incentivam o desenvolvimento das características e dos papéis da “Mulher V”.

### 2.2.1 As performances das integrantes do Godllywood

Além da performance de Cristiane Cardoso, as performances das “mulheres virtuosas” do Godllywood são importantes elementos para a materialidade da representação da “Mulher V” proposta pela IURD. A observação dessas performances se concentrou nas “regiões de fachada” (GOFFMAN, 2002), ou seja, onde as performances são apresentadas (reuniões e eventos coletivos da igreja). Dessa forma, a “região dos fundos/bastidores” (GOFFMAN, 2002), onde a performance é preparada, não foi foco de observação devido à dificuldade de acesso. Acredito que as reuniões e os eventos coletivos da igreja são espaços privilegiados para a observação da moldagem situada da identidade nas interações e da performance como prática

circunstanciada (BAUMAN, 2014). Nesses espaços e momentos, o enquadramento das expressões comportamentais, estéticas e subjetivas torna-se mais evidente, na medida em que podemos identificar certos padrões que orientam essas performances públicas.

De acordo com Goffman (2011, p. 13), todas as pessoas vivem em um mundo de encontros sociais que as envolvem, seja pelo contato face a face ou pelo contato mediado por outros participantes. Em cada um desses contatos, a pessoa tende a desempenhar uma “linha”, que seria o padrão de atos verbais e não verbais através do qual ela expressa sua opinião sobre a situação e sua avaliação sobre os participantes e sobre ela própria (GOFFMAN, 2011, p. 13). Um outro termo utilizado por Goffman que dialoga com o conceito de linha é o termo “fachada”. A “fachada” pode ser entendida como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante uma interação (GOFFMAN, 2011, p. 13-14).

Por meio do trabalho de campo, pude perceber que as integrantes do Godllywood são mulheres admiradas pelas fiéis da IURD, mulheres que se esforçam para seguir as orientações de Cristiane Cardoso e que buscam apresentar performances que evidenciam o seu domínio “exemplar” do âmbito espiritual, doméstico, familiar, profissional e de cuidado pessoal. Tais performances são exacerbadas principalmente em eventos mais coletivos, como os cultos, as reuniões do grupo, os projetos de evangelização, entre outros. Podemos perceber, portanto, que a performance da “mulher virtuosa” se constitui quando a “linha” que a pessoa assume “[...] apresenta uma imagem dela que é internamente consistente e que é apoiada por juízos e evidências comunicadas por outros participantes [...]” (GOFFMAN, 2011, p. 14-15).

No caso de dona Elisa e sua filha, Rebeca, observei um grande investimento na aparência para esses eventos coletivos. Elas geralmente encontram-se vestidas de forma elegante, maquiadas, com cabelos arrumados, unhas pintadas e saltos altos. Além disso, ambas apresentam o ideal de conjugalidade proposto pela IURD ao “servirem ao Altar” com seus esposos. Notei também que dona Elisa é uma referência na Igreja Universal do centro de São Gonçalo/RJ, pois em muitos momentos do trabalho de campo observei algumas mulheres elogiando-a e procurando-a para pedir conselhos e auxílio espiritual. Acredito que o destaque de dona Elisa na igreja deriva de sua atuação na unidade (como obreira da igreja, integrante do Godllywood e do projeto Mães em Oração) e de seu empenho para seguir as orientações da igreja e cumprir as tarefas propostas pelo Godllywood. Além disso, a sua família também é muito atuante nas atividades e nos projetos da IURD.

Pude notar que dona Elisa frequenta a igreja quase todos os dias da semana, seja para os cultos diários ou para as reuniões dos projetos e grupos dos quais ela participa. Ademais,

observei que ela e sua família acompanham os programas televisivos e radiofônicos da igreja e compram diversos livros da IURD e de seus representantes. Percebi também que, nas interações sociais dentro da igreja, dona Elisa buscava apresentar de forma mais expressiva a performance da “mulher virtuosa”. Em suma, tal performance baseava-se em evidenciar, de acordo com o contexto, as características descritas por Cristiane Cardoso no livro *A Mulher V*.

Dessa forma, as integrantes do Godllywood, principalmente nas interações coletivas dentro da igreja, tendem a desempenhar uma linha (GOFFMAN, 2011, p. 13), constituída por um padrão de atos verbais e não verbais aprovados pelo grupo; e uma fachada (GOFFMAN, 2011, p. 14), ou seja, uma imagem do “eu” em termos de atributos sociais também aprovados pelo grupo. Assim, as integrantes do Godllywood geralmente incluem “[...] em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios” que desejam transmitir (GOFFMAN, 2002, p. 36-37). Ou seja, há uma tendência em evidenciar as características da “Mulher V” (descritas por Cristiane Cardoso) em suas próprias pessoas.

Além da interação presencial entre as participantes, pude perceber que elas frequentemente se comunicam e se informam por plataformas digitais. A IURD e o Godllywood possuem blogs, páginas no *Facebook*, *Instagram*, canais no *Youtube* e aplicativos para celular, onde podemos acessar informações sobre a igreja e o grupo. As participantes também criam grupos no *Facebook* e no *Whatsapp* para se comunicarem. Além das informações referentes aos princípios teológicos e aos valores da IURD, alguns desses meios de comunicação também apresentam outros assuntos como decoração, higiene pessoal, comportamento, estética, receitas culinárias etc.

Outro aspecto interessante para a análise são as fotos que Dona Elisa e Rebeca frequentemente postam no *Facebook* e *Instagram* com seus cônjuges e filhos. Normalmente, as fotos possuem legendas de cunho religioso e expõem a felicidade e a prosperidade que o engajamento religioso pode proporcionar. Ademais, a família de dona Elisa também apresenta nas redes sociais e nos encontros da igreja o sucesso de seus empreendimentos terrenos. O esposo de dona Elisa, seu Carlos, é militar aposentado e dono de duas lojas de prestação de serviços e venda de materiais relacionados à construção. Dona Elisa, seu Carlos, Rebeca - que possui curso superior em administração - e seu esposo atuam nas lojas da família.

Assim, durante todo o período da pesquisa, observei que a Igreja Universal utiliza de forma intensiva as mídias digitais, de forma que estas já são instrumentos constituintes de suas dinâmicas. Através da pesquisa via internet, percebi que as mídias digitais vinculadas à igreja, aos seus projetos e representantes são utilizadas não somente como ferramentas de difusão de

informações, de moralidades e de ofertas de serviços, mas também como importantes dispositivos educacionais e espaços de interações e de performances de gênero das fiéis.

De acordo com dona Elisa, a realização das tarefas e o cumprimento das regras propostas por Cristiane Cardoso e pelo Godllywood são formas de “agradar a Deus” e de alcançar o objetivo de ser uma “mulher virtuosa”. Tais tarefas e regras podem ser descritas como um sistema intencionalmente organizado de ações, sentidos e significados que fornecem as diretrizes para o desenvolvimento da “virtuosidade” proposta pela igreja. A realização das tarefas propostas e a atuação na igreja são “provas” do esforço em se tornar uma “Mulher V”, para além do discurso da própria mulher sobre si. O sistema simbólico da IURD atribui à realização dessas tarefas expressões de dignidade e honra, além de ser uma forma de “glorificar a Deus”.

As tarefas e as orientações propostas por Cristiane Cardoso podem ser analisadas a partir do conceito de “comportamento restaurado” (SCHECHNER, 2006). Segundo Schechner (2006), o comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance; ele é simbólico, reflexivo e marcado pela convenção. Tal comportamento pode ser caracterizado como ações físicas, verbais ou virtuais que apresentam a pessoa se comportando como se fosse outra pessoa, como foi dito para ela fazer ou como ela aprendeu (SCHECHNER, 2006, p. 8).

Assim, as atividades propostas pelo Godllywood são “comportamentos restaurados”, socialmente produzidos, que servem como instrumentos de desenvolvimento e/ou atualização de uma identidade feminina pressuposta, que é vista como algo inato, algo da natureza da mulher. Tal ideia de natureza acaba por retirar o caráter cultural e histórico da identidade de gênero. Por meio das atividades e orientações propostas por Cristiane Cardoso e pelo Godllywood, podemos perceber a construção performativa da identidade, na medida em que esta

[...] é uma construção criada colaborativamente, produzida e reproduzida para apresentação, reconhecimento e ratificação perante um público, com parte do processo de produção realizado nos bastidores, por assim dizer, antes de ser apresentada no palco, na frente de todo mundo (GOFFMAN, 1959 apud BAUMAN, 2014, p. 735).

De acordo com Teixeira (2014, p. 238-250), a realização e a divulgação das tarefas do Godllywood buscam naturalizar no corpo o conceito de “mulher virtuosa” e funcionam como tecnologia de produção de modos de subjetivação que comportam uma “[...] lógica de exteriorização do cotidiano por meio do registro ativo do cumprimento de um dever e de interiorização da regra”. Segundo a autora (2014, p. 248), as orientações do grupo vão além do espaço religioso e se inscrevem em situações da vida cotidiana. Dessa forma, as participantes

incorporam o sagrado como estilo de vida e o corpo torna-se espaço de performance do sagrado (TEIXEIRA, 2014).

Assim, as tarefas propostas apresentam um repertório de ações que fornecem inclinações dramáticas gerais para conduzir a ação (GOFFMAN, 2002, p. 223) das fiéis. Tais inclinações fundamentam a performance das “mulheres virtuosas” do Godllywood e são formas de expressão dos significados e dos sentidos propostos por Cristiane Cardoso sobre a representação da “mulher virtuosa” de *Provérbios 31*. Em suma, a IURD, o Godlywood e a Cristiane Cardoso empreendem tentativas de gerenciamento do comportamento, da identidade, da subjetividade, das relações e das experiências sociais das fiéis.

De acordo com a interlocutora dona Elisa, em uma conversa informal realizada no dia 02 de junho de 2019, é necessário um esforço contínuo para ser a “Mulher V” no dia a dia. Segundo ela,

É muito fácil as pessoas de fora criticarem, mas elas não sabem os benefícios que conseguimos ao tentar ser uma “mulher virtuosa”. Eu alcancei um casamento feliz e uma vida bem melhor do que eu tinha. Mesmo com tantas opções do mundo eu não trocava o meu ideal de mulher por nada. Não é fácil, é um exercício contínuo. E nesse processo você faz escolhas e sacrifícios, decide se dedicar àquilo que mais importa no momento. Por exemplo, olha a minha unha como está, ela está assim porque eu fui trabalhar sábado com meu esposo. Se fosse outra (mulher) diria "ah eu não vou, porque já fui a semana inteira e quero ir no salão fazer a unha". Mas eu quis apoiá-lo naquele momento. Se você perguntar ao meu esposo ele pode até falar dos meus defeitos, mas pode ter certeza que ele também vai exaltar minhas qualidades como esposa e mãe.

Através da fala descrita acima, podemos perceber que a noção de escolha individual é mobilizada pela interlocutora. Segundo dona Elisa, ela escolhe diariamente se esforçar para ser uma “mulher virtuosa” e, através disso, alcança benefícios para si. Além disso, podemos notar um exercício de reflexão feito pela interlocutora ao escolher ajudar seu esposo no trabalho ao invés de ir ao salão de beleza fazer as unhas. Assim, dona Elisa julgou mais apropriado, no momento, investir no apoio ao seu companheiro do que na sua estética (ambas ações incentivadas por Cristiane Cardoso). É interessante mencionar também que, em vários momentos quando fui visitar dona Elisa na loja onde trabalha, eu a vi vestida de forma bem simples, sem maquiagem, de calça ou bermuda jeans e tênis; uma forma de vestimenta totalmente diferente daquela apresentada por ela nos cultos e reuniões da igreja.

É importante observar que na caracterização da “Mulher V” e nas orientações propostas pelo Godllywood e por Cristiane Cardoso há uma valorização relacionada aos cuidados com a aparência. É desejável que a mulher seja vaidosa e, para isso, são propostas atividades que venham a desenvolver essa característica, como fazer exercícios; se alimentar de forma saudável; experimentar um corte de cabelo diferente; vestir roupas femininas, elegantes e

discretas; entre outras. Para Cristiane Cardoso (2014, p. 321), a boa aparência atrai pessoas e deve ser utilizada para a “glória de Deus”. Além dessa justificativa, o cuidado com o corpo é incentivado devido à sua santidade; por ser “templo do Espírito Santo”, o corpo deve ser foco de dedicação e valorização.

Campos e Souza (2017) afirmam que o cuidado com a aparência se torna símbolo da integrante do Godllywood e da “mulher virtuosa”. De acordo com as autoras, há uma glamourização da forma de ser iurdiana e de suas práticas religiosas. Para elas, o Godllywood transmite a ideia de que Deus e a religião podem ser tão glamorosos e admirados quanto Hollywood e seus valores. É interessante refletir sobre o duplo movimento de aproximação e distanciamento que a IURD realiza em relação à Hollywood. Dependendo do contexto, a igreja se aproxima ou se distancia de práticas e elementos presentes na cultura hollywoodiana.

No processo de aproximação, esses elementos passam por ressignificações onde são revestidos com novos aspectos simbólicos. Dessa forma, a IURD cria algo singular e constituinte da sua identidade religiosa. Assim, a estética e o comportamento exaltados pelo grupo estão muitas vezes em consonância com o que é valorizado pelo senso comum e pela percepção secular, porém tais práticas e discursos são transportadas para o plano divino. Contudo, é necessário enfatizar que a identidade do Godllywood se constitui e se afirma por contraste e negação à Hollywood.

Através da fala de dona Elisa, descrita anteriormente, também podemos notar que ela assume que possui defeitos, ou seja, ela não se considera uma “mulher perfeita”. Porém, busca cotidianamente ser uma “mulher virtuosa”. Tal afirmação vai de encontro à fala de Cristiane Cardoso, exposta no subcapítulo anterior, onde ela afirma não ser perfeita, mas busca sempre ser uma “mulher melhor”. Em síntese, pude perceber que a “mulher virtuosa” é um ideal a ser buscado. A busca por tornar-se a “Mulher V” é tão valorizada como a própria materialização da representação. Ou seja, a mulher que se esforça para desenvolver as características da “mulher virtuosa”, apresentadas por Cristiane Cardoso, é vista como já portadora da “virtuosidade”, visto que ser a “mulher virtuosa” por completo é uma tarefa extremamente árdua.

De acordo com Goffman (2011, p. 21), a pessoa que busca preservar a “fachada” deve exercer também a perceptividade, tendo consciência das interpretações que os outros podem dar aos seus atos e dos juízos transmitidos simbolicamente. Baseando-me nessa perspectiva, acredito que as integrantes do Godllywood tendem a agir de acordo com sua interpretação da ordem expressiva que prevalece e com a análise do significado simbólico de seus atos em relação aos símbolos que estão sendo mantidos nos encontros sociais. Assim, as performances

das integrantes do Godllywood se mostram situacionais, ou seja, são desenvolvidas a partir do contexto em que se encontram e das interpretações realizadas.

Dessa forma, apesar de compartilharem as crenças e os valores da IURD, as performances das “mulheres virtuosas” do Godllywood são dinâmicas e contextualizadas. Goffman (2002, p. 224) já havia afirmado a necessidade de cautela em qualquer tentativa de generalização em relação a práticas dramatúrgicas. Com isso, baseando-me também na teoria da performance de Schechner (2006, p. 4), acredito que nenhuma performance é exatamente igual as demais, visto que as porções de “comportamento restaurado” podem ser re combinadas de formas diversas - a depender das características particulares do performer, do contexto da apresentação e da interatividade. Podemos perceber, portanto, que o desempenho da performance da “mulher virtuosa” pode aprimorar e intensificar a experiência na medida em que envolve interpretação, reflexão, criação, prática e manipulação de formas simbólicas e significativas por parte da performer.

Uma outra questão importante refere-se às expectativas sociais em relação à integrante do Godllywood. Segundo Goffman (2011), quando uma pessoa assume uma imagem do “eu” expressa através da “fachada”, os outros esperam que essa pessoa atue conforme a “fachada” assumida. No caso da IURD, por exemplo, há um conjunto de expectativas relacionadas às integrantes do Godllywood. Elas devem se portar de forma coerente com os valores da igreja, seguir as orientações de Cristiane Cardoso, cumprir as tarefas propostas e participar dos eventos promovidos, de modo que a ordem expressiva da “fachada” da “mulher virtuosa” seja mantida.

De acordo com Goffman (2011, p. 18), apesar da “fachada” ser a posse mais pessoal da pessoa, ela é um empréstimo da sociedade, podendo ser retirada caso a pessoa não se porte de forma digna à “fachada”. Pude observar concretamente tal afirmação a partir da trajetória de uma das minhas interlocutoras, a Carla. Coincidentemente, Carla era minha colega de turma no mestrado e integrante do Godllywood no ano de 2018 (quando ainda era um grupo fechado). Ela me contou que começou a faltar as reuniões do grupo e a não realizar as tarefas no tempo proposto e, por isso, foi convidada a se retirar do Godllywood no final do ano de 2018. Até o momento, Carla continua afastada do projeto e da igreja.

A partir do exemplo de Carla, podemos perceber a importância de seguir as orientações e de participar dos eventos da igreja. Tais ações podem ser vistas como esforços para tornar a conduta pessoal das participantes condizentes com a “fachada” da “mulher virtuosa”. Assim, esses esforços tendem a se tornar cotidianos e padronizados e buscam a preservação da “fachada” da “Mulher V”. Uma outra forma de preservação da “fachada” é o “processo de evitação” (GOFFMAN, 2011, p. 22), que consiste em evitar possíveis contatos e situações

ameaçadores à “fachada”. O “processo de evitação” apresentado pelas interlocutoras era composto pelo afastamento das “coisas do mundo”, das “coisas da carne” e das mulheres “não virtuosas”, ou seja, das mulheres que não cumprem suas obrigações “prescritas por Deus” e interpretadas pela igreja.

Também pude observar por meio das interlocutoras que, caso ocorram fatos ou comportamentos que contradigam ou desacreditem a performance da “Mulher V”, é necessário que a fiel em questão se esforce para reestabelecer a coerência de sua performance. Tal reestabelecimento pode ocorrer através do cumprimento das normas e orientações da IURD e da participação contínua nos cultos e eventos da igreja.

Através do que foi exposto neste capítulo, podemos perceber que o projeto Godllywood é um importante espaço de aprendizado social, onde os discursos de Cristiane Cardoso sobre a “virtuosidade” (principalmente aqueles presentes no livro *A Mulher V*) são reproduzidos e enfatizados. As tarefas propostas pelo Godllywood funcionam como um guia para ação, onde as orientações transmitidas afirmam um padrão de feminilidade visto como natural e universal. As fiéis não são obrigadas a participarem do projeto, mas são incentivadas a isso, a fim de se tornarem “mulheres melhores”, “mulheres virtuosas”, que agem de acordo com a “palavra de Deus” e dessa maneira “glorificam ao Senhor”.

Dentro do Godllywood define-se o sentido de ser mulher ao mesmo tempo em que se aprende a ser mulher. O “ser mulher” mencionado baseia-se na representação da “mulher virtuosa” e as tarefas propostas constituem um programa instrutivo e disciplinador que ensina como desenvolver tal “virtuosidade”. Portanto, as orientações e as tarefas generalizam uma performance de gênero baseada em características como docilidade, vaidade, discrição e disciplina, incentivando formas singulares de as mulheres agirem e pensarem sobre si.

A representação da “mulher virtuosa”, materializada em Cristiane Cardoso por meio de sua performance, é um importante ponto para a análise sobre como o discurso atua no âmbito subjetivo dos indivíduos através do duplo processo de identificação e projeção (BRONSZTEIN; RODRIGUES, 2016, p. 13). Através desse processo, as integrantes do Godllywood desenvolvem suas performances e a “fachada” da “Mulher V” tende a tornar-se coletiva na medida em que há a reprodução de uma “fachada” específica já estabelecida (GOFFMAN, 2002, p. 34). Assim, idealmente, as mulheres que decidem assumir o papel social da “Mulher V” devem desempenhar as tarefas atribuídas a ele e manter a “fachada” correspondente. Dessa forma, a representação da “mulher virtuosa” é reiterada pelas performances coletivas por meio do cumprimento das normas sociais e dos papéis estabelecidos pela igreja.



Em síntese, a participação no Godllywood e o desenvolvimento da performance da “mulher virtuosa” foram descritos pelas interlocutoras como uma experiência transformadora, gratificante, reflexiva e de autoconhecimento. Ademais, a participação no projeto e o desenvolvimento da performance da “Mulher V” também se mostraram como instrumentos de distinção e de prestígio. Acredita-se, então, que o desempenho dessa performance (ou o esforço em tentar desempenhá-la) é um modo da mulher ser valorizada pelas pessoas e receber a prosperidade de Deus.

Há, portanto, um repertório de comunicações verbais e não verbais que configura a performance da “mulher virtuosa”. Tal repertório fundamenta-se no cumprimento ou na tentativa de cumprimento das atividades e orientações propostas, principalmente, pelo Godllywood e pela Cristiane Cardoso. O discurso sobre si, a aparência física, a conduta, a participação nas atividades da igreja e a realização de tarefas do Godllywood são exemplos de comportamentos comunicativos que expressam o desenvolvimento das características da “Mulher V” na performer e asseguram a projeção de tal imagem. Essas expressões possuem o papel comunicativo de transmitir impressões a respeito do indivíduo, são fontes de informações e meios pelos quais as pessoas que as recebem podem orientar suas ações (GOFFMAN, 2002, p. 227-228).

Espera-se que a integrante do Godllywood se apresente de maneira adequada aos valores da igreja ou demonstre o desejo de aprender a apresentar-se de tal forma. Assim, as performances ocorrem à medida que a fiel se apresenta de modo refletido à representação da “mulher virtuosa” e dessa forma, as crenças e os valores propostos pela IURD tendem a ser incorporados e comunicados. As fiéis da igreja, ao desempenharem a performance da “Mulher V”, fazem uma apresentação de si para os outros que tende a influenciar a sua interpretação de si própria e de suas experiências sociais, visto que “[...] o indivíduo pode envolver profundamente o seu eu em sua identificação com um determinado papel, instituição ou grupo” (GOFFMAN, 2002, p. 222).

Segundo Goffman (2002, p. 13-14) geralmente existe uma razão que leva o indivíduo a agir de forma a transmitir a impressão que deseja transmitir. Portanto, desempenhar a performance da “Mulher V” é uma forma de regular a impressão, de fazer com que o público da igreja e Deus vejam a performer de uma maneira positiva; também é uma forma de atração e manutenção de interações e de regulação da maneira como é tratado (GOFFMAN, 2002, p. 13).

Conforme exposto por Goffman (2002, p. 21), o indivíduo que desempenha uma performance de determinado tipo exerce uma exigência moral sobre os outros, reivindicando

sua valorização e o tratamento adequado a que tem direito. No caso do desempenho da performance da “Mulher V”, a performer em questão pode reivindicar sua valorização e seu tratamento adequado não somente perante a outras pessoas, mas também perante a Deus, ao esperar que Ele “cumpra Suas promessas”. Em suma, a manipulação reflexiva dos padrões de conduta propostos pela Cristiane Cardoso e pelo Godllywood expressa o desenvolvimento da “virtuosidade feminina sagrada” e, através dela, acredita-se que as mulheres conseguem simultaneamente agradar a Deus e alcançar a prosperidade, o equilíbrio e a felicidade.

Através das informações contidas neste capítulo, podemos perceber que Cristiane Cardoso fornece orientações sobre diversos âmbitos e situações da vida cotidiana. Com isso, as mulheres que queiram desempenhar a performance da “mulher virtuosa” já encontram roteiros pré-estabelecidos para a ação. De acordo com Bauman (2014, p. 733), cada comunidade possui seus próprios enquadramentos, orientadores metapragmáticos por meio dos quais um indivíduo poderá projetar-se para o público. Segundo o autor (2014), o performer, ao utilizar o enquadramento da performance, exerce uma postura reflexiva ou alinhamento para seu ato de expressar-se, assumindo responsabilidade pela apresentação de habilidade e eficácia comunicativas. Tendo em vista tal perspectiva, acredito que as fiéis tendem a observar sua própria conduta, refletir sobre ela e adequá-la à representação proposta sob o argumento de que essa é a “vontade de Deus” e de que assim poderão alcançar a prosperidade.

Conforme exposto por Goffman (2002, p. 58), somos seres humanos, possuímos impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam constantemente, porém quando assumimos um papel e/ou desempenhamos uma performance estabelecida não devemos estar sujeitos a altos e baixos. Assim a disciplina e o empenho são características constantemente apresentadas nos discursos da igreja para que os fiéis sigam “firmes na fé”, em consenso atuante, evitando contradições e rupturas.

O ideal, portanto, é a coerência entre a representação e a performance, onde o indivíduo deve constituir sua performance com expressões apropriadas, excluir expressões que possam desacreditar a impressão que está sendo alimentada e tomar cuidados para evitar que a plateia atribua significados não premeditados (GOFFMAN, 2002, p. 67). Logicamente, as performances não se desenvolvem de forma idêntica, visto que há margem para as particularidades – do performer e do contexto. Portanto, há uma variedade de performances cujo valor simbólico é concebido através do nível de adequação ao modelo proposto e/ou nível de empenho para essa adequação.

A performance da “Mulher V” “[...] não consiste meramente em possuir os atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e de aparência que o grupo social

do indivíduo associa a ela” (GOFFMAN, 2002, p. 74). Importante frisar que, no contexto do campo estudado, tais padrões não se resumem a cumprir completa e perfeitamente as orientações e atividades propostas pela igreja, mas principalmente a se esforçar para cumpri-las, assumindo suas falhas e buscando solucioná-las. Goffman (2002) já havia nos alertado que dificilmente um indivíduo desempenhará sua performance de modo estável, sem nenhuma falha ou ruptura.

Assim, a total adequação às características da “Mulher V” é uma idealização a ser buscada, porém de difícil realização em sua totalidade. Tal afirmação foi exposta pela própria Cristiane Cardoso e pela interlocutora dona Elisa. Portanto, a ênfase da performance da “Mulher V” é colocada no esforço que a mulher realiza para seguir as orientações, aprendendo com as falhas e sempre voltando ao caminho “correto”. Em suma, as performances das “mulheres virtuosas” não são neutras, são enquadradas, identificadas e compreendidas pelo compartilhamento de signos e códigos em comum.

Conforme mencionado anteriormente, o discurso proferido principalmente por Cristiane Cardoso tende a influenciar a construção dos significados e sentidos das identidades, subjetividades e experiências sociais das fiéis da igreja, porém creio que a experiência dessas mulheres não se sujeita completamente ao discurso. Podemos perceber que as narrativas e as práticas propostas pelos representantes e pelos projetos da IURD possuem uma alta potencialidade de influência na construção social do “eu” das fiéis enquanto processo representacional (GOFFMAN, 2002), todavia acredito que cada mulher possui características e vivências que constituem de forma particular a relação entre sua corporeidade e seu intelecto.

Gostaria de enfatizar também que as prescrições relacionadas ao gênero, apesar de influenciarem na identidade, na subjetividade e no cotidiano das pessoas não são determinantes em absoluto. De acordo com Saffioti (2001, p. 126), o gênero “[...] apresenta sim um caráter determinante, mas deixando sempre espaço para o imponderável, um grau variável de liberdade de opção, determinada margem de manobra”. Além do fato das pessoas possuírem níveis de liberdade de pensamento e ação, o gênero se articula com outros fatores como história pessoal, identidades étnicas, classe social etc. Assim, “[...] ininterruptamente, ampliamos nossas performances corporais e papéis sociais, os quais são diversificados conforme nossa inserção nos diferentes grupos institucionais como: família, escola, trabalho, religião, instituições marcadamente culturais” (VELOSO, 2014, p. 197) e conforme as variáveis situacionais da interação.

Desse modo, para o desempenho da performance da “mulher virtuosa” há uma delimitação e fixação de papéis calcados em estereótipos configurados pelas orientações de

Cristiane Cardoso, mas também há uma dimensão humana, criativa, constituída pelas interpretações e particularidades de cada mulher. Portanto, as performances são complexas, dinâmicas, não são fixas nem mecânicas, são produções sociais e subjetivas, na medida em que são construídas conjuntamente pelo performer, pelas orientações “superiores”, pelo contexto e pela avaliação do público.

Por fim, não pretendo afirmar que as práticas e os discursos propostos pelos representantes da igreja são aceitos e materializados integralmente e nem que a materialização ocorre de forma uniforme para todas as pessoas, visto que a realidade e a identidade são dinâmicas, multifacetadas e ambíguas. Também não é meu objetivo neste capítulo averiguar se as interlocutoras apresentadas encontram-se sinceramente convencidas de que a impressão da realidade que performam é a verdadeira realidade ou se não acreditam em sua própria atuação (GOFFMAN, 2002, p. 25). Assim, meu intuito neste capítulo foi demonstrar a potencialidade das narrativas e atividades propostas por Cristiane Cardoso e pelo Godllywood em se inscreverem nos diversos âmbitos da vida das fiéis. Busquei demonstrar também a capacidade da performance em convencer o público e a própria performer da posse da "virtuosidade" em questão.

### 3 O CURSO DE AUTOCONHECIMENTO: COMO SE TORNAR UMA “MULHER VIRTUOSA”

O Curso de Autoconhecimento é um programa gratuito oferecido pelo projeto Raabe: rompendo o silêncio, pertencente ao Godllywood. O Godllywood é responsável por quatro grandes projetos da Igreja Universal do Reino de Deus: Mães em Oração, Escola de Mães, Godllywood *School* e Raabe: rompendo o silêncio. O projeto Mães em Oração reúne mães em diversas situações que juntas oram em prol de seus filhos. Esse projeto deu origem ao livro *Mães em Oração*, lançado em 2013, que apresenta reflexões espirituais e depoimentos de mães que, por meio da fé, procuraram melhorar suas vidas e as de seus filhos. O projeto Escola de Mães tem como objetivo oferecer assistência e orientação às mães na criação de seus filhos. O Godllywood *School* consiste em aulas para meninas de 6 aos 14 anos visando o “resgate dos valores e princípios de Deus”.

Conforme mencionado, o projeto Raabe: rompendo o silêncio é o projeto responsável pela realização do Curso de Autoconhecimento. O projeto foi criado para dar assistência às mulheres que carregam algum tipo de trauma, com o objetivo de auxiliar na superação dessas “marcas do passado”. Geralmente, no Raabe são atendidas mulheres que sofreram abusos, violência sexual e/ou doméstica. O projeto é formado por voluntárias<sup>22</sup> e é coordenado pela esposa do pastor de cada unidade de atendimento. Em um dos *sites* oficiais do Raabe encontramos a seguinte afirmação sobre o projeto:

Numa sociedade onde, cada vez mais, vemos mulheres sendo vítimas de violência doméstica, seja ela física, psicológica ou sexual, o Projeto Raabe tem desenvolvido várias iniciativas, em todo o país, com o intuito de valorizar e dar assistência a essas mulheres. Felizmente, centenas de mulheres têm sido alcançadas e beneficiadas pelo Projeto Raabe. Um trabalho com o mote de romper o silêncio que vai continuar a estar cada vez mais próximo daquelas que sofrem e buscam uma saída<sup>23</sup>.

O nome do projeto faz referência a uma figura feminina citada na Bíblia, no Antigo Testamento. De acordo com o *site* oficial do projeto, Raabe era uma prostituta, desprezada pela sociedade, usada pelos homens e vivia em profundo sofrimento. Em meio à perseguição do rei aos hebreus, Raabe os escondeu em sua casa, em Jericó, e, mesmo correndo o risco de ser executada, escolheu proteger o povo “escolhido por Deus”. Por meio dessa escolha, Raabe obteve a chance de mudar de vida e reescrever sua história; ela se casou com um hebreu e fez parte da genealogia de Jesus Cristo. Assim, segundo o *site* do projeto, através do exemplo de

<sup>22</sup> As voluntárias são fiéis da IURD, batizadas “nas águas” e “no Espírito Santo”, que se disponibilizam a ouvir as mulheres que procuram o Raabe e que fornecem orientações espiritual, psicológica, jurídica e de assistência social.

<sup>23</sup> Informação disponível em: <https://www.projectoraabe.pt/page/5/>.

Raabe “aprendemos que independente das circunstâncias e do sofrimento que nos cercam ainda assim é possível fazer escolhas inteligentes, mudar sua vida e reescrever sua própria história<sup>24</sup>”.

Normalmente é possível identificar as voluntárias do Raabe pela vestimenta, constituída por uma blusa de manga preta escrito “Godllywood” nas mangas e “Raabe” na parte da frente, e um lenço vermelho no pescoço<sup>25</sup>. As voluntárias realizam “atendimentos” toda quinta-feira antes e após a reunião da Terapia do Amor, onde conversam com mulheres que buscam conselhos e auxílios.

Além dos atendimentos realizados pelas voluntárias, o Raabe realiza cursos, palestras, assistência espiritual, social e psicológica e consultoria jurídica. Geralmente, as assistências sociais, psicológicas e jurídicas são prestadas por voluntárias do projeto que possuem formação superior nessas áreas. Em suma, todos os projetos do Godllywood mencionados são coordenados por Cristiane Cardoso e, de acordo com a interlocutora dona Elisa, buscam demonstrar o poder da fé na transformação de vidas, oferecendo orientações para auxiliar a mulher a superar os infortúnios, vencer os desafios e organizar sua vida e seu futuro.

O Curso de Autoconhecimento ocorre em unidades específicas da IURD e é composto por oito encontros, um a cada semana. No final do curso há uma “formatura” onde são entregues os certificados de conclusão do curso para aquelas participantes que frequentaram pelo menos 6 aulas. Normalmente, após o término de uma turma abre-se outra no mês seguinte e assim sucessivamente. O curso é exclusivo para mulheres, fiéis da igreja ou não. De acordo com o *site* oficial do Godllywood, o objetivo do curso consiste em ajudar a participante a se conhecer melhor, proporcionando a sua cura interior e a identificação das áreas da vida que precisam ser fortalecidas.

Obtive a oportunidade de participar dos oito encontros de um dos cursos ministrados no estado do Rio de Janeiro em abril e maio de 2019. O curso acontecia às terças-feiras em um local específico da igreja para reuniões menores, no quinto andar da catedral em São Gonçalo/RJ<sup>26</sup>. A organização do local se assemelhava ao espaço dos cultos: com cadeiras para as participantes e uma espécie de altar, com um púlpito, onde a ministrante do curso, dona Raquel<sup>27</sup>, se posicionava. Havia também um telão na parte superior do altar onde exibia-se vídeos com falas de Cristiane Cardoso.

<sup>24</sup> Informação disponível em <https://www.universal.org/godllywood-raabe/quem-somos-raabe/>

<sup>25</sup> Foto no Anexo A, figura 4.

<sup>26</sup> Foto no Anexo A, figura 5.

<sup>27</sup> Dona Raquel era responsável por conduzir o curso na unidade da IURD em Alcântara. Ela atuava no projeto Raabe e era esposa de um dos pastores responsáveis pela unidade.

As mulheres interessadas em participar do curso devem fazer uma inscrição que consiste no preenchimento de um formulário. Nesse formulário pede-se os dados pessoais (nome; endereço; e-mail; *whatsapp* e telefone), dados profissionais (profissão; escolaridade; aptidão; telefone do trabalho), dados espirituais (religião; se frequenta a Universal, em qual bairro e há quanto tempo; se é batizada nas águas; se é batizada no Espírito Santo; se participa de algum grupo ou projeto da Universal, em qual e há quanto tempo), dados de acompanhamento (tipo de ajuda necessitada: espiritual, assistencial, jurídica e/ou emocional; marcar quais das opções se identifica: traumas, complexos, violência física, sofreu abuso, sente vergonha, violência psicológica, medos, culpas, relação abusiva, mágoas, ódio, depressão, humilhação, fobias, compulsão sexual, vícios, perda de identidade, outros).

Pelas minhas observações, em todas as aulas do curso havia, em média, 30 mulheres participando, além da ministrante e das voluntárias do Raabe. Antes das aulas iniciarem, eram exibidas fotos no telão com mensagens de incentivo e superação, como: “decida hoje reescrever sua história”; “desprenda-se do que lhe faz mal”; “você não é o que lhe aconteceu e sim o que escolhe se tornar”; “a sua felicidade depende de você”; “a vida não tem controle remoto, você tem que levantar e mudar”; “dê uma chance a si mesma, comece a se olhar de forma diferente”; “quem não se conhece, não se corrige”; “você vale muito mais que sua dor, procure ajuda”. Ao final de cada aula eram oferecidos biscoitos e café para as participantes.

As aulas começavam às 19:00 horas, geralmente com uma oração inicial que pedia a presença de Deus naquele momento e, logo após, apresentava-se um vídeo de Cristiane Cardoso discursando sobre alguma temática específica. Em seguida, dona Raquel apresentava uma pregação relacionada à temática exposta por Cristiane Cardoso. Entre esses momentos, era comum o cântico de algum louvor e momentos de oração. Para o acompanhamento da temática da aula, eram distribuídos guias de leitura para as participantes que resumiam os conteúdos e propunham no final do texto uma tarefa relacionada à temática abordada. Antes de iniciar a aula e ao final da mesma, as voluntárias do Raabe se disponibilizavam para conversar com as mulheres para ouvir suas aflições e aconselha-las. Através desse atendimento com as voluntárias, as participantes também poderiam solicitar assistência social, psicológica e jurídica.

A partir desse momento do texto, irei relatar as oito sessões do curso, descrevendo etnograficamente as aulas, a forma como esses encontros decorreram e o que foi apresentado nesses dias.

### 3.1 Aulas

#### 3.1.1 Primeira aula

O curso foi iniciado no dia 23/04/2019 e a temática da primeira aula consistiu em demonstrar a importância do autoconhecimento para compreender as emoções e comportamentos e para identificar o que precisa ser melhorado, trabalhado ou superado. No vídeo apresentado, Cristiane Cardoso explicou a temática da aula através do exemplo de uma mulher que cresceu com uma estrutura familiar precária, sem pai e mãe presentes em sua vida. A mulher se sentia rejeitada e se tornou extremamente carente, com uma necessidade de ter alguém para não se sentir rejeitada novamente. A mulher vivia para suprir essa carência, estava sempre vulnerável e se apegava a pessoas e relacionamentos ruins com medo de se sentir sozinha e desprezada. Cristiane Cardoso finalizou o exemplo afirmando que essa mulher teria que “cavar o seu interior” para perceber a consequência que a ausência de seus pais acarretou em sua vida e para compreender que deveria curar a sua carência e não tentar supri-la de qualquer forma.

Assim, a proposta do curso foi apresentada: cada participante deveria “cavar o seu interior” para se autoconhecer e identificar a origem de seus problemas pessoais. Foi exposto por dona Raquel, ministrante do curso na unidade, que não seria um caminho leve, seria difícil e doloroso, mas extremamente gratificante no final. Final este que consistiria na “cura interior” da participante, através do “encontro com Deus”, da construção de sua “virtuosidade” e da sua autovalorização.

#### 3.1.2 Segunda aula

Na segunda aula, dia 30/04, foi trabalhada a temática da importância de possuir as referências corretas de mulher para se espelhar. As referências mencionadas nessa aula e nas aulas posteriores encontram-se nos textos bíblicos *Gênesis*, *Provérbios*, *Isaías*, *Coríntios*, *Efésios*, *Pedro* e *Tito*. Acredito ser importante reproduzi-las para ilustrar os modelos de gênero e de conjugalidade propostos pelos representantes da IURD e reproduzidos no Curso de Autoconhecimento. Foram mencionados os trechos expostos a seguir.

Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (GÊNESIS 2:24).

Porque o teu criador é o teu marido (ISAÍAS 54:5).



Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos (1 CORÍNTIOS 7:14).

Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem de água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo (EFÉSIOS 5:25-28).

Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações (1 PEDRO 3:7).

E disse o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele (GÊNESIS 2:18).

Toda mulher sábia edifica sua casa (PROVÉRBIOS 14:1).

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido (PROVÉRBIOS 12:4).

Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis. O coração do seu marido está nela confiado; assim ele não necessitará de despojo. Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão. Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir a tarefa das servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com o fruto de suas mãos. Cinge os seus lombos de força, e fortalece os seus braços. Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as suas mãos ao fuso, e suas mãos pegam na roca. Abre a sua mão ao pobre, e estende as suas mãos ao necessitado. Não teme a neve na sua casa, porque toda a sua família está vestida de escarlata. Faz para si cobertas de tapeçaria; seu vestido é de seda e de púrpura. Seu marido é conhecido nas portas, e assenta-se entre os anciãos da terra. Faz panos de linho fino e vende-os, e entrega cintos aos mercadores. A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro. Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua. Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva. Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente! Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa sim será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas (PROVÉRBIOS 31).

[...] cuida das coisas do mundo, em como há de agradar o marido (1 CORÍNTIOS 7:34).

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo (EFÉSIOS 5:22-24).

Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa (TITO 2:4,5).

A oração inicial neste dia, além de pedir a presença de Deus no encontro, pediu que fosse tirado todo o “mal”, a tristeza, a mágoa e os problemas da vida das participantes. Foi falado sobre a importância de ressignificar as memórias traumáticas, criando resiliência e aprendizado. Dona Raquel enfatizou que os problemas devem edificar emocionalmente as

participantes e não destruí-las; e o Espírito Santo seria o responsável por fornecer essa superação e esse equilíbrio.

No vídeo apresentado, Cristiane Cardoso falou sobre a importância de saber quais são as referências (de mulher, família, mãe, esposa, pai, esposo etc) que a participante possui para poder se autoconhecer. Segundo Cristiane Cardoso, uma referência errada pode ocasionar comportamentos ruins; ela exemplifica: se uma mulher possui uma referência de pai agressivo e abusivo, ela pode ter dificuldade em se relacionar com um homem por achar que todo homem é agressivo e abusivo; ou se a mulher teve uma mãe ausente pelo excesso de trabalho, ela pode achar que ser uma mulher extremamente ocupada é o ideal que ela deve buscar.

Dessa forma, Cristiane Cardoso afirmou, nesse vídeo, que Deus nos forneceu as referências ideais para nos espelharmos e podemos encontra-las na Bíblia. A partir desse momento do curso, a representação da “mulher virtuosa” descrita em *Provérbios 31* foi sendo acionada como exemplo da referência correta de mulher cristã. Assim, através do vídeo apresentado, foi enfatizada a necessidade de alinhamento das nossas referências com as de Deus. Após a exibição do vídeo, dona Raquel disse que o objetivo do curso não é tornar as participantes perfeitas, mas mostrar que cada uma tem a capacidade de ser melhor e deve buscar isso. Para exemplificar tal afirmação, dona Raquel falou sobre uma experiência ruim que passou enquanto estava dirigindo no trânsito. Ela contou que estava estressada no dia e o erro do outro motorista foi o gatilho para que ela se descontrolasse emocionalmente. Porém, ela orou e pediu sabedoria ao Espírito Santo e, assim, retornou ao seu equilíbrio. Então, a ministrante do curso afirmou que ela não é perfeita, ela é humana, mas busca constantemente dominar as adversidades recorrendo a Deus.

### 3.1.3 Terceira aula

No dia 07/05, a temática da aula continuou em torno da necessidade de alinhamento das nossas referências com as de Deus. A oração inicial consistiu na prece pela presença de Deus no encontro e que Ele olhasse pelo município da igreja e pelas mulheres da localidade. O vídeo de Cristiane Cardoso apresentado na aula e o sermão da ministrante consistiram na reprodução e explicação das diferenças de papéis e personalidades de gênero a partir das referências bíblicas citadas anteriormente.

Dessa forma, a representação da “mulher virtuosa” foi novamente evocada para ilustrar o modelo ideal de mulher cristã. Juntamente, foram enfatizados os papéis sociais femininos de “auxiliadora” do esposo e de principal responsável pelo âmbito doméstico. Houve uma tentativa

de valorizar a diferenciação dos gêneros proposta. Segundo Cristiane Cardoso, homens e mulheres possuem características diferentes que se complementam e não há uma hierarquia entre elas. Para ela, a mulher não deve querer igualar-se ao homem, fazer o que seria de sua “responsabilidade” ou competir com ele, nem ser autoritária ou independente ao ponto de falar que não precisa de nenhum companheiro.

No vídeo também foi afirmado que a mulher é naturalmente mais emotiva e detalhista, enquanto o homem é mais racional e objetivo. Foi transmitida a ideia de que a mulher não é fraca, pelo contrário, é extremamente forte e sábia, com capacidade de edificar o seu lar. Ademais, foi afirmado por dona Raquel que a “mulher virtuosa” foi o perfil de mulher criado por Deus e que, por isso, todas nós possuímos a potencialidade para sê-la. Segundo Cristiane Cardoso e a ministrante, uma “mulher virtuosa” deve agradecer o marido; deixar ele liderar; se sujeitar a ele por amor, mas não deve admitir abusos ou maus tratos; deve ser uma boa dona de casa e pode ser, concomitantemente, uma excelente profissional. O homem, por sua vez, deve proteger, amar e cuidar de sua esposa e de sua família.

Quase no final da aula houve uma dramatização feita por uma senhora que fazia aulas de teatro. A encenação consistiu em um relato de abuso sexual feito a partir da junção de algumas informações ouvidas pelas voluntárias do Raabe. A senhora sentou-se em uma cadeira no espaço frontal da sala, virada para as participantes. Ela contou o relato como se fosse sua própria história, com voz emocionada e choro. A senhora relatou que sofreu abusos sexuais de familiares por anos e, por isso, ela vivia infeliz, se achava impura, incapaz, não digna de amor ou de qualquer outra coisa boa. Essa situação mudou no momento em que ela teve um “encontro com Deus”, percebeu que Ele a amava, que ela importava; e, assim, ela começou a se enxergar de uma outra maneira, se autovalorizando, se amando e acreditando em si. Ao final da apresentação, aplaudimos e cantamos um louvor. Após, demos as mãos, oramos um Pai Nosso e a dona Raquel pediu que quando saíssemos da sala abraçássemos uma voluntária do Raabe.

#### 3.1.4 Quarta aula

No dia 14/05, a temática continuou em torno da importância de se espelhar nas referências corretas (da Bíblia) para seguir os “planos de Deus” e usufruir da vida que Ele planejou. A oração inicial solicitava a presença de Deus e pedia que Ele olhasse pelas mulheres do município, que expulsasse o “espírito do feminicídio”, ajudasse as mulheres na superação de seus traumas e dificuldades e que o “mal caísse por terra”. Houve uma dinâmica diferente neste dia. Dona Raquel propôs que as participantes realizassem o “grito de Lázaro”. Lázaro foi

um homem ressuscitado por Jesus quatro dias após seu sepultamento. Segundo o evangelho de João, após tirarem a pedra do sepulcro,

Jesus olhou para cima e disse: "Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves, mas disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que tu me enviaste". Depois de dizer isso, Jesus bradou em alta voz: "Lázaro, venha para fora!" O morto saiu, com as mãos e os pés envolvidos em faixas de linho e o rosto envolto num pano. Disse-lhes Jesus: "Tirem as faixas dele e deixem-no ir". Muitos dos judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que Jesus fizera, creram nele (JOÃO, 11:41-45).

Fundamentada nessa história bíblica, dona Raquel pediu que cada uma orasse por si ou por um familiar, gritando o nome dessa pessoa de forma igual a que Jesus realizou ao chamar Lázaro para sair do sepulcro. Assim, as mulheres gritavam o nome da pessoa para quem estavam orando e diziam “venha para fora”. Com isso, esperava-se que a verdadeira pessoa “saísse da caverna, do sepulcro”, deixando lá todo o “mal” que pudesse estar afligindo-a e renascendo com “a graça de Deus”.

Durante a aula foi falado também sobre a necessidade de as mulheres investirem no seu interior. No vídeo apresentado, Cristiane Cardoso disse que, atualmente, encontramos muitas referências erradas sobre o que é ser mulher, o que é bonito e qual a aparência correta. Ela afirmou, no vídeo, que muitas mulheres se enganam ao focar a atenção exclusivamente em sua aparência exterior, quando na verdade o problema está no seu interior. Cristiane Cardoso também declarou que ela não é perfeita e não possui a aparência ideal requisitada pelas mídias, mas que cuida do seu interior e exterior, principalmente ao buscar seguir as referências que Deus nos fornece. Segundo ela, quando o interior está bem cuidado, preenchido pelo Espírito Santo, isso se reflete na aparência exterior.

### 3.1.5 Quinta aula

No dia 21/05, ao entrarmos na sala do curso, vimos algumas frases coladas nas paredes. As frases diziam: “você é virtuosa”, “você é linda”, “você não está sozinha”, “você é determinada”, “você é capaz”, “você é criativa”. A oração inicial consistiu na súplica pela presença de Deus naquele momento. Nessa aula, ainda estava sendo apresentada a importância das referências corretas, focalizando nas masculinas. No vídeo, Cristiane Cardoso afirmou que as referências que temos de homem, hoje, difundem a ideia de que os homens são machistas e infiéis e isso acarreta dificuldades no relacionamento entre homem e mulher. Ela afirma que a mulher não deve generalizar o homem, nem se opor a ele; o homem deve exercer sua “masculinidade” e liderança (consensual, não autoritária) e deve cuidar da esposa e amá-la.

Nessa aula, também foi enfatizada a importância de uma “mulher de Deus” se relacionar com um “homem de Deus”. Contudo, caso a mulher já esteja em um relacionamento com um homem descrente foi ressaltada a necessidade de orar pelo marido, com a possibilidade de ela convertê-lo através de sua atividade religiosa. Foi afirmado, portanto, a necessidade de a mulher alinhar suas referências com as bíblicas para alcançar e manter um relacionamento feliz e próspero. Dessa forma, a mulher e o homem assumiriam seus devidos papéis, havendo complementariedade e interdependência entre eles.

Nesse dia também ocorreu uma outra dramatização que relatava uma história de violência doméstica. A intérprete contou que o marido a batia e ela ficava se questionando se esse era o seu destino: viver para apanhar e sofrer. A mulher decidiu ir em uma das reuniões da Igreja Universal onde teve um “encontro com Deus” e percebeu que ela é valiosa para Ele, que Ele a ama. Assim, ela compreendeu que deveria se “dar valor” e amar a Deus acima de tudo. No momento da oração final, ficamos de mãos dadas para pedirmos ao Espírito Santo que transformasse a vida das mulheres para quem dávamos as mãos, que operasse um milagre e que ela fosse feliz e escolhesse diariamente a Deus, não deixando o medo a paralisar.

### 3.1.6 Sexta aula

Na aula do dia 28/05, a oração inicial consistiu na súplica para que Deus abençoasse a noite e nos livrasse do “mal” e para que o Espírito Santo se comunicasse conosco. O conteúdo da aula se fundamentou na explicação da importância do perdão e de não guardar sentimentos e desejos ruins. Segundo dona Raquel, a mágoa, por exemplo, causa sofrimento na pessoa que a guarda e pode afetar negativamente o interior dessa pessoa e diversos âmbitos de sua vida. Foi enfatizada a necessidade de “cavar o interior” buscando esses sentimentos e desejos prejudiciais para superá-los.

Também foi ressaltada a capacidade de escolha da participante em não ser mais vítima, de “limpar” os traumas e mágoas para que ela possa deixar espaço para o Espírito Santo agir. Nesse momento da aula, dona Raquel dirigiu-se a uma mesa posicionada na parte da frente da sala. Em cima da mesa estavam uma jarra com um líquido transparente, pequenos copos com um líquido escuro e um copo com um líquido transparente. Ela disse que a jarra era uma pessoa sem o Espírito Santo, os líquidos escuros eram pensamentos, sentimentos e palavras prejudiciais, de derrota e de ofensa. Então, a ministrante foi pegando cada copo com líquido escuro, falando uma frase negativa (como: “você não é capaz”, “você é feia”, “você não tem valor”, “você não é amada”) e jogando o líquido na jarra. O líquido da jarra foi ficando escuro

e ela disse que era isso que acontecia com uma pessoa sem o Espírito Santo: ela se deixa afetar pelos sentimentos ruins e fica contaminada.

Após, ela pegou o copo com o líquido transparente, disse que aquele líquido representava o Espírito Santo e jogou dentro da jarra. O líquido da jarra voltou a ficar transparente; então dona Raquel afirmou que era isso que acontecia quando uma pessoa recebia o Espírito Santo: ele a limpava, retirava todo pensamento e sentimento prejudicial. Ela ainda afirmou que quando uma pessoa possui o Espírito Santo ela não se contamina novamente e para exemplificar jogou o último copo com líquido escuro na jarra e ela continuou transparente.

Ao final, a ministrante disse que quem quisesse aprender a fazer a dinâmica apresentada poderia procurar no *Youtube*, porque lá encontraríamos vídeos explicando todos os passos da atividade. Após essa dinâmica, vimos um trecho do filme *Quarto de Guerra* que exibia a protagonista orando vigorosamente em sua casa para a expulsão do “mal” de seu lar e de seu casamento. Após a exibição, dona Raquel afirmou que, naquele dia, iríamos “orar forte”: uma parte da oração ocorreria na aula e a outra na casa de cada participante. Ela propôs às participantes que realizassem algo similar ao exposto no filme, ou seja, que fizessem uma oração de libertação em suas casas. Foi enfatizado que a oração teria que ser firme, com tom de voz forte, determinando a saída do “mal” em nome de Jesus Cristo.

Após esse momento, foi proferida uma oração de libertação diferente das realizadas nas aulas anteriores. A oração foi longa, feita de forma bastante fervorosa pela dona Raquel e por algumas voluntárias do Raabe. Durante a oração, foi falado para que os “espíritos ruins” se manifestassem; as participantes oravam alto e algumas batiam os pés no chão. Uma parte da oração consistiu em colocar as mãos na cabeça e ordenar a saída do que estaria fazendo mal. Dona Raquel falava no microfone: “todo mal, toda doença, toda preguiça, todo pensamento de derrota, todo desânimo sai”. A palavra “sai” era falada em um tom forte e alto, e no momento em que era pronunciada as mulheres retiravam as mãos da cabeça e as apontavam para o alto em um movimento que indicava, de maneira corporal, a expulsão daquilo que era dito.

Ainda neste momento de “oração forte”, as voluntárias do Raabe andavam pela sala, escolhiam uma participante, colocavam as mãos sobre a cabeça dela e oravam. Neste dia, quatro voluntárias vieram ao meu encontro (uma de cada vez), colocaram as mãos sobre minha cabeça e oraram por mim. As orações consistiam basicamente na súplica pela expulsão de qualquer “mal” que poderia estar me atingindo; a última voluntária orou pelo meu casamento e pelo meu esposo, pedindo que o Espírito Santo derrubasse qualquer “mal” que pudesse estar agindo. Ao final da aula cantamos um louvor, demos as mãos e oramos um Pai Nosso.

### 3.1.7 Sétima aula

Na aula do dia 04/06, a oração inicial consistiu em entrar em contato com Deus e pedir que Ele transformasse as participantes em mulheres fortes espiritualmente. A temática da aula ainda falava sobre a necessidade de procurar os sentimentos prejudiciais escondidos no interior e fazer a limpeza, para, enfim, buscar o Espírito Santo e se entregar a Ele. Segundo dona Raquel, quando o Espírito Santo habita em uma pessoa, ela se sente bem, ama e é amada, tem paz, fé, mansidão, bondade e temperança. No vídeo exibido, Cristiane Cardoso afirmou que a pessoa com traumas precisa primeiramente aceitar o seu passado, porque não pode muda-lo, e, após, deve olhar para o futuro, usando o passado como experiência e como fonte de conhecimento para ajudar outras pessoas.

Cristiane exemplificou tal processo a partir de sua própria história. Ela afirmou que, no começo de seu casamento, ocorriam muitos problemas e desafios pessoais e conjugais. Após ouvir o Espírito Santo e encontrar soluções para esses obstáculos e falhas, ela resolveu utilizar sua experiência para ajudar outras pessoas, indicando o caminho “correto” a percorrer. A oração final desse dia consistiu em agradecer a Deus e pedir que o Espírito Santo nos guiasse para o “caminho da salvação” e que não nos desvirtuássemos com as “ vaidades do mundo”. Após, demos as mãos e oramos um Pai Nosso.

### 3.1.8 Oitava aula

No dia 11/06, foi realizada a última aula do curso, juntamente com a “formatura” e a entrega dos certificados de conclusão. A oração inicial pedia a Deus que expulsasse o “mal” e entrasse em contato conosco, nos transformando em mulheres melhores. Neste dia, uma voluntária do Raabe veio ao meu encontro, colocou as mãos sobre minha cabeça e orou pedindo que Deus expulsasse todo “mal” em mim e me abençoasse “do alto da cabeça à planta dos pés”, afirmando que eu era uma mulher linda e capaz de realizar os meus sonhos.

Após esse primeiro momento de oração, dona Raquel pediu que as mulheres que continuassem se sentindo “pesadas” e precisassem de uma oração individual fossem ao seu encontro na parte frontal da sala. Uma única mulher foi ao encontro da ministrante chorando e dizendo que seu primo havia sido morto por engano pela polícia. Dona Raquel iniciou uma “oração forte” ordenando que o “espírito maligno” que estivesse agindo na família dessa mulher se manifestasse naquele momento. A menina, então, “manifestou”; com as mãos atrás das costas e com uma voz diferente começou a falar em nome do “espírito”. A fala consistia na afirmação

de que o “espírito” estava agindo devido a um “trabalho encomendado” para prejudicar a família da mulher. Então, a ministrante pediu que as participantes orassem junto com ela para a expulsão daquele “espírito” e para a libertação da mulher “em nome de Jesus Cristo”. A oração foi proferida de forma vigorosa com gritos, movimentos de mãos e batidas de pés no chão. Ao final da oração, a mulher disse que o espírito havia ido embora e que ela estava se sentindo mais leve.

Após esse momento, foi exibido o último vídeo de Cristiane Cardoso que apresentava 7 passos para “selar a transformação”, são eles: investir em seu relacionamento com Deus, valorizar-se, investir em amizades produtivas, alinhar seus objetivos de vida, ser mais razão e menos emoção, investir na sua vida amorosa e ganhar almas para o Senhor Jesus. Foi enfatizada a questão de que a mulher só recebe o que aceita, então ela deve aceitar só o melhor. Também foi incentivada a participação nas reuniões e projetos da igreja e o acompanhamento das produções (livros, programas televisivos e radiofônicos, *sites*, aplicativos) de seus representantes, principalmente as de Cristiane Cardoso.

Ao final da aula, dona Raquel chamou cada uma das participantes que frequentaram pelo menos 6 aulas para receber o certificado<sup>28</sup> de conclusão do curso. Foi produzida uma mesa com biscoitos, café e suco para que as “formandas” se servissem. Pude ouvir algumas participantes agradecendo as voluntárias e elogiando o curso. Ao final da entrega dos certificados, dona Raquel agradeceu a presença de todas, divulgou o dia da próxima turma, pediu que difundíssemos o curso e falou que a participante interessada em ser voluntária do Raabe deveria se comunicar com ela.

Podemos, inicialmente, dividir as temáticas abordadas no curso em cinco grandes blocos, que seguem a divisão dos guias de leitura. São eles: 1- importância do autoconhecimento para compreender suas emoções e comportamentos, 2- importância de possuir as referências corretas para se espelhar, 3- importância de “cavar” o interior para identificar os traumas carregados, 4- importância de aprender com o passado e não viver do passado, 5- fornecimento de orientações para selar a transformação interior e se tornar uma “mulher melhor”. Todas as temáticas eram fundamentadas em alguma passagem bíblica que era interpretada pela Cristiane Cardoso em seus vídeos e pela ministrante do curso em seu discurso.

Conforme mencionado, no final dos guias de leitura eram propostas tarefas para as participantes. No primeiro guia, foi proposto que as participantes anotassem suas qualidades e

---

<sup>28</sup> Foto no Anexo A, figura 6.



defeitos. No segundo, que escrevessem quais eram as suas referências e as referências divinas sobre família, casamento, marido, homem, mulher, esposa, mãe, filha, obreira, esposa de pastor, casa, aparência, igreja, obra de Deus, pastor e corpo. No terceiro, que anotassem os “frutos da carne” que as participantes têm permitido ficar em seu interior e que buscassem o Espírito de Deus para que fossem substituídos pelo “Seu fruto”. No quarto, que escrevessem o que fariam a partir daquele dia para aceitar o passado e olhar para o futuro. E no último, que as participantes enviassem um e-mail para o endereço eletrônico do Raabe, contando de que forma o curso havia lhe ajudado.

Dois assuntos principais permeavam todos os blocos do curso: o poder de agência das mulheres e a importância de construção da “virtuosidade” proposta pela IURD para superação dos traumas e alcance da “cura interior”. Logo na primeira aula deixou-se claro que o curso auxiliaria as participantes na construção da “virtuosidade”. O primeiro guia de leitura explícita que o curso irá “alinhar quem você foi criada para ser: uma mulher forte, virtuosa, sábia e cheia do Espírito Santo”. A partir da segunda aula, a importância da referência correta de mulher foi sendo debatida. A referência, ou seja, o modelo de “mulher ideal”, seria aquele apresentado pela “palavra de Deus”, na Bíblia. Assim, a representação da “mulher virtuosa” - fundamentada no livro bíblico *Provérbios 31* - começou a ser acionada e foi sendo mobilizada nas aulas seguintes. Em todos os encontros do curso incentivava-se a construção dessa “virtuosidade” a partir do desenvolvimento da performance da “Mulher V” que, como explicitado no capítulo anterior, corresponde à interpretação de Cristiane Cardoso sobre a “mulher virtuosa” de *Provérbios 31*.

O conteúdo do livro *A Mulher V: moderna à moda antiga*, de Cristiane Cardoso, era constantemente acionado no Curso de Autoconhecimento, visando fornecer as diretrizes para a performance da “Mulher V”. Assim, as aulas, baseadas na interpretação de Cristiane Cardoso sobre a “mulher virtuosa”, incentivavam o desenvolvimento das características e papéis sociais femininos descritos no livro. Em geral, o curso transmitia a ideia de que o esforço para se tornar a “mulher virtuosa” era uma forma das participantes alcançarem a cura e o equilíbrio interior, se tornarem felizes e autoconfiantes, visto que a “Mulher V” seria o modelo feminino de acordo com desígnios divinos.

É importante mencionar que, em muitas aulas do curso, as participantes eram convidadas pela dona Raquel (ministrante do curso na unidade) a comparecer em palestras mensais sobre a “Mulher V” realizadas na igreja. Nessas palestras, eram distribuídas cópias de algum capítulo do livro *A Mulher V* que era lido e explicado pela palestrante -geralmente a

esposa do pastor da unidade. Além disso, a leitura do livro era recomendada pela ministrante do curso e constava como indicação no último guia de leitura do curso.

Conforme relatado anteriormente, as participantes que terminaram o curso foram convidadas a fazer parte do Raabe. Eu procurei me informar com as voluntárias sobre esse processo de admissão. Elas me disseram que para fazer parte do Raabe é necessário, além de ser frequentadora da IURD, ser batizada nas águas e no Espírito Santo. Portanto, podemos perceber que, além de ser um espaço de apresentação e construção da “virtuosidade” proposta pela igreja, o curso também se mostrou como uma ferramenta de recrutamento de novas integrantes para o projeto Raabe.

### 3.2 O discurso sobre o “mal” e sobre a prosperidade

Através da exposição das dinâmicas e dos conteúdos do curso, podemos perceber que o “encontro com Deus” juntamente com o desenvolvimento da “virtuosidade” proposta são as metas espirituais a serem buscadas para alcançar a “cura interior”, o equilíbrio e a prosperidade. Contudo, a fim de que tais objetivos sejam alcançados é necessário que a mulher se liberte espiritualmente para que tenha um verdadeiro “encontro com Deus” e possa “usufruir de suas promessas”.

Os discursos sobre o “mal” e sobre a prosperidade são centrais na produção acadêmica relacionada à IURD<sup>29</sup>, pois constituem a identidade religiosa da instituição. São discursos que se relacionam e se complementam, fundamentando muitas das práticas da igreja e de seus fiéis. Utilizo a palavra discurso no sentido “foucaultiano” do termo, pois as concepções acerca desses temas tendem a constituir os quadros formais pelos quais os fiéis conhecem a realidade e organizam suas experiências.

A concepção sobre o “mal” da IURD é um poderoso discurso constituinte do *ethos* dessa igreja e de seus fiéis. O conceito de discurso fornece uma boa chave analítica para essa questão, visto que não entra no mérito da existência ou inexistência do “mal”, mas sim da construção dele a partir de enunciados. Na Igreja Universal do Reino de Deus há a crença de que os males e infortúnios que ocorrem no mundo terreno são reflexos do mundo espiritual. A chamada “batalha espiritual”, caracterizada pela disputa entre forças benéficas e maléficas na vida de cada pessoa, é responsável pela explicação da origem dos problemas que afligem o cotidiano dos indivíduos nos mais diferentes aspectos de suas vidas. De acordo com o discurso

---

<sup>29</sup> Ver Gomes (2011), Oro (2003), Diana Lima (2007, 2008).

demonológico da IURD, os “demônios” são espíritos incorpóreos e, por isso, precisam possuir os corpos das pessoas. Há diferentes níveis de intervenção do “mal”: uma pessoa pode ser possuída (corporalmente) ou oprimida (influenciada externamente) pelo “maligno”; porém quando a pessoa é habitada pelo Espírito Santo, o “mal” encontra dificuldade para interferir em sua vida.

Segundo a perspectiva do bispo Edir Macedo (1998), uma pessoa pode ser possuída pelo "mal" através das seguintes formas: por hereditariedade; pela participação direta ou indireta em centros espíritas; por trabalhos ou despachos; por maldade dos próprios demônios; por envolvimento com pessoas que praticam o espiritismo; por comidas sacrificadas a ídolos; e por rejeitarem a Cristo. Assim, essas pessoas entrariam em contato com o “mal” e as diferentes dimensões de suas vidas sofreriam com a ação do(s) “espírito(s) maligno(s)”.

Uma das formas de libertação espiritual para essas pessoas seria realizada na "Sessão Espiritual do Descarrego", onde adota-se o ritual de exorcismo dos "encostos". Nessa sessão, o pastor invoca os “encostos” para que eles se manifestem nas pessoas nas quais estão agindo maleficamente. Podemos perceber que a aula do dia 11/06 apresentou uma dinâmica análoga à Sessão Espiritual do Descarrego, na medida em que a ministrante invocou os “espíritos malignos” que estariam trabalhando nas vidas das participantes para que manifestassem naquele momento de “oração forte”. Assim, a dona Raquel, as voluntárias do Raabe e as participantes do curso oraram contra essas “forças do mal” a fim de exorcizá-las.

A partir da única manifestação corpórea que ocorreu na aula, podemos identificar a forma de possessão de acordo com a classificação apresentada pelo bispo Macedo. Conforme foi dito pela participante no momento da “possessão”, os infortúnios que estavam ocorrendo na família eram decorrentes de um “trabalho encomendado” para prejudicá-la. Segundo o Bispo Macedo (2005), além do exorcismo do “espírito maligno”, a pessoa afligida deve seguir dez passos para alcançar o caminho da salvação e não ser mais perturbada por esses espíritos. São eles: 1- aceitar de fato o Senhor Jesus como único Salvador; 2- participar das reuniões de libertação; 3- ser batizado; 4- buscar o batismo com o Espírito Santo; 5- andar em santidade; 6- ler a Bíblia diariamente; 7- evitar as más companhias; 8- frequentar as reuniões de membros; 9- ser fiel nos dízimos e ofertas e 10- orar sem cessar e vigiar.

Dessa forma, através da libertação espiritual do “mal”, da prática dos dez passos mencionados e do esforço para construção da “virtuosidade” proposta, a mulher consegue se “encontrar com Deus” e estar próxima a Ele, conquistando a cura interior, o equilíbrio e a prosperidade em todos os âmbitos da vida (bem-estar físico, harmonia familiar, riqueza material, poder espiritual etc). O discurso apresentado pela IURD constitui o “mal” como

realidade objetivada e, além disso, esse saber demonológico constrói a identidade e a história de vida dos indivíduos que frequentam a igreja (OLIVA, 2005, p. 52). Segundo Oliva (2005), a pessoa é classificada como “endemoninhada” ou não com base nos discursos das lideranças dessa igreja e toda a sua história é narrada novamente a partir da experiência de ter sido afligida pelo “mal” e/ou ter sido liberta dele. Assim, a vida dessas pessoas passa a ter um antes e um depois de “encontrar-se com Jesus” na Igreja Universal (OLIVA, 2005, p. 52).

Como vimos, na cosmologia da IURD, o discurso sobre o “mal” e a construção da “virtuosidade” feminina se relacionam diretamente com o alcance da prosperidade. A Teologia da Prosperidade chegou ao Brasil no fim dos anos de 1970 e foi introduzida em muitas igrejas no país (LIMA, D., 2007). O discurso sobre a prosperidade da IURD é caracterizado pelo ideal da vida em abundância e pela presença da reciprocidade nas relações entre o fiel e Deus. O fiel que “viver de acordo com a fé”, cumprir suas responsabilidades como cristão (entregar o dízimo, ofertar, ter compromisso com a igreja etc) e confiar em Deus terá sucesso em seus empreendimentos terrenos.

Há diversas reuniões, cultos, palestras e aulas na Igreja Universal que ensinam como prosperar em diversos âmbitos da vida, como a Reunião da Prosperidade, por exemplo. Para se alcançar a prosperidade é necessário principalmente ter uma vida consagrada a Deus e comprometida com a igreja. Os fiéis devem participar dos cultos, das consagrações, pagar o dízimo e ofertar buscando estabelecer uma “sociedade” com Deus. De acordo com o Bispo Macedo (2005, p. 68) “As bases dessa sociedade são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer”.

Segundo as crenças e os valores da igreja, há um saber em especial que é o principal responsável pelo sucesso dos empreendimentos e alcance da prosperidade: o saber da “fé inteligente”, da “fé racional”. A “fé racional” é uma categoria defendida pelo bispo Macedo e relaciona-se diretamente com o discurso da prosperidade. Tal fé não está estruturada em sentimentos e emoções, mas sim no Espírito Santo e na materialização das promessas divinas. É uma “fé consciente” que segue e crê na palavra de Deus. Nessa perspectiva, há uma relação entre meios e fins, onde os fiéis escolhem um objetivo para sua fé e adotam práticas para atingi-lo. Não há a busca por um bem comum, mas sim por um fim conveniente para cada fiel.

De acordo com Ari Pedro Oro (2003, p. 35) “A teologia da prosperidade, antes mesmo de ser uma ideologia de ascensão social tendencialmente fantasiosa é um discurso de recusa da vitimização”. Há então uma forte relação entre esse discurso religioso e a cosmologia do individualismo visto que se acredita que os indivíduos, iguais e livres entre si, podem

empreender seu destino e são responsáveis pelo seu fracasso ou sucesso. A pessoa se vê como um indivíduo com escolhas e direitos e com capacidade de substituir o sofrimento pela prosperidade.

### 3.3 Da perseguição à vitória

Através da pesquisa de campo e do estudo bibliográfico relacionado à IURD, pude notar que um dos principais aspectos presentes nos testemunhos dos fiéis e nas falas dos representantes da igreja é a ênfase dada entre os extremos do caminho da perseguição à vitória. Os testemunhos das participantes do Curso de Autoconhecimento ilustram essa ênfase na medida em que narram os sofrimentos vividos e contrastam com a sua atual vida próspera. Os testemunhos das participantes podem ser expostos no próprio curso ou nos *sites* e redes sociais oficiais do Godllywood. No último dia de aula do curso, conversei com algumas das participantes e cada uma enfatizou as mudanças positivas que o curso tinha proporcionado, como uma maior compreensão de si mesma, o desenvolvimento do autocuidado, um melhor relacionamento com Deus, a compreensão de que ela é importante para Deus e a melhora nos relacionamentos pessoais.

É interessante mencionar que uma participante com quem conversei estava frequentando o curso pela terceira vez. Ela me disse que decidiu frequentar novamente porque cada aula, apesar de seguir a mesma sequência de temáticas, proporcionava para ela novos e valiosos aprendizados. Uma outra senhora estava frequentando pela segunda vez e disse que, no primeiro curso, aprendeu a olhar para dentro de si e a se valorizar, e que esperava aprender muito mais na segunda turma.

Nos *sites* oficiais do Godllywood e do Raabe encontramos os seguintes testemunhos<sup>30</sup> que ilustram a diferença das situações de vida antes e após o curso:

Tudo me atingia! Eu era uma pessoa triste, sem autoestima, pensava que não tinha valor algum, me mutilava e numa ocasião tentei tirar a minha própria vida... e tudo isso devido aos complexos que trazia comigo. Foi dessa forma que iniciei o Curso do Autoconhecimento, pois não queria continuar sendo a mesma pessoa. Durante as aulas reconheci que o problema era carregar no presente as coisas que pertenciam somente ao passado. Ao término do curso pude perceber que aquilo que antes me feria, hoje não fere mais. Desprendi-me daqueles complexos e posso dizer que sou uma mulher forte, feliz e acima de tudo livre;

---

<sup>30</sup> Informação disponível em: <https://www.universal.org/godllywood-raabe/post/curso-autoconhecimento-fiz-e-recomendo/>

Eu conheci o abuso e o abandono na minha infância. Quando casei pensei que as coisas seriam diferentes, mas a realidade não foi bem assim. Tinha conflitos constantes, ao ponto de tentar o suicídio, e, como consequência, meu casamento chegou ao fim. Através de um convite comecei a participar do Projeto Raabe e ali aprendi o valor do perdão. A cada aula do curso, um novo aprendizado! Minha família foi restaurada e hoje sou uma nova mulher.

Podemos perceber que esses testemunhos são constituídos através do rompimento do silêncio e do rememorar dos traumas sofridos para contrastar com a atual vida da mulher (mais próspera e equilibrada) após a participação no curso. Dessa forma, há a reprodução e materialização dos discursos religiosos da IURD e o testemunho torna-se instrumento de comprovação da eficácia dos ensinamentos da igreja. Em diversos testemunhos expostos no *site* do Godllywood e no curso que participei pude identificar as fases do que Gomes (2011) nomeou de “circuito da conquista”. Esse mecanismo é formado por quatro categorias (perseguição-revolta-sacrifício-conquista) que são acionadas constantemente.

A perseguição caracteriza o início do percurso. O indivíduo se sente perseguido pelo “mal” e deve revoltar-se contra essa situação, não aceitando estar em uma posição ou momento desfavorável em sua vida. Tal revolta caracteriza-se principalmente por uma tomada de atitude em busca da prosperidade. O indivíduo deve, em seguida, sacrificar o que se tem objetivando a sua mudança de vida e o valor do sacrifício deve ser proporcional ao da graça requerida. O sacrifício possibilita a mediação entre o fiel e Deus e essa relação ocorre conforme o princípio da reciprocidade. Por fim, o “circuito da conquista” é concluído quando a graça requerida é alcançada.

Em suma, os testemunhos baseados no “circuito da conquista” ressaltam a “vitória” através da superação das perseguições, dos obstáculos. Nessa retórica, o poder de agência dos indivíduos é enfatizado, não havendo espaço para vitimização. Espera-se, então, que os fiéis da igreja vejam essas trajetórias como exemplos de conquista; conquista esta que está ao alcance de todos que obedecem e acreditam na “palavra de Deus”.

A ação de testemunhar constitui o complexo processo de autocriação do “eu” das participantes, visto que a mulher fala sobre si e organiza suas experiências apresentando-as para si mesma e para os outros. Segundo Dullo e Duarte (2016), o testemunho no Cristianismo é uma prática antiga e constitutiva de transmissão da fé cristã. De acordo com os autores, o ato de testemunhar transmite “[...] uma experiência pessoal densa de sentido, capaz de gerar efeitos sociais tanto no testemunhante quanto em sua audiência” (2016, p. 13). Assim, os testemunhos incentivam o monitoramento por parte dos indivíduos de suas próprias vidas e estimulam a internalização dos discursos e das técnicas disciplinares propostos pela igreja.

De acordo com Bourdieu (2006), o relato autobiográfico constituído por uma narrativa coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, consiste em uma ilusão retórica, uma representação comum da existência. Para o autor, tanto os relatos autobiográficos quanto a ideia de identidade baseada na constância de si são assentados em instituições de totalização e de unificação do "eu", que direcionam a atribuição de sentidos e a busca por coerência para as experiências sociais. Sendo o sujeito diverso e o real descontínuo, multifacetado, formado por elementos justapostos que surgem de modo inesperado e aleatório, Bourdieu acredita ser ilusória a realização de um discurso cronologicamente ordenado com relações inteligíveis e coerentes.

Desse modo, não nego que o relato autobiográfico possa variar em forma e conteúdo de acordo com o contexto em que é produzido. Contudo, a questão que desejo ressaltar é a capacidade agentiva das narrativas e das práticas propostas pelos representantes e pelos projetos da igreja ao oferecer sentido e organização para as identidades e experiências sociais das participantes. Acredito que, através da participação do curso e dos testemunhos elaborados nele, as participantes podem produzir os sentidos, os significados e a coerência para suas experiências e identidades, além de poderem construir sua “virtuosidade”.

É interessante mencionar que a ênfase na trajetória “da perseguição à vitória” pode ser identificada nas falas do bispo Macedo sobre a sua vida e na própria história institucional da Igreja Universal do Reino de Deus. As tensas e polêmicas relações da IURD com as religiões afro-brasileiras, com a Igreja Católica, com outras igrejas evangélicas<sup>31</sup> e com as mídias, principalmente a Rede Globo, juntamente com as críticas que recebe sobre a centralidade do dinheiro em suas práticas e a participação de seus representantes na política são de fundamental importância para a construção de um discurso de perseguição à igreja. As perseguições são caracterizadas como reações do “mal”, que estaria incomodado com a expansão da IURD e com a difusão da “palavra de Deus”. Segundo Gomes (2011), todos esses acontecimentos foram e são utilizados na “retórica da superação” da igreja e constituem o registro histórico e a memória da instituição.

Através dos exemplos de “perseguições” ao bispo Macedo e à igreja, a “retórica da superação” enfatiza a viabilidade da vitória sob os obstáculos e sob o “mal”, na medida em que se tem um compromisso com Deus. O bispo e os pastores da IURD exibem a expansão da igreja e de seus projetos sociais e de evangelização<sup>32</sup> como sendo prova da constante superação das

---

<sup>31</sup> Ver Brito (2018).

<sup>32</sup> A igreja dispõe de grupos de evangelização que atuam em hospitais, comunidades, orfanatos, centros de detenção, asilos, etc. Também possui grupos específicos como a Força Jovem Universal, Turminha da Fé que

perseguições sofridas e da força da “palavra de Deus”. Podemos perceber então que a história institucional da igreja juntamente com a história de seu líder, Edir Macedo, ressaltam a conquista através da superação das perseguições, dos obstáculos. Objetiva-se, portanto, que os fiéis da igreja vejam essas trajetórias como exemplos de vitória quando se obedece e crê na “palavra de Deus”.

### 3.3.1 A agência feminina

Em todas as aulas do Curso de Autoconhecimento que frequentei, o poder da agência das participantes foi constantemente enfatizado. Afirmava-se que as mulheres tinham a capacidade de escolher superar o seu passado e buscar uma vida melhor, e o tempo demandado nesse processo de (re)construção de identidade e (re)organização da vida social dependeria principalmente do empenho da participante e da profundidade de sua crença em si e em Deus. Nessa perspectiva, a mulher deveria se enxergar como uma agente atuante que pode empreender o seu destino para alcançar a prosperidade.

É importante mencionar que para descortinar os agenciamentos propostos pelo curso torna-se necessário pensar em modelos diferenciados de agência, pois, assim como evidenciado no estudo de Mahmood (2006), estamos analisando um contexto onde a liberdade e a emancipação não são princípios fundamentais. Portanto a agência não se apresenta através da resistência às relações de dominação e tradição, mas por meio da capacidade de ação dentro dessas relações específicas (MAHMOOD, 2006).

Essa ênfase na capacidade agentiva da mulher pode ser exemplificada pelas frases que eram apresentadas no telão antes do início das aulas. Frases como “você pode reescrever sua história”; “você não é o que lhe aconteceu e sim o que escolhe se tornar”; “a sua felicidade depende de você”; “a vida não tem controle remoto, você tem que levantar e mudar” são exemplos da importância dada à capacidade de agir das participantes para superar os obstáculos e escolher ser feliz. Tal capacidade também pode ser identificada no seguinte texto sobre o curso:

Nas palestras pudemos prestar assistência e mostrar que independente do que possam ter vivido, ou das marcas do passado que pudessem carregar, todas poderiam escrever

---

trabalha com pré-adolescente com 11 a 14 anos, a Educação Bíblica Infante Juvenil que atende crianças e pré-adolescentes com 0 a 14 anos, o Grupo Calebe constituído por pessoas com mais de 55 anos, o Grupo Godllywood formado por mulheres a partir de 8 anos, o grupo Intellimen formado por homens com 8 a 88 anos; entre outros. Dentre os projetos sociais estão: os projetos Mães em oração, Raabe e T-Amar; o Projeto A Gente da Comunidade que oferece assistência regional; o Projeto a Última Pedra que atende pessoas que sofrem com vícios; o Projeto Ler e Escrever que oferece formação educacional e profissionalizante a jovens e adultos; o Projeto Anjos da Madrugada que atua com moradores de rua, etc.



uma nova história de vida. História essa de valor, respeito, amor próprio e bons olhos para consigo mesmas<sup>33</sup>.

Acredito que uma das formas de agência mais desenvolvida dentro do curso foi o resgate de memórias traumáticas na tentativa de superá-las. O próprio nome do projeto (Raabe: rompendo o silêncio) expõe esse importante processo ao incentivar o “rompimento do silêncio”. Acredito que as memórias resgatadas e expostas nos testemunhos são elementos importantes para a identidade pessoal, visto que a reconstrução da “pessoa” se fundamenta na rememoração de experiências, pessoas e lugares. O recordar é então um elemento constitutivo de identificação e estabelece também as características particulares de cada indivíduo. De acordo com o Pollack (1992, p. 204),

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Os testemunhos expressam, em sua maioria, a capacidade catártica do curso e do Raabe em tornar as pessoas que sofrem de algum trauma, de algum abuso ou de alguma adversidade mais fortes, autoconfiantes e com amor próprio. Os atendimentos com as voluntárias do Raabe e a própria exposição dos testemunhos podem ser vistos como uma maneira de lidar com as situações de adversidades e de exteriorizar os sentimentos. Assim, a desingularização das dificuldades e dos traumas é uma forma de as participantes perceberem que não estão sozinhas no enfrentamento do problema.

Portanto, a participação no curso, além de promover uma catarse, faz parte do processo contínuo de autocriação do “eu” visto que as pessoas, após participarem das aulas, relatam mudanças em sua personalidade e na forma como lidavam com seus traumas. O Curso de Autoconhecimento pode ser visto como um possível espaço de promoção agenciamentos diversos, na medida em que as pessoas podem falar, ser ouvidas, ter acesso a auxílio espiritual e a serviços profissionais (psicológico, jurídico, assistencial), obter o incentivo necessário para uma tomada de atitude, para a autovalorização ou para superação de situações prejudiciais. A ideia de recusa à vitimização propagada pela IURD também tende a influenciar a atuação das fiéis da igreja. Nessa perspectiva, a mulher, vista primeiramente como passiva, pode se articular cotidianamente para contornar os problemas a partir da sua própria posição social e de gênero.

---

<sup>33</sup> Informação disponível em: <http://www.godllywood.com/pt/autoconhecimento-um-curso-que-leva-a-pessoa-a-conhecer-bem-a-si-mesma/>

Em síntese, através dos discursos mencionados, os projetos da IURD buscam expor para as mulheres a importância da sua atuação e dos seus papéis sociais que podem ser vistos como passivos e “inferiores” pelas pessoas de fora da igreja. A capacidade específica feminina de mediação com o sagrado, onde a mulher é identificada como o centro da vida familiar e a sua proximidade com Deus garante segurança e poder, é um exemplo de agência que está vinculada com o papel social feminino proposto pela igreja. Em algumas conversas com fiéis da IURD encontrei narrativas que evidenciavam um certo orgulho e satisfação frente à responsabilidade feminina de solucionar os problemas familiares e combater o “mal” através da atividade religiosa.

Eliane da Silva (2006, p. 23) destaca que “Na linguagem dos discursos com mensagens fundamentalistas e voltados para as mulheres, o jogo de palavras varia entre doçura, mansidão, submissão, poder, força, realização”. Essa ambiguidade configura os discursos e as práticas da IURD. A depender do contexto, alguns modelos de pensamento e ação femininos são enfatizados em detrimento de outros (que em outras situações recebem a maior ênfase). Por exemplo: se a família vive uma crise financeira, a mulher pode ser incentivada a tomar uma iniciativa e se aventurar no mercado de trabalho; porém, caso ela não tenha tempo ou disposição suficiente para dedicar-se ao lar e à família da forma esperada, ela pode ser aconselhada a abandonar a vida profissional.

Dessa forma, os discursos são caracterizados por uma dubiedade entre agência e submissão. Ao mesmo tempo em que se afirma, por exemplo, que a mulher deve ser submissa ao marido, deixando voluntariamente que ele lidere nas deliberações, também admite-se a possibilidade da mulher influenciá-lo de forma discreta e delicada na tomada de decisão. Assim, de acordo com Bandini (2008, p. 122) “[...] a IURD tenta flexibilizar a moral e os costumes, porém sem alterar a estrutura de poder patriarcal e hierárquico típico da denominação”. Ou seja, a igreja permite a superação de algumas situações desvantajosas para as mulheres, mas não objetiva acabar com as assimetrias entre os gêneros. Alguns discursos e práticas são adaptados às transformações em curso na sociedade mais ampla, porém não encontramos na IURD a presença de narrativas inspiradas no movimento feminista e/ou de igualdade absoluta entre os gêneros.

### **3.4 O ideal de conjugalidade**

Através da descrição das aulas do curso vimos que, a partir da segunda aula, nos foi apresentado o ideal de conjugalidade, fundamentado nas referências bíblicas de mulher,

homem, esposa e marido reproduzidas anteriormente. Como podemos perceber, as aulas do curso se mostraram como um importante espaço de apresentação, reprodução e incentivo dos modelos de gênero descritos por Cristiane Cardoso. Ademais, é importante mencionar que as referências bíblicas expostas no curso são constantemente acionadas por Cristiane e Renato Cardoso em seus discursos para ilustrar os comportamentos de esposa e de marido esperados por Deus. No curso, fomos incentivadas a ter contato não somente com o livro *A Mulher V*, de Cristiane Cardoso, mas também com outras produções dela e de seu esposo para conhecermos mais a fundo o que Deus espera de nós.

Conforme já mencionado, além de materializar o ideal de mulher cristã proposto pela IURD, Cristiane e Renato Cardoso apresentam o ideal de conjugalidade da igreja: ambos convertidos e dedicados à “obra de Deus”. O casal produz cursos, palestras, livros e programas televisivos onde tematizam questões sobre casamento, sexualidade e família, oferecendo orientações aos telespectadores sobre como alcançar e manter um relacionamento conjugal feliz e próspero. Há, portanto, uma comunicação entre as esferas religiosas e de consumo, na medida em que é desejável a aquisição de produtos e serviços pagos produzidos por Cristiane e Renato Cardoso, a fim de se alcançar cada vez mais a fundo as orientações para a vida pessoal da mulher e seu relacionamento conjugal.

Torna-se importante mencionar que Renato Cardoso, esposo de Cristiane, também fundou um grupo exclusivo para os homens da IURD, intitulado IntelliMen. O Projeto IntelliMen foi criado em 2013 e admite homens de 8 a 88 anos de idade. O nome do projeto é uma junção das palavras em inglês *intelligent* (inteligentes) e *men* (homens). De acordo com o manifesto do grupo, o principal objetivo do projeto é formar homens inteligentes e melhores em todos os âmbitos da vida. O projeto é dividido em dois momentos: o IntelliMen 1.0 e o IntelliMen 2.0. O primeiro consiste na realização de 52 desafios/tarefas durante um ano; após isso, o homem passa para a segunda fase onde deve cumprir 12 desafios durante um ano.

Quando um homem e uma mulher são frequentadores da IURD, atuante nas atividades da igreja e, principalmente, se fazem parte do Godllywood e do IntelliMen, há um conjunto de expectativas comportamentais relacionadas aos direitos e deveres de cada um, caso eles se envolvam em uma relação conjugal. Segundo Goffman (2002, p. 11), quando um indivíduo se encontra com outros, estes geralmente procuram obter informação a seu respeito ou recorrem ao conhecimento que já possuem. Nesse contexto, o pertencimento aos projetos mencionados atua como importante forma de distinção e de status, além de ser fonte de informação prévia positiva sobre a pessoa.

À medida em que a interação dos participantes progride, ocorrem acréscimos e modificações neste estado inicial das informações, por isso torna-se importante que tais desenvolvimentos posteriores se relacionem sem contradições com as posições iniciais tomadas (GOFFMAN, 2002, p. 19). Assim, uma forma de garantir a coerência das atitudes individuais com as imagens e padrões difundidos pelo Godllywood e pelo IntelliMen é o constante acompanhamento das produções de Cristiane e Renato Cardoso, buscando sempre seguir suas orientações e aconselhamentos.

Assim como evidenciado por Teixeira (2016), na cosmologia iurdiana, o casamento/a família é a principal questão da vida dos indivíduos. À vista disso, a igreja desenvolve um conjunto de atividades que propicia o alcance e a manutenção de um casamento monogâmico e próspero. Tais atividades são propostas em dois projetos principais: a Terapia do Amor e o *The Love School*. A Terapia do Amor é uma reunião realizada nas unidades da IURD, vista como facilitadora para o casamento e “[...] a função terapêutica do ritual consiste em restaurar o sujeito que busca um relacionamento conjugal saudável por intermédio da lógica da libertação espiritual” (TEIXEIRA, 2016, p. 170). Sua estrutura ritual é organizada visando propiciar espaços onde os fiéis encontrem companheiros do sexo oposto para se relacionarem e futuramente firmarem um acordo de casamento (TEIXEIRA, 2016).

O *The Love School* é um programa televisivo, que estreou em 2011, apresentado por Cristiane e Renato Cardoso na TV Record. O programa comporta um conjunto de atividades que visa desenvolver nos participantes a racionalidade para a escolha do cônjuge e o gerenciamento da relação conjugal (TEIXEIRA, 2016). Tendo como fundamento os princípios da “fé racional”, Cristiane e Renato Cardoso defendem que a escolha do parceiro para o casamento deve ser uma escolha racional e não emocional, de modo que deve se avaliar os diversos fatores que podem influenciar no relacionamento (linhagem, cor, condição socioeconômica, idade, passado, religião, entre outros) (TEIXEIRA, 2016). Assim, difunde-se a ideia de que a racionalidade na escolha do parceiro aumenta as chances de o relacionamento prosperar.

Interessante mencionar que, por ser um programa televisivo exibido na Record (uma rede nacional aberta) e dirigido a diversos públicos (não exclusivos aos fiéis da igreja), as argumentações discursivas de Cristiane e Renato Cardoso não são apresentadas com sentido religioso, vinculadas explicitamente aos trechos bíblicos. Assim, os livros bíblicos não são mencionados explicitamente, porém as orientações fornecidas no programa continuam possuindo tendência ideológica e difundindo de forma não religiosa os padrões de gênero propostos pela IURD. Ademais, através de suas experiências, gestos e olhares, o casal

demonstra no programa a sua cumplicidade, felicidade e prosperidade. Portanto, o programa pode ser visto como um importante meio de difusão dos valores da IURD e de atração de novos fiéis.

De acordo com Teixeira (2014, p. 240), por meio dos projetos e produções desenvolvidos, como o Godllywood, IntelliMen, *The Love School*, cursos, palestras, livros etc, Cristiane e Renato Cardoso tornaram-se “[...] instrumentalizadores de um poder pastoral voltado para a formação de um saber sexual que é pautado na diferenciação substancial dos gêneros”. Segundo a autora, a estrutura familiar proposta pela IURD estabelece uma relação recíproca de submissão, “[...] pois muito embora a esposa continue submetida ao jugo do esposo, este também passa a ser subjugado à família, direcionando seus esforços financeiros e físicos para a manutenção da estrutura do lar, que aparece sempre representada pela mulher” (TEIXEIRA, 2016, p. 100). Assim, o ideal da “vida em abundância” seria alcançado por meio de um conjunto de práticas disciplinares e organizadoras do cotidiano que materializam o exercício da “fé racional”. A prosperidade não se restringiria à dimensão financeira, mas estaria “[...] em todas as instâncias da vida, sendo a família a principal delas” (TEIXEIRA, 2016, p. 97).

Assim, sendo a mulher a principal gerenciadora da família, muitos dos projetos pedagógicos e disciplinadores e das produções bibliográficas da igreja e de seus representantes se voltam para o público feminino. Nos cultos, eventos, *sites* e programas produzidos pela Igreja Universal podemos observar o importante papel espiritual da mulher na família e a centralidade da prática matrimonial e do planejamento familiar. O planejamento familiar é fundamentado no princípio da “fé racional”, sendo esta constituída pela relação entre meios e fins e baseada na “[...] ascese para a vida e para o trabalho, tendo a disciplina e o sacrifício como características principais” (TEIXEIRA, 2016, p. 108). O sacrifício pode ser materializado através do aprendizado cotidiano de práticas de disciplina, planejamento, organização e cuidado. Na constituição desse aprendizado cotidiano, o corpo feminino aparece como instrumento central a ser disciplinado e docilizado para alcançar a prosperidade (TEIXEIRA, 2014, 2016). Assim, a mulher, através do intenso controle de si e de sua família, é vista como o elemento chave para alcançar e manter uma vida em abundância.

Baseados na perspectiva da “vida em abundância”, a profissionalização e o empreendedorismo da mulher aparecem como atividades extra domésticas que podem contribuir para o bem-estar de sua família, sem que ela, porém, abandone suas responsabilidades na esfera privada da vida. Conforme evidenciado por Teixeira (2016), através dessa mesma perspectiva da “vida em abundância”, podemos identificar os princípios

teológicos que fundamentam a posição favorável ao aborto do bispo Edir Macedo. Para o bispo, a prática do aborto poderia ser utilizada como uma forma de planejamento familiar e de gerenciamento da prosperidade.

Segundo Edir Macedo, o aborto poderia auxiliar não somente na qualidade de vida da família envolvida na prática, mas também no controle da natalidade, ajudando assim no controle da pobreza. O aborto seria, então, uma forma de alcançar não apenas a prosperidade das pessoas envolvidas, mas também da sociedade como um todo, visto que seria um meio de “[...] prevenir a criminalidade, ajudar na erradicação da pobreza e contribuir para a manutenção de famílias estruturadas” (TEIXEIRA, 2016, p. 189). Dessa forma, as noções de direito reprodutivo e de autonomia feminina são tuteladas pela igreja, de modo que o direito da mulher ao aborto é justificado pelo direito à prosperidade e pela possibilidade de prevenção de problemas sociais (TEIXEIRA, 2016).

A prática da vasectomia também é incentivada na IURD como um método contraceptivo importante para o planejamento familiar. A igreja financia cirurgias de vasectomia para todos os pastores e líderes (TEIXEIRA, 2016, p. 99). Assim, percebemos na IURD o incentivo a um modelo familiar com poucos filhos, sendo “[...] perfeitamente aceitável, inclusive, a escolha por um modelo familiar sem filhos” (TEIXEIRA, 2016, p. 99).

Em suma, podemos perceber que a Igreja Universal do Reino de Deus não é uma instituição religiosa totalmente refratária à modernidade, porém não é completamente contrária às tradições e representações de gênero. Através das questões expostas nesta dissertação, podemos notar que a igreja se apresenta permeável a algumas discussões modernas (entrada da mulher no mercado de trabalho, possibilidade de atuação feminina nas ocupações de liderança religiosa e a legalização do aborto). Além disso, notamos a utilização de concepções relacionadas à autonomia da mulher nas decisões sobre seu corpo e sua vida. A própria Cristiane Cardoso, pode ser vista como um exemplo de mulher que assume papéis inovadores, de liderança e de empreendedorismo dentro e fora da igreja; exercendo funções que vão além das atribuições “inatas” da “mulher virtuosa”.

Vimos também que a igreja admite a possibilidade de papéis sociais femininos extra domésticos e incentiva a aproximação do homem à esfera privada, porém continua-se transmitindo as representações tradicionais do feminino e do masculino fundamentadas em uma argumentação bíblica. Em minha pesquisa de campo, notei que as interlocutoras recorreram tanto a concepções mais igualitárias entre os gêneros, quanto a concepções hierárquicas, dependendo da situação em questão. Em geral, pude notar a representação do homem como líder e a mulher como a principal responsável pelas tarefas domésticas, porém em relação a

moral sexual, por exemplo, defende-se que tanto o homem quanto a mulher devem possuir uma moral sexual rígida.

Machado (2010) afirma que há uma tendência entre os grupos pentecostais e neopentecostais em proporcionar vantagens para as mulheres, na medida em que oferecem orientações para a autoafirmação feminina e incentivam a maior participação do homem na família e na igreja. Segundo a autora, a conversão auxilia a mulher a se ver como indivíduo e incentiva o homem a ser mais doméstico e familiar. Essa tendência pode ser exemplificada através de algumas tarefas propostas pelo grupo IntelliMen, como passar um tempo com a família fazendo alguma atividade escolhida por ela, ser cavalheiro com a sua esposa, fazer uma surpresa agradável para a companheira, entre outras. No grupo, os homens são estimulados a adotarem condutas tradicionais em relação à moral e à sexualidade, devendo por exemplo recusar a pornografia e não cobiçar outra mulher que não seja a sua parceira. Além da moral sexual rígida, incentiva-se que o homem se preocupe com o bem-estar de sua família e que tenha uma vida ascética.

De acordo com Roberta Bivar Campos e Alana Souza (2017, p. 498), na IURD desenvolve-se uma “reforma de machismo” onde se contesta a inferiorização feminina e a violência contra mulher. Segundo as autoras, apesar de reforçar a submissão feminina, a “mulher virtuosa” deve ser cuidada pelo seu marido e por si mesma e, além disso, ela é revestida de poder a partir de sua proximidade com Deus. Ademais, apesar de afirmar diferenças essenciais entre homens e mulheres, a igreja e o Godllywood expõem a complementariedade e a interdependência entre eles, onde tanto a mulher necessita do homem quanto o homem, da mulher. De acordo com Machado (1996 apud MACIEL, 2015 p. 83)

[...] uma desigualdade que exige a complementação entre homem e mulher na família e na igreja é menos prejudicial e significa um ganho social para as mulheres em relação a outra desigualdade, herdada, que acentua a especialização dos gêneros segundo diferentes áreas de ação, entre a casa e a rua.

Em síntese, o Curso de Autoconhecimento é um espaço singular para o desenvolvimento da “virtuosidade” proposta por Cristiane Cardoso. As participantes do curso, além de trabalharem em suas questões interiores, recebem as orientações de Cristiane Cardoso sobre o que é ser mulher, como exercer de forma exemplar seus papéis sociais e como deve ser um relacionamento a dois. As participantes do curso compartilham suas experiências e, ao final, apresentam seus testemunhos, enfatizando os ensinamentos de Cristiane Cardoso e do Godllywood. Tais ensinamentos e práticas propostos apresentam a potencialidade de inserção

e corporificação na vida cotidiana dos fiéis, como meios para se atingir a prosperidade, ultrapassando assim, o espaço ritual da igreja.

O Godllywood e o Curso de Autoconhecimento tematizam problemas que afligem o cotidiano das mulheres (problemas conjugais, familiares, profissionais, de saúde etc) e oferecem orientações para solucioná-los, sendo a conversão a principal delas. Segundo Machado (2010, p. 23) “A conversão fornece uma nova visão de mundo e uma nova forma de interpretar e lidar com os problemas cotidianos. Neste sentido, ela cria possibilidades do/a adepto/a experimentar outras atitudes frente às adversidades”. Acredito, portanto, que a crença da superioridade moral das fiéis, devido à sua participação religiosa, gera um sentimento de autoconfiança e encoraja atitudes inovadoras para lidar com os infortúnios, aumentando a possibilidade de a mulher desenvolver atividades extra domésticas e de participar de novas redes de sociabilidade (MACHADO, 2010).

Portanto, podemos compreender o Curso de Autoconhecimento como um espaço de experiência viva e de elaboração de mecanismos simbólicos de construção de sentido. A dimensão simbólica da “virtuosidade” proposta para a superação das adversidades é singular àquele grupo religioso e sua inteligibilidade deriva da compreensão da conjuntura em que está inserida. Em suma, o curso apresenta as funções prática, moral e social na medida em que reafirma e reproduz valores e crenças e promove a integração coletiva.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo apresentar uma análise sobre os discursos e as práticas que configuram a construção da noção de “virtuosidade” feminina na Igreja Universal do Reino de Deus. Através deste estudo, compreendi que a “virtuosidade” proposta pela igreja é específica, fundamentada no texto bíblico *Provérbios 31* e constituída por interpretações de Cristiane Cardoso, filha do bispo Macedo e líder do Movimento Godllywood e do Projeto Raabe. Dessa forma, a partir das interpretações realizadas a “virtuosidade” adquire significados e sentidos particulares, que são produzidos, enfatizados e incentivados nos eventos e atividades do Godllywood e no Curso de Autoconhecimento.

Podemos identificar, com certa facilidade, tentativas de demarcação de lugares e papéis sociais femininos no decorrer da história. Tais empreendimentos persistem atualmente através das diversas representações da “mulher ideal” que variam de acordo com os diferenciados grupos e instituições. Em meio a essa pluralidade de concepções e às incertezas características da modernidade (BERGER, 2000), a Igreja Universal aparece como uma instituição que oferece um conjunto de valores, regras e “verdades”, fundamentadas em interpretações da Bíblia, para quem procura uma orientação.

Acredito que a análise apresentada nesta dissertação nos permite apreender os modos de produção, recepção e circulação do modelo de gênero feminino proposto por Cristiane Cardoso: o da “mulher virtuosa”. Assim, através desta pesquisa, identifiquei a representação da “mulher ideal” difundida na IURD e percebi os esforços para justificar e legitimar tal modelo. Além disso, notei que os representantes e os projetos da igreja incentivam dinâmicas psicossociais específicas para cada gênero, reforçando as representações culturais sobre o masculino e o feminino.

Nesse contexto, busquei demonstrar como as regras, as tarefas e as orientações apresentadas por Cristiane Cardoso, pelo Godllywood e pelo Curso de Autoconhecimento se mostram como instrumentos de atualização e de desenvolvimento de uma “essência” feminina pressuposta e “sagrada”. Tais instrumentos constituem um programa pedagógico que ensina como ser mulher e, principalmente, como ser uma “mulher virtuosa”, o modelo de mulher considerado ideal para se alcançar a prosperidade. Nesse percurso de construção da “virtuosidade”, o interior e o exterior da mulher passam por um processo de aprendizado e harmonização, onde o corpo, a mente e o espírito devem ser simultaneamente disciplinados para tornar-se a “Mulher V” e alcançar a prosperidade. Em síntese, a interpretação sobre a

“Mulher V” demonstra como os textos bíblicos podem ser utilizados para naturalizar lugares sociais, personalidades e performances de gênero.

Acredito que o projeto Godllywood e o Curso de Autoconhecimento fazem parte de um vasto conjunto de estratégias discursivas e performativas (livros, cultos, palestras, programas de TV, cursos etc) produzidas pelos representantes da IURD para difundir o modelo de gênero proposto pela igreja e para conquistar adesão ao que se propõe. Respalhando-me nos estudos de Teixeira (2014, p. 251), acredito que o Godllywood é um espaço fundamental onde se pratica, se pensa e se constrói o gênero, através de seus eventos, dos cursos e do uso das novas tecnologias de *internet*.

Entendo que as orientações e as atividades propostas por Cristiane Cardoso, pelo Godllywood e pelo Curso de Autoconhecimento visam influenciar a prática social das fiéis de modo que esta se baseie na representação da “mulher virtuosa”. Existe, portanto, uma dimensão instrutiva e pedagógica das narrativas e das práticas propostas, onde é incentivada a disciplinarização do corpo e da subjetividade por meio de tarefas, normas e orientações. A realização e a divulgação das atividades propostas produzem “[...] uma performatividade de gênero mimetizada em formas de falar, de se apreender e de experienciar os corpos” (TEIXEIRA, 2014, p. 232). Portanto, as tarefas e orientações propostas tendem a constituir performances de gênero baseadas na “feminilidade”, na docilidade e na discricção, incentivando formas específicas de agir e de pensar sobre si.

Assim, através de todo o processo pedagógico proposto por Cristiane Cardoso, as fiéis, principalmente as integrantes do Godllywood, tendem a internalizar as regras morais externas propostas pelo grupo. Quando seguidas, tais regras determinam a avaliação da pessoa sobre si própria e sobre os outros, a distribuição de seus sentimentos e o tipo de prática que ela empregará para manter o equilíbrio ritual das interações (GOFFMAN, 2011, p. 49). Além disso, percebi que a Cristiane Cardoso e o Godllywood fornecem “guias para ação”, regras de conduta para a formação de “mulheres virtuosas” e a ligação do indivíduo com as regras é uma das formas de produção de constância e padronização do comportamento (GOFFMAN, 2011, p. 52).

Assim, para ser uma “mulher virtuosa” a fiel deve agir de forma consistente com os valores propostos pela igreja e, através da conexão com as regras de conduta recomendadas, a mulher “se compromete com uma certa imagem do “eu” que pode ser comunicada através de suas ações” (GOFFMAN, 2011, p.54-55). Conforme exposto nesta dissertação, a imagem do “eu” a ser comunicada no contexto da IURD fundamenta-se na performance da “Mulher V” proposta por Cristiane Cardoso. Tal performance é caracterizada basicamente pela dedicação à

obra de Deus, à família, ao lar e à aparência, além de dever ser “exemplar” e “feminina” no modo de falar e de agir.

Há, portanto, saberes, comportamentos e atividades que condicionam a performance das “mulheres virtuosas” e que são apresentados, interpretados e explicados por Cristiane Cardoso e pelas integrantes do Godllywood. Assim, idealmente, a fiel da IURD deve apresentar uma imagem de si para Deus e para as outras pessoas de forma a evidenciar que sua atuação está de acordo com as orientações da igreja, ou seja, de acordo com os “desígnios divinos”. Portanto, a performance da “mulher virtuosa” é constituída pelo desempenho da performer e pelo seu público, envolvendo também aspectos de prestígio e valorização, na medida em que ela distingue a performer do restante das mulheres e a enaltece. Além disso, a tentativa de tornar-se a “mulher virtuosa” foi descrita pelas minhas interlocutoras como uma experiência transformadora, gratificante, reflexiva e de autoconhecimento.

Assim, a performance da “Mulher V” aparece no contexto etnográfico como um elemento capaz de interferir na experiência de vida das mulheres que se vinculam a tal representação. Ademais, há uma dimensão de reflexividade inerente à performance (TURNER, 1992 apud PEREIRA, 2015, p. 203) visto que ela tende a afetar o modo como a pessoa se apresenta para o público e para si mesma. Em resumo, quanto mais próximo e intimamente se lida com a materialidade da representação, maiores podem ser os efeitos transformativos que decorrem da performance desse papel (PEREIRA, 2015, p. 210).

Através da performance de Cristiane Cardoso e das performances das interlocutoras percebi que o corpo é um elemento essencial de apresentação das “mulheres virtuosas”. Além da aparência física, a experiência corporal das fiéis consideradas “exemplares” é fundamental no processo de construção simbólica da “Mulher V”. Mais do que objeto, receptáculo da cultura, o corpo é também produtor, agente e construtor da cultura; dessa forma, corpo e cultura encontram-se em uma relação dialógica onde ambos se influenciam e se constroem (REZENDE, 2015). Portanto, no contexto do campo, o corpo é fonte de conhecimento no que tange a sua agência na construção social das representações e performances simbólicas.

Dessa forma, considero que a performance da “mulher virtuosa” ocorre a partir do engajamento corporal, cognitivo e emocional da fiel, através de suas ações, experiências, expressões, sentimentos, interpretações e reflexões sobre os discursos da igreja. Além disso, a performance da “Mulher V” pode ser considerada como uma forma de “rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade” (GOFFMAN, 2002, p. 41). Assim, acredito que a complexidade da performance da “mulher virtuosa” só poderá ser apreendida

através do conhecimento dos códigos e do sistema simbólico do grupo onde ela é produzida e reproduzida.

Através do trabalho etnográfico e da pesquisa bibliográfica, notei que a IURD elabora seus dogmas e práticas a partir de interpretações próprias e ressignificações da Bíblia que evidenciam relações entre passado, presente e futuro. O Godllywood juntamente com o Curso de Autoconhecimento, por exemplo, são espaços de aprendizado onde os processos de socialização reforçam padrões e performances de gênero, apoiando-se sobretudo na fundamentação bíblica. O texto bíblico *Provérbios 31* em conjunto com as interpretações de Cristiane Cardoso caracterizam a “essência feminina” que o Godllywood se propõe a resgatar. Tal essência seria da “natureza” da mulher, porém a tentativa de reconquistá-la ocorre através de atividades socialmente desenvolvidas.

Portanto, a IURD oferece discursos normativos que expõem sua concepção sobre o que é ser mulher, buscando produzir uma ordem social e uma uniformização do real. As narrativas dos representantes da igreja generalizam e cristalizam o modelo feminino da “mulher virtuosa” por meio da ideia de uma ordem divina e natural, que oculta o caráter cultural e histórico das identidades e papéis de gênero. Os discursos atribuem às características desejáveis noções de “natureza” e de “essência” e essas características tendem a se inscrever nos corpos, nas subjetividades e nas identidades dos sujeitos através das atividades socialmente desenvolvidas pela igreja. À vista disso, é importante observar as diferenças de gênero enquanto construções culturais e históricas, que abarcam relações de poder localizadas em diversos espaços sociais.

Notei que a participação das fiéis nos cultos, projetos e atividades da igreja demonstra não somente uma intensa vinculação com a instituição, mas também o fortalecimento do compromisso da fiel com Deus. Tanto o Godllywood quanto os outros projetos da Igreja Universal são descritos pelos seus idealizadores como instrumentos para formação de uma “nação próspera” (TEIXEIRA, 2014, p. 244), uma nação baseada nos “desígnios divinos”. As narrativas e as práticas propostas pelos projetos e pelos representantes da IURD não se restringem somente ao espaço interno da igreja, elas penetram na vida cotidiana, com capacidade de incidir na construção e na produção de sentido da identidade e das experiências sociais dos fiéis.

Também observei que a igreja tematiza problemas sociais que afligem o cotidiano da população (problemas financeiros, profissionais, de saúde, familiares etc) e busca oferecer soluções espirituais e não espirituais para esses problemas. Em suma, os discursos analisados são exemplos de como os enunciados se constituem social e institucionalmente, produzindo saberes e “verdades” e influenciando a conduta das fiéis. Eles apresentam o modo “verdadeiro”

de ser e de agir, direcionando o indivíduo a se constituir como sujeito. O papel do discurso na construção da performance não ocorre somente pela tendência à incorporação dos discursos proferidos por Cristiane Cardoso e pelo Godllywood, mas também pela criação de um discurso próprio das fiéis: o testemunho. Conforme apresentado nesta dissertação, a prática discursiva do testemunho também constitui o complexo processo de produção da performance e de autocriação do “eu”.

Através deste estudo, também pude perceber a conexão dos discursos e das tecnologias disciplinares da Igreja Universal do Reino de Deus com a história da sociedade moderna ocidental, na medida em que ambos incentivam a disciplinarização da subjetividade e aspectos de individualização. Por meio da análise desses discursos, percebi a sua singularidade e a conexão deles com o contexto histórico, social e econômico, visto que pensamos e produzimos saberes dentro das fronteiras sociais e históricas do momento.

O discurso sobre a prosperidade, por exemplo, legitima e estimula a vida terrena em abundância e é de fácil assimilação por estar em conformidade com a linguagem moderna capitalista e individualista e por ser propício aos desejos de mobilidade dos indivíduos. Nesse caso, podemos perceber a constituição dos discursos da IURD através da junção de valores morais, religiosos e capitalistas. Assim, a igreja apresenta concepções pragmáticas que dialogam com elementos “terrenos” em prol da conquista da “vida em abundância”.

É interessante notar também que o uso de palavras em inglês como *The Love School*, *Godllywood*, *IntelliMen*, *sister*, *rush*, *Pledge Night*, entre outras, demonstra uma conexão da IURD com a vida tecnológica, moderna e globalizada. Acredito que essa conexão evidencia o intuito da igreja em internacionalizar seus valores e projetos. Assim, a experiência religiosa em questão se manifesta utilizando uma linguagem moderna, em uma igreja que possui uma dinâmica intensa e que investe em tecnologia, fazendo uso de diferentes instrumentos midiáticos. A IURD utiliza todos esses aparatos contemporâneos porque deseja inserir-se no mundo moderno e não fugir dele; e seus fiéis geralmente estão familiarizados e se sentem bem com essa conjuntura.

Busquei explicitar neste estudo o esforço de atualização da IURD tendo em vista as transformações em curso na sociedade brasileira. Percebi um crescimento dos espaços femininos e a assimilação de mulheres em funções de visibilidade e de liderança. Além disso, observei também as novas possibilidades de papéis de gênero, onde admite-se que a mulher exerça atividades extra domésticas e o homem é incentivado a participar mais efetivamente na vida familiar. Assim, a conversão religiosa de ambos os cônjuges poderia possibilitar a

redefinição das relações de gênero e o surgimento de novos arranjos familiares (MACHADO, 1996 apud CONTINS, 1997).

Apesar dessa tentativa de atualização, não existe na IURD o objetivo de romper em absoluto com a representação tradicional da mulher cristã e com as delimitações dos papéis sociais tradicionais de gênero. A ênfase dada pela igreja à categoria família contribui para a visão dos homens e das mulheres não como indivíduos independentes, mas sim como seres que necessitam um do outro e se complementam. Nesse contexto, observei os limites no processo de atualização das representações de gêneros e de suas relações, comportando elementos duvidosos e ambíguos. Em resumo, a mulher, por mais que deseje alcançar outros objetivos, não deve esquecer de resgatar a sua “essência feminina” e de realizar suas responsabilidades que lhe foram dadas “desde a Criação”.

Acredito que no processo de construção da “virtuosidade” feminina muitas mulheres podem se afastar da igreja devido a não participação nas atividades propostas e/ou ao não cumprimento das regras de conduta. Através do exemplo da interlocutora Carla, descrito no segundo capítulo, pude acompanhar essa situação que culminou no afastamento de Carla do Godllywood e da IURD e na não concretização do seu projeto de “mulher virtuosa”. Nesse contexto, torna-se importante mencionar que as fiéis não são obrigadas a participarem dos projetos da IURD ou a realizarem as atividades do Godllywood, porém são incentivadas a isso, visto que a incorporação das narrativas e das práticas apresentadas pela igreja é vista como uma forma de “glorificar a Deus” e de alcançar a prosperidade.

Também busquei demonstrar nesta dissertação que, para se reconhecer os agenciamentos das fiéis da igreja, deve-se compreender que a agência feminina em questão não está relacionada com a igualdade de condições entre homens e mulheres. Os discursos apresentados são marcados pela diferença de gênero e, ao mesmo tempo, pela complementariedade e a interdependência entre eles. Em síntese, a igreja permite a superação de algumas situações desvantajosas para as mulheres, porém não pretende acabar com as desigualdades de gênero.

Através do projeto Godllywood e da realização de seus eventos e atividades, como o Curso de Autoconhecimento, as mulheres alcançaram um espaço específico de visibilidade, de liderança e de adoração femininas dentro da IURD. A criação do projeto possibilitou um novo local de atuação feminina no contexto das prédicas e do ensino religioso na IURD - ainda que esta participação esteja estruturada em noções de subordinação e assimetrias de gênero. Em suma, o Godllywood apresenta um ambiente de sociabilidade intensa e fornece instrumentos para autovalorização feminina. Por meio da participação no projeto e nas atividades da igreja,

as mulheres alcançaram posições de liderança, visibilidade e destaque social, produzindo espaços de reconhecimento e compartilhamento de opiniões e experiências.

Acredito que o Curso de Autoconhecimento é um potencial espaço de produção da “virtuosidade” proposta pela IURD e de elaboração de sentido e significado das identidades, subjetividades e experiências sociais das participantes. Ademais, através dos testemunhos construídos e apresentados no curso, observei como os discursos e as práticas de Cristiane Cardoso e do Godllywood são enfatizados e materializados, além de terem a sua eficácia comprovada. Em síntese, a identidade feminina proposta por Cristiane Cardoso, inspirada na representação da “mulher virtuosa”, é resultado de processos de (re)criação de memórias, discursos e símbolos que compõem a especificidade desse grupo religioso.

Também procurei enfatizar a necessidade de se pensar em formas diferenciadas de agência, onde a liberdade e a emancipação não são valores centrais, para que possamos enxergar os agenciamentos realizados pelas fiéis da IURD. Seguindo essa perspectiva, busquei analisar como a capacidade agentiva da mulher é trabalhada pela IURD. Notei que essa capacidade é mobilizada nos contextos de superação de traumas e obstáculos, da função da mulher como mediadora na relação com o sagrado, como responsável por diversas atividades da igreja e como persuasiva, tendo a responsabilidade de guiar as decisões do seu companheiro de forma coerente com a “palavra de Deus”. Esforcei-me, então, para explicitar a linha tênue entre agência e submissão femininas, onde uma característica é enfatizada em detrimento da outra a depender da situação.

Assim, no contexto da IURD, a agência não se manifesta como sinônimo de resistência às relações de dominação e tradição, mas como a capacidade de ação dentro dessas relações específicas (MAHMOOD, 2006). Visto que a habilidade de agir e de realizar transformações é histórica e culturalmente específica, um caso de aparentemente passividade pode apresentar modelos de agenciamentos distintos que só serão percebidos dentro do contexto em que estão inseridos (MAHMOOD, 2006).

Considero que a IURD é um campo privilegiado de relações de poder (FOUCAULT, 1995) que tendem a constituir os sujeitos e a gerenciar suas vidas. Os fiéis da igreja que seguem as narrativas e as práticas propostas fazem isso porque as aceitam, mas podem recusá-las a qualquer momento e substituí-las por outros discursos e atividades. Dessa forma, iriam se situar em uma nova “redoma”; visto que “[...] as formas e lugares de governo dos homens uns pelos outros são múltiplos em uma sociedade: superpõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se, em certos casos, e reforçam-se, em outros” (FOUCAULT, 1995, p. 292).

Acredito, portanto, que a IURD não produz somente um dogma ou uma forma de pensamento, mas sim regras e práticas que devem ser seguidas cotidianamente para “glorificar a Deus” e “alcançar a prosperidade”. Existem inúmeras atividades instrutivas que auxiliam no aprendizado das fiéis, instruindo comportamentos e gerenciando os corpos e as vidas dessas pessoas. As fiéis então se constituem como sujeitos e tendem a seguir um programa disciplinador, que pretende influenciar seus comportamentos não somente na esfera religiosa, mas em várias áreas de suas vidas.

Penso que há na Igreja Universal do Reino de Deus um potencial cognitivo interessante para descrever a realidade para diversas pessoas, na medida em que os enunciados sagrados da Bíblia são retomados e ressignificados de acordo com o contexto atual, facilitando o processo de articulação, por parte dos fiéis, de sua vida terrena com os enunciados religiosos. Os ensinamentos bíblicos e suas ressignificações propõem modelos de conduta e exemplos de vida e preservam um papel importante no processo de construção de conhecimento e sentido para as pessoas. Desse modo, o saber religioso legitima o exercício de poder de disciplinarização do corpo e da subjetividade a fim de constituir o indivíduo moral e socialmente.

Todavia, acredito que as fiéis da IURD não são meros receptáculos dos discursos propostos pela igreja, desprovidas de intencionalidade e reflexividade. Através desta pesquisa, observei que elas realizam um movimento de adequação entre seus desejos e o discurso doutrinário oferecido. Dessa forma, as performances das “mulheres virtuosas” são desempenhadas de acordo com jogos de interesse, de poderes e de expectativas pessoais e sociais. Assim, estamos nos referindo a mulheres que “[...] representam papéis sociais, em cenários culturais, de acordo com o que se espera de sua recepção e de acordo com suas próprias ansiedades e angústias em apreender a prática social” (VELOSO, 2014, p. 197).

Baseando-me na perspectiva apresentada por Goffman (2011), considero que os seres humanos exercem a perceptividade e agem de acordo com suas interpretações sobre as ações dos outros, em vez de simplesmente reagir a elas ou sofrer ações delas. Sendo a interação humana mediada pelo contexto social, pelo uso de símbolos, pela interpretação e pela atribuição de significado às ações dos outros, saliento que não contesto a possibilidade de haver negociações por parte das fiéis na assimilação das narrativas e das práticas propostas pela IURD, podendo relacioná-las com outros discursos e atividades complementares ou até excludentes entre si.

Dessa forma, não afirmo que as propostas da Cristiane Cardoso, em conjunto com o Godllywood e com o Curso de Autoconhecimento, são aceitas e materializadas de forma absoluta e nem que a materialização ocorre da mesma forma para todas as pessoas, visto que a



realidade e a identidade são dinâmicas, multifacetadas e ambíguas. O que gostaria de demonstrar é a potencialidade dessas narrativas e atividades em se inscreverem nos diversos âmbitos da vida das fiéis, guiando e produzindo sentido para suas identidades, subjetividades, performances e experiências sociais.

Ressalto também que há vários níveis de inserção e filiação dos indivíduos na IURD e que a variedade de experiências dificulta o generalismo de classificações, porém esta pesquisa centralizou a análise sobre membros efetivos da igreja e do Godllywood, que participam cotidianamente de suas atividades. Enfatizo também que, em virtude da intensa dinâmica da Igreja Universal, as observações e as análises produzidas referem-se exclusivamente ao contexto da pesquisa, ou seja, há a possibilidade de modificações e inovações dependendo da conjuntura na qual se insere.

Por fim, espero que a pesquisa desenvolvida nesta dissertação venha auxiliar na compreensão das práticas e dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e de seus projetos, expondo a complexidade desse campo para os estudos das Ciências Sociais. Deixo espaço para que a minha pesquisa seja revista e complementada, pois acredito que diferentes contextos, questionamentos e interpretações produzem novas temáticas, análises e conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos De Campo*, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.
- BANDINI, Claudirene. A. *Costurando certo por linhas tortas: um estudo das práticas femininas no interior das convenções sociais*. 2008. 317 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014.
- BAUMAN, Richard. *Verbal art as performance*. *American Anthropologist*, n. 77, 1975, p. 290-311 apud BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014
- BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel (Eds.). *Explorations in the ethnography of speaking*. 2. ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1989[1974] apud BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BENCOSTTA, Marcus. Mulher Virtuosa, Quem a Achará? O discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá. v. 1, n. 2, p. 117-136, 2001.
- BERGER, Peter. A Desseccularização do Mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2000.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 6-7, p. 201-226, 1996.
- BITTENCOURT, José. *Remédio Amargo*. Tempo de Presença, 13 (259), 1991 apud MARIZ, Cecília. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 13, p. 37-53, 1995.
- BLUMER, Herbert. A sociedade como interação simbólica. In: Coelho, Maria. *Estudos sobre Interação: Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 75-90.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 183-191.

BRITO, Taimara. *O resgate da “essência feminina”*: um estudo sobre o grupo Godllywood da Igreja Universal do Reino de Deus. 2018. 75 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 2018.

BRONZSTEIN, Karla; RODRIGUES, Emanuelle. O Ethos da Mulher V: consumo e construção da identidade feminina na Igreja Universal. *LUMINA*, Minas Gerais, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2016.

BUSIN, Valéria. Religião, sexualidade e gênero. *Rever*, São Paulo, ano 11, n. 1, p. 105-124, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 apud SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.1, p.173-186, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Leonildo. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 101-115, 2005.

CAMPOS, Roberta Bivar; SOUZA, Alana. Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 487-512, 2017.

CANDIOTTO, Jaci. A experiência das mulheres na hermenêutica bíblica. *Interações – cultura e comunidade*, Belo Horizonte, v.10, n.17, p. 200-215, 2015.

CARDOSO, Cristiane. *A Mulher V: moderna a moda antiga*. Rio de Janeiro: Unipro, 2014.

CARLSON, Marvin. O Entrelaçamento dos Estudos Modernos da Performance e as Correntes Atuais em Antropologia. *Revista Brasileira de Estudo da Presença*, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 164-188, 2011.

CARLSON, Marvin. Performance: a critical introduction. [S.L.: s.n.] apud SCHECHNER, Richard. O que é performance? Tradução de Almeida. In: \_\_\_\_\_. *Performance Studies: an introduction*. 2 edition. New York & London: Routledge, 2006.

COMO DAR CONTA DE TUDO. Godllywood - Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/pt/diario-jj-como-dar-conta-de-tudo/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

CONHEÇA O PROJETO RAABE. Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<https://www.universal.org/sitegodllywood-raabe/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CONTINS, Marcia. Prefácio. In: GOMES, Edlaine. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 11-13.

CONTINS, Marcia. Resenha do Livro Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, 1997.

CONTINS, Marcia. Ritual e performance no espaço urbano: o caso das religiões afro brasileiras. In: CONTINS, Marcia; PENHA-LOPES, Vânia; ROCHA, Carmem. *Religião e Performance no Espaço Urbano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015. p. 67-84.

CONTINS, Marcia. Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos. *Revista Logos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 151-174, 2004.

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

COUTO, Márcia. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 357-369, 2002.

CURSO DE AUTOCONHECIMENTO TESTEMUNHOS. Godllywood - Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<https://www.universal.org/godllywood-raabe/post/curso-autoconhecimento-fiz-e-recomendo/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CURSO DE AUTOCONHECIMENTO. Godllywood - Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/pt/autoconhecimento-um-curso-que-leva-a-pessoa-a-conhecer-bem-a-si-mesma/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

DAWSEY, John et al. *Antropologia e performance: ensaios Napedra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

DROGUS, Carol. *Women, Religion, and Social Change in Brazil's Popular Church*. Notre Dame, Indiana, University of Notre Dame Press, 1997 apud ROSADO, Maria. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 79-96, 2001.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, Luiz et al. (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, pp. 15-50 apud BUSIN, Valéria. Religião, sexualidade e gênero. *Rever*, São Paulo, ano 11, n. 1, p. 105-124, 2011.

DULLO, Eduardo; DUARTE, Luiz Fernando Dias. "Introdução". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 12-18, 2016.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

FARIAS, Marcilene; FONSECA, André. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 6-42, 2010.

FELDMAN, Sérgio. A mulher na religião judaica. *MÉTIS: história & cultura*, v. 5, n. 10, p. 251-272, 2007.

FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 24, p. 127-152, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FREIRE, Ana Ester. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 13, p. 377-390, 2015.

FREIRE, Ana Ester. Perspectivas de gênero nos estudos da religião: contribuições das ciências feministas. *Interações*, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p.115-131, 2018.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: \_\_\_\_\_. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, [1973] 1989.

GIDDENS, Anthony. Gênero e sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 102-128.

GOFFMAN, Erving. *The interaction order*. *American Sociological Review*, n. 48, 1983, p. 1-17 apud BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday, 1959 apud BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-746, 2014.

GOMES, Edlaine de Campos. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

HOROCHOVSKI, Marisete. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 92-106, 2004.

LAMAS, Marta. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. *Proposta*, n. 84/85, p.12-25, 2000.

LANGDON, Esther. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: a Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. *ILHA*, Santa Catarina, v. 8, n. 1, p. 162-183, 2006.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Prosperidade” na Década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 7-35, 2008.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2007.

LIMA, Rita Lourdes de. Diversidade, religião e gênero. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 165-182, 2011.

MACEDO, Edir. *Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Universal, 2001.

MACEDO, Edir. *Nada a Perder 2: meus desafios diante do impossível*. São Paulo: Planeta, 2013.

MACEDO, Edir. *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 2005.

MACEDO, Edir. *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro, 2017.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios*. Rio de Janeiro: Universal, 1998.

MACHADO, Maria das Dores. O Pentecostalismo e as mulheres. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Rio Grande do Sul. Edição 329, 17 de maio de 2010. p. 22-25. Entrevista concedida a Graziela Wolfart.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p.71-87, 1997.

MACHADO, Maria. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996 apud MACIEL, Pollyanne. *Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembléia de Deus e a Bola de Neve Church, em Campina Grande – PB*. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015.

MACHADO, Maria. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados/ANPOCS, 1996 apud CONTINS, Marcia. Resenha do Livro *Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, 1997.

MACIEL, Pollyanne. A dinâmica das relações de gênero e a produção da mulher virtuosa no pentecostalismo evangélico. In: XII CONAGES - COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE, 2016, Campina Grande. *XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade*. Campina Grande: Realize, v. 1, 2016.

MACIEL, Pollyanne. *Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembléia de Deus e a Bola de Neve Church, em Campina Grande – PB*. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015.

MAFRA, Clara. "Gênero e estilo eclesial entre evangélicos". In: FERNANDES, Rubem et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p. 224-250.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*. v.10, n.1, p.121-158, 2006.

MARIZ, Cecília. Mundo moderno, ciência e secularização. In: FALCÃO, Eliane Brígida (Org). *Fazer Ciência e Pensar a Cultura: Estudos sobre Ciência e Religião*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006. p. 1-22.

MARIZ, Cecília. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 13, p. 37-53, 1995.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1935].

MISSÃO. Godllywood - Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.godllywood.com/br/missao/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

MUNHOZ, Alzira. *Feminismo e evangelização: uma abordagem históricoteológica à luz do conceito de evangelização das diretrizes gerais da ação evangelizadora na igreja no Brasil*. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Teologia Sistemática, Belo Horizonte, 2008.

NASON-CLARK, Nancy. Verbete: Feminist Theology. In: SWATOS JR., William. (ed.) *Encyclopedia of Religion and Society*. London, Sage, 1998, p.186 apud ROSADO, Maria. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 79-96, 2001.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NUNES, Tarcílio. O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Minas Gerais, v.1, n.35, p. 127-132, 2006.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. *Saúde e Sociedade*., São Paulo, v. 27, n. 1, p. 238-251, 2018.

OLIVA, Alfredo Santos. *O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do diabo no Brasil contemporâneo (1977-2005)*. 2005. 307 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005.

OLIVEIRA, Márcio. Representação social e simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira. *Revista de Ciências Humanas*. Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, 1999, p.173-193 apud HOROCHOVSKI, Marisete. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 92-106, 2004.

ORO, Ari Pedro et al. *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORO, Ari Pedro. O “neopentecostalismo macumbeiro”. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 320-332, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n.1, p.77-98, 2005.

PEREIRA, Edilson. As mulheres por trás da face de Cristo: apropriações, performances e ambivalências da Verônica. *Religião e sociedade*, v. 35, n.1, p. 193-152, 2015.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PROJETO RAABE. Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<https://www.projectoraabe.pt/page/5/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

QUEM SOMOS. Raabe - Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<https://www.universal.org/godllywood-raabe/quem-somos-raabe/>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

REZENDE, Marcos Vinícius. Corpo, experiência e performance: perspectivas teórico-metodológicas anti-conceituais. *Revista de estudos em linguagem e tecnologia*. v. 11, n. 2, 2015.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 79-96, 2001.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363-365, 2005.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p. 115-136, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.183-215.

SANTOS, Zilda dos. O ethos Discursivo da Mulher Virtuosa no Livro de Provérbios e sua Oposição na Enunciação Satírica em Juvenal. In: XVI CONGRESSO NACIONAL DE FILOLOGIA E LINGUÍSTICA, 2012, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*: Rio de Janeiro, v. 3, 2012. p. 2384-2394.

SARDENBERG, Cecilia. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília. (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR, 2002. p. 89-120.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.1, p.173-186, 2008a.



SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v.8, p. 1-8, 2008b.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? Tradução de Almeida. In: \_\_\_\_\_. *Performance Studies: an introduccion*. 2 edition. New York & London: Routledge, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKER, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Bárbara. A construção argumentativa da mulher v: um modelo a ser seguido. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. *Anais Eletrônicos*: Florianópolis, 2017. p. 1-12.

SILVA, Bárbara. O ethos como estratégia argumentativa no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Arredia*, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 6, p. 80-99, 2015.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p.11-27.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte (Org.) *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p.11-27 apud FARIAS, Marcilene; FONSECA, André. Relações de gênero e cultura religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 6-42, 2010.

SITE OFICIAL DA IGREJA UNIVERSAL. Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <[www.universal.org](http://www.universal.org)>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SOUZA, Alana. O Godllywood e a mulher virtuosa na IURD. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Pernambuco, v. 4, n. 2, p. 24-38, 2017.

SOUZA, Sandra de. Religião e secularização: o gênero dos discursos e das práticas protestantes. In: SOUZA, Sandra (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SOUZA, Sandra de. Revista mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, 2004.

STRANG, Bernadete de Lourdes; SANTOS, Fabiane. Para casar: as boas maneiras e a economia doméstica na formação das normalistas nas décadas de 1940 a 1960. *Imagens da Educação*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 14-23, 2017.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. Campo Religioso em transformação. In: CUNHA, Christina; MENEZES, Renata. *Religiões em conexão: números, direitos, pessoas*. ISER, Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A Mulher Universal: corpo, gênero e pedagogia da Prosperidade*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. Mídia e Performances de Gênero na Igreja Universal do Reino de Deus: o desafio Godllywood. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro. v. 34, n. 2, p. 232-256, 2014.

TURNER, Victor. The Anthropology of Performance. In: \_\_\_\_\_. *The Anthropology of Performance*. New York: PAJ Publications, 1992 apud PEREIRA, Edilson. As mulheres por trás da face de Cristo: apropriações, performances e ambivalências da Verônica. *Religião e sociedade*, v. 35, n.1, p. 193-152, 2015.

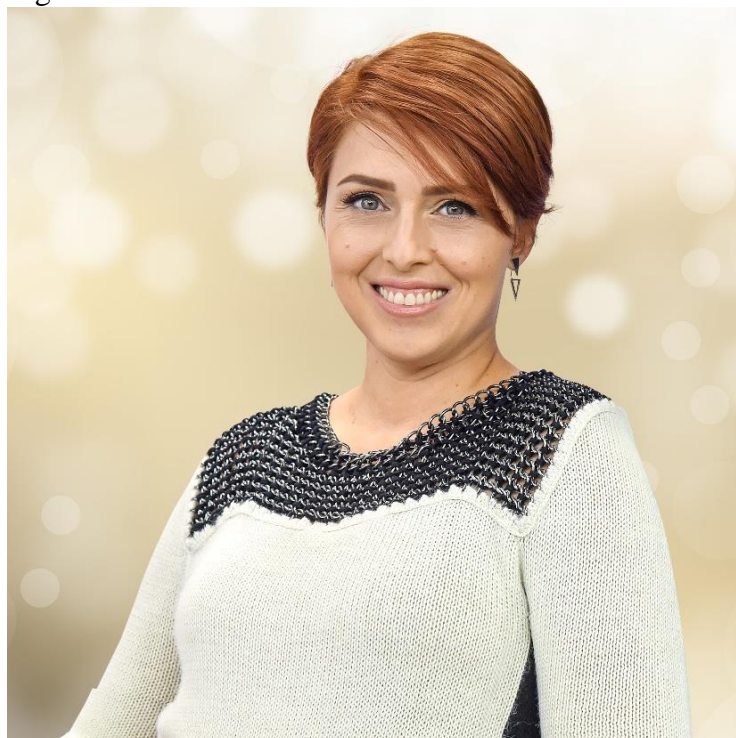
VELOSO, Sainy. Entre tablados e arenas: performances culturais. *Urdimento*, v.2, n.23, p. 188-205, 2014.

WOODHEAD, Linda. [no prelo]. *Revista eletrônica de Estudos da Religião*, nº 4, 2001 apud ROSADO, Maria. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 79-96, 2001.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Revista Estudos de Sociologia*, v. 18, n. 34, p. 77-100, 2013.

WOODHEAD, Linda. Mulher e gênero: uma estrutura teórica. *Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 1-11, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 07-72.

**ANEXO A – Figuras****Figura 1 - Foto de Cristiane Cardoso**

Fonte: SITE OFICIAL DA IGREJA UNIVERSAL. Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <[www.universal.org](http://www.universal.org)>. Acesso em: 02 ago. 2018.

**Figura 2 - Foto de Cristiane e Renato Cardoso**

Fonte: SITE OFICIAL DA IGREJA UNIVERSAL. Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <[www.universal.org](http://www.universal.org)>. Acesso em: 02 ago. 2018.

Figura 3 - Foto da Godllywood *Pledge Night* 2015



Fonte: acervo pessoal.

Figura 4 - Foto da vestimenta das voluntárias do Raabe



Fonte: <https://www.universal.org/sitegodllywood-raabe/>

Figura 5 - Foto da sala do Curso de Autoconhecimento



Fonte: acervo pessoal.

Figura 6 - Foto do certificado de conclusão do Curso de Autoconhecimento



Fonte: acervo pessoal.

**ANEXO B** – Lista de tarefas/desafios do Godllywood 2019-2020

- 1- Deus não nos vê como as pessoas, nem como nós mesmas. Ele vê o seu interior, portanto escreva em seu caderno: quem Deus vê quando olha para você?
- 2- Responda em seu caderno: quem as pessoas que moram com você, sejam elas parentes, familiares ou *roommates*, veem quando olham para você? Seja sincera para que este desafio possa lhe ajudar!
- 3- Quem as pessoas que trabalham ou estudam com você veem quando olham para você? Seja sincera e não escreva aquilo que você gostaria que elas vissem e sim o que elas veem na verdade. A sinceridade é o caminho mais curto para transformação total. Escreva no seu caderno.
- 4- Quem você vê quando se olha no espelho? O que realmente você pensa de si mesma e que não compartilha com ninguém? Escreva em seu caderno.
- 5- Escreva em seu caderno o que você aprendeu sobre si mesma e o que fará a respeito. Não adianta se entristecer, o que vale é fazer algo a respeito.
- 6- Medite em Provérbios 13:17 e escreva em seu caderno o que entendeu. Meditar é examinar, pensar, raciocinar, entender, se perguntar e achar o que está nas entrelinhas.
- 7- Tire um tempo para se ajoelhar diante de Deus e contar para Ele o que se passa com você hoje. Deus sabe o que se passa dentro de cada uma de nós, mas mesmo assim Ele quer nos ouvir, pois assim O convidamos para nos ajudar.
- 8- Gente que não acrescenta, atrapalha, principalmente a nossa fé. Pare de seguir quem não é da sua fé e escreva a lista de quem foi removido/a de suas redes sociais em seu caderno.
- 9- Em seu caderno e com toda sua sinceridade escreva o que a sua vida tem pregado àqueles que te conhecem ou te seguem nas redes sociais.
- 10- A Palavra de Deus nos ensina a resistir ao mal, mas será que você tem só resistido ao mal ou também tem resistido a conselhos, ajuda, carinho, amizade ou novidade? Escreva em seu caderno a quem e a que você tem resistido e por quê.
- 11- Enfrente a sua timidez e diga “EU TE AMO” às pessoas que você ama mas nunca ouviram isso de você. Escreva em seu caderno a lista com os nomes.
- 12- Ore o “Pai Nosso” hoje.
- 13- Faça uma limpeza em seu armário e remova tudo o que você não usa mais e doe para alguém que precise. Não venda. Mais bem-aventurado é quem dá do que quem recebe.
- 14- Faça algo corajoso hoje mas para que essa experiência te abençoe, escolha algo que você nunca tenha feito e escreva em seu caderno sobre sua experiência.

- 15- Medite em Provérbios 13:20 e escreva o que você fará a respeito do que Deus falou com você nessa passagem.
- 16- Ore por alguém que você evita até de falar o nome. Isso vai lhe ajudar a eliminar mágoas que só fazem mal a você mesma. Escreva o nome ou os nomes dessas pessoas em seu caderno.
- 17- Faça a tarefa que você ainda não fez direito de novo. “Melhor que nada” é desculpa de gente preguiçosa.
- 18- Medite sobre “Eva” e escreva a respeito em seu caderno. Por que Eva foi criada da costela de Adão? Por que Eva induziu Adão a comer do fruto proibido? Quem foi Eva diante de Deus?
- 19- Passe tempo com a sua família, mesmo que ela não mereça.
- 20- Perdoe a si mesma e a quem te magoou para que Deus te perdoe também.
- 21- Onde e como você tem sido indefinida? Escreva em seu caderno.
- 22- Fale o que você tem que falar com quem você tem que falar hoje. Pare de deixar isso para depois.
- 23- Faça algo pela sua saúde física nos próximos 3 dias.
- 24- Lembra-te, pois, de onde caíste... medite e escreva em seu caderno
- 25- Arrepende-te... o que você pode fazer para mostrar o seu arrependimento? Escreva em seu caderno.
- 26- Você está precisando de um conselho? Agende hoje mesmo um horário com a esposa do pastor da sua igreja. Se não está precisando de conselhos, se apresente a esposa do pastor e fale para ela que você está fazendo os desafios Godllywood.
- 27- Pratique as primeiras obras. Quais foram elas? Escreva em seu caderno.
- 28- O que é espírito excelente? Escreva em seu caderno.
- 29- O que lhe falta para ter um espírito excelente? Escreva em seu caderno.
- 30- Faça uma nova amizade essa semana e escreva sua experiência em seu caderno.
- 31- Conte sobre uma experiência sua com Deus para a nova amizade que você fez no desafio anterior e escreva em seu caderno como foi a reação dela a respeito.
- 32- Dê algo seu que você gosta e que tem a sua cara para a sua nova amizade do desafio 30. O que você der para ela vai lembra-la de você sempre.
- 33- "Qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus". O que isso quer dizer? Escreva em seu caderno.
- 34- Leia sobre Jezabel e escreva em seu caderno o que o mundo e Jezabel tem em comum.



- 35- Ore pelos servos de Deus tanto em seu bairro quanto em sua cidade, estado, país e por todo mundo.
- 36- Ame alguém hoje fazendo algo que mostre o seu amor. Escreva em seu caderno a sua experiência.
- 37- Faça um carinho em alguém da sua família. Mesmo que você nunca tenha sido carinhosa.
- 38- Procure no dicionário o que significa a palavra “hipocrisia” e escreva a definição em seu caderno, avaliando-se a si mesma.
- 39- Procure na Bíblia passagens que falam sobre os hipócritas e escreva em seu caderno as referências bíblicas que mais chamaram a sua atenção.
- 40- Na sua sinceridade, escreva em seu caderno sobre onde e como você tem sido hipócrita.
- 41- O que você precisa mudar, deixar de fazer ou começar a fazer para não ser mais uma hipócrita nesse mundo? Escreva em seu caderno.
- 42- Baixe o aplicativo da Igreja Universal para acompanhar os *podcasts* e os *blogs* diariamente.
- 43- Durma umas horinhas a mais.
- 44- Você tem sido uma pessoa emotiva? Escreva em seu caderno.
- 45- Quais as desvantagens em ser uma pessoa emotiva? Escreva em seu caderno.
- 46- Que tipo de música você ouve? Ela fortalece seu emocional ou seu racional? Escreva em seu caderno.
- 47- Comece a fazer a *Terapia do Amor* pela sua vida amorosa. Não fuja do assunto, não evite falar nele, não faça parte da estatística de pessoas que deixam a fé devido a essa área da vida.
- 48- Tome uma atitude de fé acompanhada de sacrifício. Depois escreva em seu caderno como foi a sua experiência.
- 49- Medite no Salmo 40 e escreva em seu caderno como você pode pratica-lo na sua vida.
- 50- Onde e como você tem deixado de confiar em Deus? Escreva em seu caderno.
- 51- Faça um penteado novo e poste em suas redes sociais usando #desafiogodllywood51. Caso você não saiba fazer um penteado, use um acessório no seu cabelo, faça algo diferente, procure aprender, use os benefícios da Internet para se aprimorar naquilo que você ainda não desenvolveu em si mesma.
- 52- Ore pela Igreja de Jesus no mundo todo, para que Deus venha abrir as portas, destruir as armadilhas do diabo e levantar trabalhadores para Sua Seara.
- 53- Decida não se lembrar do que precisa ser esquecido na sua vida. Escreva no seu caderno tudo que você precisa enterrar no passado.

- 54- Chegue mais cedo na próxima vez que você for à igreja e fique em espírito de oração para Deus falar com você. Leve sua Bíblia e o seu caderno, pois o que Ele falar com você, você deverá anotar.
- 55- Baixe e assine o *Univervideo* para você acompanhar as meditações bíblicas. O valor da sua assinatura não tem comparação com o valor do seu crescimento espiritual!
- 56- Procure no dicionário a definição de “ vaidade ” e escreva em seu caderno como ela tem se manifestado em você.
- 57- O que significa entregar o seu passado, presente e futuro nas Mãos de Deus? Você já fez isso? Se já, deixou desde de então nas mãos dEle ou resolveu pegar de novo? Responda em seu caderno.
- 58- Escreva uma carta de amor para o Senhor Jesus e entregue no Altar na próxima vez que for à igreja.
- 59- Faça as unhas mas evite usar cores que não são nada femininas nem discretas, como azul, verde, amarelo ou preto. Evite desenhos também, pois suas unhas não são acessórios para o seu *look* e sim um complemento para uma das partes do seu corpo que mais aparece.
- 60- O que Deus tem falado com você ultimamente? Por quê? E o que você tem feito a respeito? Escreva em seu caderno.
- 61- Em que você poderia se atualizar mais? Por quê? Como isso te ajudaria no dia a dia a servir a Deus melhor? Escreva em seu caderno.
- 62- Em que você tem sido acomodada na sua vida? Por quê? Como você pode reagir? Escreva em seu caderno.
- 63- Em que você poderia ser melhor? Por quê? Como? Escreva em seu caderno.
- 64- Você reconhece o valor da Igreja que o Senhor Jesus estabeleceu para nós? Sabe o papel que ela tem na nossa vida? Grave um vídeo parabenizando a sua “ mãe espiritual ”.
- 65- Faça uma pesquisa sobre o que é ser discreta e indiscreta e o que a Bíblia fala a respeito. Escreva em seu caderno.
- 66- Medite sobre o Salmo 103. Preste atenção em como o salmista reconhece a Deus, o que Ele faz e o que Ele espera de nós. Escreva em seu caderno.
- 67- Escreva em seu caderno uma lista dos benefícios que Deus te deu.
- 68- Medite sobre Noé e escreva em seu caderno sobre o que esse homem tem tanto para nos ensinar nos dias de hoje.
- 69- O que significa andar com Deus? Como você poderia andar com Deus? Escreva em seu caderno.
- 70- Peça perdão a alguém que você magoou recentemente. Escreva em seu caderno a respeito.

- 71- O que você vai fazer para exalar o perfume de Jesus essa semana? Escreva em seu caderno.
- 72- Ore por alguém, especialmente por quem você não ora normalmente.
- 73- O que você pode fazer hoje para agradecer o Espírito Santo? Escreva em seu caderno.
- 74- O que significa a palavra "tolo" que o livro de Provérbios tanto fala a respeito. Não procure saber o que o Google diz a respeito, mas a Palavra de Deus.
- 75- Arrume seu armário e suas gavetas por cores. Se há muita coisa, veja o que você pode doar para não ficar com um armário apertado e desajeitado, difícil de organizar e achar qualquer coisa.
- 76- A sua casa reflete você, se ela não é bem cuidada é porque por dentro você também não é. Faça uma faxina bem-feita em todos cômodos de sua casa.
- 77- Quem ama cuida. Quem cuida quer dar o melhor para quem ama. Quem quer dar o melhor, aprende a dar o melhor. Faça uma refeição bem caprichada para sua família ou para as pessoas que moram com você. E caso você more sozinha, aproveite para convidar as amigas para essa refeição.
- 78- Você não precisa ser uma cabeleireira para ser criativa com o seu cabelo. Faça algo novo hoje, prenda, enrole, amarre, escove, faça uma trança ou um coque, mas faça para glorificar a Deus e não para competir com ninguém.
- 79- A feminilidade não está só na sua forma de falar ou de se comportar, mas também em como você se veste. A saia ou o vestido, que muitas das vezes são associados a mulheres fúteis ou mimadas, são duas das vestimentas mais femininas e discretas quando usadas de forma apropriada. Use um vestido ou uma saia essa semana sem transparência, sem decotes fundos e sem marcação.
- 80- Nossos relacionamentos refletem nosso relacionamento com Deus. Mesmo que um não mereça, faça a sua parte neste relacionamento como Deus tem feito com você. Agrade a sua mãe.
- 81- Se você fez todos os desafios até aqui, terá um antes e depois de você. Escreva em seu caderno a respeito dessas mudanças e quão significativas elas foram na sua vida e fale a respeito com outras mulheres.